Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 172 Quinta-feira, 25 de Setembro de 1986 Preço 40$00

"Bomba política" surpreende Chirac em Nova Iorque

"SECRETA" FRANCESA NEGOCIOU ATENTADOS

Chirac: os americanos travaram a negociação

O primeiro-ministro francês Jacques Chirac autorizou os serviços secretos franceses a encetaram conversações com extremistas árabes no sentido de se evitar a onda de atentados que recentemente se abateu sobre Paris. A notícia, ontem divulgada pelo jornal «Le Canard Enchainé», surpreendeu Chirac em Nova York onde afirmara que nunca negociará com terroristas. Mas segundo aquele jornal, agentes franceses mantiveram conversações com as « Facções Armadas Revolucionárias Libanesas» e chegaram mesmo a ter ordens para lhes prometerem a libertação do seu suposto líder, Georges Abdallah, detido em França. Uma fuga de informações acabaria por levar ao fracasso das negociações: aparentemente, os EUA não gostaram das contrapartidas oferecidas pela França.

Pág. 11

Vítor Constâncio: mais um desafio sem resposta?

Repto de Constâncio a Cavaco: frente a frente na TV

Pág. 7

Ernani Lopes pode considerar-se vingado

Banco de Portugal reconhece: política do anterior Governo estava certa

Pág. 13

Transportadora diz que não há indícios de motivações políticas

Problema "meramente burocrático" levou à detenção de avião da TAP em Lusaca

Pág. 10

Tempo de emigração e de exílio

A. Vicente Campinas

Frequentemente, a saudade vem à baila. Onde quer que haja portugueses, a saudade está presente. Felizes ou infelizes, conformados ou inconformados, a saudade mete em cada um de nós, a cada momento uma recordação, uma punhalada de tristeza, mesmo de sofrimento. Sucede até, às vezes, que ela, mercê das suas artimanhas e subterfúgios, arriba a meter afiadas bandarilhas de desespero num ou noutro opulento senhor, cansado da distância e da longa ausência do lugar natal da sua predilecção.

É verdade que os batalhadores pela conquista do pão de cada dia sofrem mais directamente e persistentemente a sua pressionante visita. E isso por causas materiais, indissoluvelmente ligadas às do espírito, que forçam os trabalhadores a sujeitarem-se a não desejados isolamentos.

A saudade é como que a outra metade do corpo que nos serve de permanente presença. Acompanha-nos como grudada sombra que de forma alguma se separa de nós. Ou talvez acompanhe a outra metade com que, por vezes, e sem se saber como, o coração se deixa enfeitiçar por ela. É como que uma possante mola pronta a saltar, a todo o momento, a barreira da conveniência ou da alegria e, ao menor gesto incontrolável, pegar lume à dor, muita das vezes nas mais simples tentativas com que o isolamento nos ameaça, para entristecer ainda mais a tristeza de não se poder ser quem é em terra estranha!

A propósito das pequenas, ou das grandes, urgências, fala-se na saudade. Sente-se e sofre-se o seu imprevisível peso, (tão pesado!) a sombra da ameaça da sua frígida solidão, a dureza do seu temperamento de doentia morbidez, o ambiente de angústia de que ela é tristemente rica e esbanjadora. Às vezes, um inesperado movimento de protesto ou de solidariedade é o suficiente para desencadear uma avalanche de recordações. Ou basta um assomo de compreensão humana em relação aos mais atormentados que nós, para desencadear todos os fiosinhos de que é composta e que possuem uma missão para movimentar a nossa sensibilidade, como incondicionais marionetas de que cada um de nós se disfarça perante a realidade das coisas e, até, da própria vida!

A ideia é viva, como é viva a lembrança. E a recordação traz colada a si, dentro de nós, longe de nós, a sombra-sol da saudade. Assim, jamais se faz rogada, qualquer que seja a solicitação, venha ela de onde vier. Saudade é sombra viva colada, indissolúvel, ao espírito português. Mesmo até quando a lembrança desfavorece a sua vinda, a saudade surge do inesperado, mete-se de permeio nas gentes como afiada cunha de aço que procurasse separar o tronco de uma velha árvore das suas pernadas mais resistentes e eficientes.

Fala-se, normalmente, de saudade, como um elemento sentimental. Sente-se o seu estranho peso como factor de adoçicado desespero acondicionado no regaço da expectativa. Sofre-se o seu volume de angústia, sem se saber ao certo de onde vem, que se dispersa e se reagrupa sem jamais permitir que seja localizada a sua misteriosa origem. Não apenas como elemento de inconformismo a saudade está presente em cada português. Ela aparece, por vezes, também, como sujeito decorativo. Ou de composição acidental. Ou, até, como uma falsa necessidade de uma identificação do indivíduo consigo próprio. Ou com a cor do perdido instante da raiz do seu nascimento. Ou, ainda, como urgência de identificação com a expressão da própria origem.

Sabe bem, por vezes, sentir as aveludadas mãos da saudade. Ser-se acariciado pela macieza indefinida de sonhadas ternuras. Outras vezes, até, pelos lanhos profundos com que ela desperta a lembrança e a fere como indefesa avezinha caída do seu ninho. São como que garras de veludo que sangram e fazem bem. Anseio por alguém que nos é querido e que ficou enredado na neblina da insondável distância. Desejo por quanto se teve e se perdeu ou nos vimos forçados pelas circunstâncias a abandonar sem remissão. Lembrança de um olhar, de um sorriso, de um abraço, até mesmo de abraços que apenas se esboçaram e não foram realidade, de ternas amizades que a distância tenta desfazer através da roda invisível do tempo. E esse saboroso gosto amargo da saudosa lembrança aproxima (ou, por vezes, dá a sensação de aproximar) o sonho da realidade. Ou, então, o perdido sonho de uma nunca alcançada realidade. Ou, ainda, o sonhado sonho de uma (intocada?) aproximação de traços paralelos e cruzados, testados por sonhada e doentia realidade.

Pode acontecer (como também jamais poderá acontecer) que a invenção de uma gota de amor se transfigure em profunda saudade. E que a força de ânimo que tanto anima quem sonha, de quem sonha de olhos espantados para a luz, possa dar à gota de ternura, à lágrima de amor, uma força de excepção! E que ela, assim engrandecida, venha a encher uma vida — um mundo! — do perfume das mais belas aventuras sentimentais. Ou que possa ser de tal forma sedutora e possante que arraste em triunfo uma vida de maravilhoso realismo de um significativo sonho! Com o segredo, o mistério, a força da clandestinidade cúmplice tudo é possível. Tudo pode acontecer. Até mesmo transformar a dor da ausência num possante elemento de alegria!

— Perde-se um amor. E a saudade acicata a lembrança, o sentimento de frustração, a dor de um precioso bem diluído nas ondas do imenso mar da vida. E defraudado de tamanho suporte desse equilíbrio espiritual e até físico, sente-se em seu lugar um punhal de desesperação, ou de triste e jamais curada resignação, que sem se saber como pode, ainda e sempre, prolongar a esperança no sonho;

— Perde-se um amigo, que a prisão ou a morte levou para remotas paragens, para os confins da lembrança. E a saudade acende, sempre e mais, os débeis fios da recordação, numa sensação de funda angústia recalcada e alertada, jamais adormecida. A saudade acende os sensíveis extremos da lembrança, cria simbolismos com dez réis de nada e acaba por forjar fantásticas virtudes nunca de antes aceites pela realidade, numa tentativa de reacender-se, muitas das vezes em vão, uma presença fantasista, unicamente filha da ausência sem tédio e sem remédio, sem aceitação nem resignação;

— Perdem-se momentos de euforia, sensações de grande beleza, e logo a lembrança encarrega-se de catalogá-la e arquivá-la para, quando surgirem os momentos de incerteza e de desesperação, trazê-las à presença da memória ainda aturdida pela irrealização de certos sonhos e desejos, arquitectados pela imperiosa necessidade de sonhar, mas só possíveis e reais na imaginação das gentes;

— Perdem-se a casa, o pão e o vinho, o calor do meio ambiente em que se nasceu e se foi criado. Em que se foi criado e amimado, em que se irmanou aos escolhos e às flores. Ou até escoiceado pelos desabridos cavalos das dificuldades sem perdão. Em que a dureza da batalha para se não perder o lugar nesses lugares amantes do coração, mesmo eriçados de espadas e de ostracismo, proporciona uma rica experiência, por vezes negativa, vincada na força de carácter de cada um, deixando cicatrizes de uma frustrada virilidade sem reservas, cicatrizes das durezas ultrapassadas pela experimentação das mais confusas emoções, pela perda dos sítios do coração onde a saudade poderia ficar a viver bem;

— Perde-se o eixo familiar, o centro do mundo familiar, o lugar de predilecção onde a lembrança do lar se apega como o vento à montanha. Corta-se o fio umbilical que liga as pontas da ponte onde se encontram os laços do sangue/suor, amor/família, experiência/ambiente, onde se deposita e se afirma quanto de nós tem uma razão de ser e de subsistir;

— Perde-se a pátria, no ganho do exílio. Perde-se a presença do que é nosso (ou supomos honestamente que nos pretence...) por uma tolerada presença do que é alheio, contra o próprio sentimento, e que não se sabe nem se consegue encontrar uma plausível explicação. Conquista-se a fina sensibilidade da alma estrangeira e quase sempre inacessível na carapaça que desconforta o coração. Vêm em seguida os cuidados da doente presença da ausência que toldam e angustiam o espírito e a inteligência. E a sensação de frustração, de iminente derrota, ganha degraus na altura, num pressentimento de fim que se aproxima... A saudade/ansiedade, a saudade/necessidade, a impressão de desconforto, num desfasado conforto moral raramente atingido, plantam-se na mente do mais sensitivo, do mais desprevenido dos impacientes, como se cada ser fosse obrigao a ludibriar o coração, como se, para acalmar a angustiosa pressão desmoralizante, um deus qualquer prometese dar-nos de presente a terra ausente, a nossa terra, a terra dos nossos amores e desamores, tão longe dos nossos olhos, tão dentro do nosso coração. E a fria realidade ri-se de quanta esperança/sofrimento,de quanta revolta de burma se passou, sem nada se ter apercebido da irreal presença da saudade...

Tudo isso dá origem, nos imigrados, à presença da irmã do nosso presumível destino a nós colada como as águas aos oceanos. Da presença suportável/insuportável da irmã gémea dos portugueses na estranja: — a saudade. A saudade, alimentada e reconfortada com as nossas próprias ansiedades, com as nossas estranhas ideias, forjadas por ambições que não passam de elementos ocasionais e contraditórios, sempre emocionais, postados junto de nós, ao alcance dos nosso sonhos, na outra margem onde dificilmente se consegue chegar... De ambições e de sonhos alargados e adulterados pelos imperativos de um desejo estranho à realidade. De sonhos sem outra origem e consequências que não sejam aos do milagre criado pelos recursos da distância, regados de ternura, amenizados pela intenção, sempre vitalizados pela dor da ausência, pelo temor da impossibilidade de vir a descobrir um dia de sol no meio da noite de negridão.

Quando determinadas circunstâncias — pão, paz, liberdade — empurram homens e mulheres para a expatriação, logo a saudade se cola à alma de cada emigrante, como parte activa e passiva, premente e permanente, do exílio. Come à mesa com o emigrante. Dorme com ele na mesma enxerga. Afoga com ele , no álcool ou na loucura, as pequenas vitórias e derrotas do dia-a-dia de imprudente resignação. Partilha dos seus sonhos, das suas aspirações, dos mesmos receios, das mesmas angústias por vezes desmesuradamente endurecidas. Vai até ao ponto de esticar, de alargar, de aprofundar a tristeza por uma côdea de decepção, sempre que a «doença do país» ataca o exilado. Toda a actividade, toda a produção, todo o trabalho criador dos imigrados, nesse dias sem portas de saída, nesses asfixiados dias de **cafard**, se resumem na doença da rotura, do nefasto isolamento, da crença entre os dois pólos fundamentais da atracção: — a terra e o homem, a pátria e o imigrado. Essa angústia, intnsificada por numerosos factores, insuflada pelo desespero, ataca sem perdão. E a ela não nos podemos furtar. É um estado de angústia a que nenhum imigrado pode eximir-se, qualquer que seja o seu nível de compreensão e de cultura, o seu poder de encaixe no bater do sacrifício, a elevada força da sua necessidade de compreensão.

Os franceses chamam-lhe a «doença do país». Nós, menos desenvolvidos, menos intelectualizados, chamamos-lhe, muito simplesmente, saudade. Agudez da saudade. Doença pressionante e impressionante, provocada pelo «tempo de exílio».

Um homem à solta...

NÃO é segredo. Para muitos não será novidade. As gazetas falam. Vive, para as bandas do Príncipe Real, a esta cidade de Lisboa, donde partiu à procura de ar livre, e de espaço, regressado, um português chamado Agostinho da Silva. Andou lá por fora um ror de anos. Foi discreto, o regresso, esquecido, durante algum tempo, o seu estar aqui. Mas um homem, como ele, de pensamento e de acções, não podia ser uma presença ignorada.

Só podemos congratularmo-nos com o facto de Agostinho da Silva, na recordação dos mais velhos, e no alvoroço admirativo dos mais novos, despertar o calor dos reencontros e das descobertas. O homem nos seus oitenta anos rijos e sábios, feitos de muito viver, de muito imaginar, de pensar o amor e de amar o pensamento, pecador do orgulho de ser livre, é fascinante. Sem compromissos. Sem embaraços. Sem amarras. Livre. Solto.

Da «Seara Nova» e do «Núcleo Pedagógico Antero de Quental», dos cadernos seareiros das «Glosas», dos cadernos de «Iniciação», das Biografias e das Antologias, de intenção pedagógica, por terras espanholas e portuguesas da América, com encontros marcados com António Vieira, Fernando Pessoa e Jaime Cortesão, Agostinho da Silva, fez uma longa navegação e contra o vento, bolinando, sempre pronto para a largada para o reinício da aventura, «de vela içada sem ficar muito ansioso de estar com a mão no leme». Navegar no mar ignoto, sempre desconhecido para o amador de o conhecer; caminhar no tempo, no saber, no reflectir, no imaginar. Sem sentir, todavia, a ansiedade de segurar o leme, quanto a ter mão no leme representa de vontade de poder, de marcar rumo certo à aventura incerta que é viver. O leme — para quê? Navegação livre. Solta.

O repúdio do rumo certo, o preferir ser «vela» a ter o «leme», ser o «poeta solto» e pensar, em liberdade, a liberdade, sem escola, sem alinhamentos, sem dogmas, são motivos de sedução para os auditores e leitores de Agostinho da Silva. E é aliciante a fala exortativa: «O português, fundador do Quinto Império, tem que ser o acordador de todos os povos do Mundo, daquilo que é o destino da gente.» Aliciante, profética, nebulosa.

Não se reduza, contudo, à atitude poética livre e solta, a lição do pensador, a sua «invenção do futuro». O discurso fluente, e os lances de enganadora improvisação, filham raízes numa cultura sólida, anos de estudo e de reflexão, um espírito aberto às contribuições dos vários saberes e às audácias da investigação. Contou-me um dia Jaime Cortesão, de quem, por algum tempo, Agostinho da Silva foi colaborador e familiar, que a intelectuais brasileiros que lhe perguntaram qual era a especialização de Agostinho, teria respondido: «A Enciclopédia». Querendo dizer — por outra expressão não lhe ocorrer — que era homem de universal saber, curioso e versado na rosa-dos-ventos das ciências e da cultura humanista.

Agostinho da Silva

Sentados: Pedro Nascimento, António Sérgio, Fernando Rau, Agostinho da Silva. De pé: Álvaro Salema e Castelo Branco Chaves

Que os admiradores que o descobrem se não iludam. De muito trabalho, e de intensos dias, acaso de horas amargas, terá ele construído estes discorrer espontaneo e esta tranquilidade filosófica. Nem só «para ver o mundo» Agostinho da Silva fez jornada. Nem só para cumprir um destino português.

Outros povos terão nascido na História, com o mesmo destino traçado: «ver o mundo». Mas é **o português** que lhe interessa. O homem que na Língua Portuguesa se exprime? Sim. Di-lo Agostinho da Silva. O homem que se exprime nesta nossa língua independentemente da naturalidade, da nacionalidade, da raça: «...seja chinês, moçambicano, ou viva em Trás-os-Montes ou no Algarve». O homem de um Portugal, anunciador mítico do «Quinto Império», e que «não é o portugalzinho, aquele rectangulozinho extremamente simpático e agradável que vai do Minho at é ao Algarve, mas que é um Portugal, o da Língua Portuguesa, o que vai até Moçambique, Macau e Timor.» Um Portugal que não é um mito, mas um espaço cultural. Não integrável na CEE (esse «departamento de secos e molhados da Europa») que ele nega, porque Portugal partiu da Europa, foi «ver o mundo» e inventar no mar, caminhos; nos caminhos do mar, terras; no céu, estrelas.

Ao mito, a plenitude e o vazio do mito. Não se reduz a uma interpretação pessoal de «mensagens» (a de Vieira, a rosacruciana de Pessoa), nem a uma retórica futurante rasgada de fulgores poéticos, a leitura agostiniana do culto popular do Espírito Santo. (Neste ponto, não podemos esquecer Jaime Cortesão.) Um menino-imperador? Dá que pensar. E «para além da coroação do menino, há a grande festa que é o banquete gratuito». O mito da abundância sem esforço, sem o suor do nosso rosto e o cansaço dos nossos braços. «Esse ideal num mundo futuro, é o que defende que todos os banquetes — o de comer, de vestir, de habitar, de passear, de aprender, o que se quiser — sejam inteiramente gratuitos.» Proclamá-lo é motivo de «atrapalhação dos políticos». (Será?). Um utopismo radical — «Um caminho certo para a economia seria encontrar a maneira de abolir o trabalho» —, e um crédito às possibilidades tecnológicas novas — «o trabalho está-se abolindo a si próprio» —, vão no fluente discurso a par com a caracterização da «moda mais recente» — «o liberalismo dentro do capitalismo». Nem a CEE, nem o «neo liberalismo». Nem a «obrigatoriedade do trabalho» qualquer que seja, na diversidade dos sistemas, o sinal político da coerção.

Na nebulosidade utópica, perspectiva-se um objectivo claro: «a ideia de construir um Portugal que seja o melhor possível dentro das suas fronteiras». O 25 de Abril trouxe «a liberdade de pensar e de agir em Portugal», «abriu às pessoas a possibilidade de iniciativa». Releve-se quanto foi culturalmente positivo: «Não era possível pensar o que hoje se entende do domínio da Língua Portuguesa se a ditadura tivesse continuado.» E Agostinho da Silva, à fé do registo que temos presente de palavras suas numa conversa solta, sublinha conclusivamente: «Logo, todas as ideias neocolonialistas de renovação do domínio imperial são inteiramente tolas». Resta **fabricar** — a palavra é de Agostinho — a partir do barro humano e do barro das palavras, uma «comunidade de países que falam a língua portuguesa»., Por essa via não se refaz o império, nem se renova o mito. É a da realidade da nossa política, a do nosso actual «império» possível, agora democraticamente partilhado com parceiros em direitos iguais, senhores dos seus destinos, soberanos.

Para essa realidade cultural, cumpre-nos acordar os outros povos que comparticipam na fraternidade da palavra. Com eles cartografar o continente da Língua Portuguesa; esse espaço cultural em expansão.

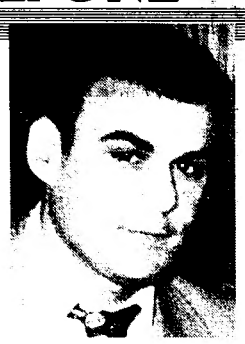
Outra tarefa, porém, nos é proposta. Um poeta convidou-nos a descobrir Portugal em Portugal. Com ele está Agostinho da Silva em sintonia: «Regressar a Portugal, fazer um país donde mais ninguém seja expulso e que permita, sem qualquer restrição, a possibilidade de irem daqui todos aqueles que querem ir ver o mundo para cooperar com todos os povos que também querem ver o mundo, sem lhes levar nenhuma ideologia ou religião, mas, apenas, o sopro para perceberem de que são capazes de construir a vida...».

O sopro...A iniciativa...A liberdade como caminho para a liberdade. Fixemos esta lição do filósofo, do poeta, que, socraticamente, responde perguntando, e se dá, ele próprio, como exemplo de ser livre e solto. De ser, no temporal do mundo, um homem consigo em paz e à solta.

P.S.1 — A publicação deste texto na série de notas cursivas que têm aparecido sob a epígrafe «Política de A a Z», justifica-se, além do mais, pela proposta que fazemos aos leitores: meditar nas razões políticas que explicam a atracção que Agostinho da Silva exerce.

P.S.2 — As frases entre comas são extractadas de uma entrevista realizada por Carlos Câmara Leme **in** «JL», Ano VI, N.º 219.

AO TELEFONE COM Marques Júnior



"Alianças do PRD? O que se diz não passa de pura especulação

Depois de um longo interregno, o «DL» recomeça hoje a publicar a secção **Ao telefone Com...** O major Marques Junior, deputado do PRD, foi a figura escolhida para o primeiro telefonema — e obviamente tal escolha não acontece por acaso. Marques júnior, desde sempre um militar de Abril, condecorado com a Ordem da Liberdade, é uma referência inquestionável do movimento libertador. De há doze anos a esta parte é uma figura publicamente enolvida na democratização do País — primeiro no movimento militar que dos quartéis saiu para as ruas, depois no Conselho da Revolução, mais tarde de novo nos quartéis e agora, após as últimas legislativas, na Assembleia da República.

Por aí começámos: um ano vendo o Parlamento por dentro. Que balanço, que impressões...

«A primeira coisa que lhe posso dizer é que tinha a ideia, antes de entrar para a Assembleia da República, que aí se trabalhava menos do que na realidade se trabalha.»

«Fica-lhe bem dizer isso... Agora está lá dentro...»

«O senhor, que me conhece, sabe que não é por nada disso que o digo. Sei que a imagem pública da Assembleia não será a mais favorável, e eu próprio, como lhe disse, pensava que no Parlamento se trabalhava menos. Isto apesar de há bastante tempo desempenhar funções que me permitiam ter — diria mesmo que me obrigavam — contactos estreitos com a Assembleia...»

»...Resumindo: considera, ao fim de um ano de trabalho como deputado, que na AR se trabalha bastante. É isso?»

«Sem dúvida. Não quero no entanto deixar de dizer que, na Assembleia, como de resto em muitos outros lados, grande parte do peso do trabalho cai sobre um número reduzido dos seus membros. A verdade, porém, é que há gggggrande esforço, pelo menos por parte dos deputados, para responder às numerosas solicitações que diariamente chegam a S. Bento.»

«Solicitações? Quais? De quem?»

«Como sabe o trabalho parlamentar não se resume às propostas de lei, aos conflitos entre partidos ou entre estes e o Governo... Há solicitações feitas directamente pelos cidadãos, pelas Comissões de Trabalhadores, pelos Sindicatos, por diversas associações.»

«E essas solicitações têm resposta adequada?»

Posso falar apenas pelo meu grupo parlamentar. Sempre lhe digo que em grande parte dos casos temos encontrado soluções para os assuntos apresentados. Como? Desbloqueando situações através de contactos adequados, encaminhando as questões de um modo correcto, tomando iniciativas parlamentares, etc., etc. É um trabalho silencioso, discreto, mas de grande utilidade.«

«Há pouco falou de conflitos entre partidos ou entre estes e o Governo. Essa é, de facto, a imagem mais corrente da Assembleia...»

«Pois é. Mas é lamentável. Isso acontece porque as sessões plenárias são a parte pública, a parte visível. Mas antes as coisas serem debatidas no Plenário há todo um trabalho que lhe garanto ser profundo, árduo, por vezes bastante difícil, que se efectua nas Comissões. Aí se chega muitas vezes a consensos. Mas o grande público não conhece esse trabalho. O que transparece resulta das discussões nos Plenários, onde os consensos são mais difíceis, onde se fala muitas vezes para a plateia...»

«Porquê?»

«O senhor sabe melhor a resposta do que eu... Só lhe digo que nas comissões é frequente encontrar as pessoas despidas de marcas ideológicas, analisando as questões no concreto sem tratar de saber se este é do CDS e aquele do PCP... Se o público assistisse ao trabalho das Comissões e depois aos Plenários correspondentes, ficaria certamente admiradíssimo...»

«Resumindo: está sastisfeito com este ano de trabalho na Assembleia?»

«Olhe, estou simultaneamente satisfeito e frustrado. Satisfeito, porque estou no local onde, pelo menos teoricamente, temos uma visão global do que se passa e, também teoricamente pelo menos, podemos encontrar soluções; frustrado porque, apesar disso, não conseguimos resolver, como pessoalmente gostaria, alguns problemas. Devo ainda acrescentar que, numa outra perspectiva, tem sido para mim mobilizadora a possibilidade de, através desta via parlamentar (a única que me restava) ajudar a concretizar algumas das esperanças nascidas com o 25 de Abril. Reconheço que é uma possibilidade modesta, mas mesmo assim uma possibilidade.»

«Como analisa a actividade do seu grupo parlamentar? Positiva? Decepcionante? Assim-assim?»

«Profundamente positiva, como de resto é reconhecido, julgo eu, pelos outros grupos parlamentares. Sendo um grupo sem experiência, fomos um elemento positivo no Parlamento, pelo menos ao nível do desbloqueamento psicológico de algumas situações. Fomos uma força nova que, sem qualquer preconceito face às restantes formações políticas, contribuiu de forma decisiva para o diálogo, tornando possível encontrar uma nova dinâmica no Parlamento, numa das sessões legislativas mais produtivas da Assembleia.»

«Falando agora do PRD: que política de alianças? Fala-se muito de 'entendimentos' com o PSD de Cavaco Silva, ou pelo menos com o Governo...»

«As análises que têm vindo a público nesse sentido são profundamente especulativs e visam, na minha perspectiva, dois objectivos fundamentais...»

»...Que são...»

«Em primeiro lugar, diminuir o impacto, em termos de opinião pública, da entrada do general Ramalho Eanes no PRD; em segundo lugar, criar uma ambiente psicológico desfavoravel à volta da II Convenção do PRD que em breve se realizará. Desfavorável, bem entendido, em relação à opinião pública de um modo geral, mas também em relação ao próprio eleitorado do PRD...

«É uma interpretação. Mas o que é que há de concreto em relação a possiveis alianças ou acordos? É conhecida a simpatia pessoal do general Eanes pelo dr. Cavaco Silva...«

«Não se espantará por certo se lhe disser que há-de ser a convenção do meu partido a definir a estratégia desenvolver nos próximos dois anos. Quaisquer análises que se façam agora,a menos de um mês da Convenção, são análises a despropósito.»

«Desculpará, mas não é necessário esperar pela Convenção para se poder fazer uma análise ou se adiantarem hipóteses. Ele há indícios, ele há coisas que se sabem, ele há coisas que se sopram... Claro, tudo isto sem pôr em causa o que afirmou quanto a especulações, que também existem, evidentemente...«

«Pois é, mas repare no que tem vindo a público. Então acha lógico, acha correcto, acha possível que a direcção do partido fizesse qualquer diligência para qualquer acordo quando a Convenção está aí à porta? Insisto que é a Convenção a definir a estratégia do PRD. Aí se decidirão as questões de fundo para os próximos dois anos. Portanto, aí será definida também a questão das alianças e não será certamente uma definição que viole os princípios fundamentais do PRA».

«Quais são esses princípios?«

«Favorecer o diálogo, e poder ajudar, poder participar, dispor-se a encontrar as soluções que, do ponto de vista do PRD, sejam os interesses nacionais, que devem estar sempre acima dos partidários.»

«Que efeitos espera o PRD da entrada do general Ramalho Eanes? Depois de ele entrar estará o partido preparado para eleições? O PRD teme ou deseja o acto eleitoral de que cada vez mais se fala como inevitável?«

«Vamos por partes. É evidente que o partido vai sofrer um grande impulso com a entrada do general Eanes, afinal a referência moral e ética do PRD. Não é difícil compreender a importância da presença de Eanes na direcção do partido isto sem esquecer, evidentemente, duas outras vertentes importantes: a consolidação do PRD a nível local e distrital, que se tem vindo a verificar, e o papel desempenhado por Hermínio Martinho neste período. Quanto a eleições: o PRD não teme qualquer solução que se venha a considerar como o melhor caminho para a resolução dos problemas nacionais. Se se concluir que esse caminho é o das eleições, pois bem, venham elas.»

Ribeiro Cardoso

AR vai discutir e aprovar Lei Base do Ambiente

A Lei Base do Ambiente deverá estar concluída para ser apreciada pela Assembleia da República em meados de Outubro, revelou Anselmo Aníbal, presidente da comissão parlamentar do Equipamento Social e Ambiente. Este projecto de lei tem características de Lei Quadro e servirá de base a todas as regulamentações específicas, estando a ser elaborado com base numa adaptação de vários projectos aprovados no plenário.

O documento proíbe o funcionamento de empreendimentos que,pela sua actividade, possam poluir a atmosfera, bem como o lançamento de substâncias nocivas para o equilíbrio ecológico e determina que instalações, máquinas e meios de transporte sejam dotados de dispositivos para reter as substâncias poluídas. O projecto, no que se refere a níveis de luminisidade, preconiza que os anúncios luminosos não devem perturbar o sossego, a saúde e o bem-estar dos cidadãos e impede a construção de edifícios que prejudiquem a qualidade de vida dos cidadãos e a vegetação, pelo ensombramento.

No que diz respeito a águas, o projecto aponta para a regulamentação, através de legislação apropriada, do estabelecimento de uma faixa de protecção ao longo da orla costeira e para o desenvolvimento de técnicas de prevenção e combate à poluição das águas, obrigando ainda as fábricas a assegurarem a depuração das águas degradadas de forma a evitar a degradação das canalizações.

Anselmo Aníbal frisou que o uso de pesticidas no solo vai ser objecto de regulamentação futura, bem como a importação de plantas de espécies exóticas. O projecto também contempla a proibição de lançamento de substâncias radioactivas nas águas e solos nacionais, prevendo que o não cumprimento desta disposição seja objecto da apresentação dos casos aos tribunais.

No mesmo dia em que o avião caiu

Força Aérea instaura inquérito ao acidente do caça G-91

A Força Aérea instaurou já um inquérito para averiguação sumária das circunstâncias do acidente do avião caça Fiat G-91 da Base Aérea do Montijo, que sofreu ontem um acidente perto de Marateca e em que ficaram ligeiramente feridos os seus dois tripulantes, que se ejectaram antes de o aparelho chocar com o solo.

Segundo uma fonte da Força Aérea , o avião era uma aeronave de treino, versão T-3, que descolou do Montijo às 13,30h, cerca de meia hora antes do acidente.

Os tripulantes, um capitão e um tenente, foram conduzidos de helicóptero para o hospital da Força Aérea, em Lisboa.

Este avião que explodiu, foi o oitavo aparelho acidentado nos últimos dois anos, durante os quais morreram cinco militares e um civil. Assim, em 13 de Junho de 1984, um helicóptero militar «Puma SA 330» caíu na Base Aérea número seis, no Montijo, provocando a morte do piloto, primeiro-sargento Fernando Mata Fernandes e ferimentos em quatro acompanhantes. Em 7 de Fevereiro de 1985, em «A-7P Corsair» despenhou-se no mar, ao largo de Leiria. O piloto, tenente-coronel Graça Melo, desapareceu com o avião e o seu corpo não foi encontrado. No dia 14 de Abril de 1985, um outro «A-7P Corsair» despenhou-se nos Estados Unidos, quando efectuava experiências. O piloto, norte-americano, morreu. Em 30 de Junho de 1985, dois «A-7P Corsair» chocaram no ar, quando sobrevoavam a Bélgica. Os pilotos da Força Aérea Portuguesa ejectaram-se com êxito. No dia 26 de Maio de 1986, mais dois «A-7P Corsair» colidiram no ar, perto de leiria. Um dos pilotos ejectou-se com êxito, enquanto o outro não conseguiu salvar-se. Os destroços dos aviões, em chamas, caíram junto à casa de Belmira Franco, que morreu carbonizada.

Os acidentes com aviões da Força Aérea Portuguesa, nos últimos oito anos, provocaram 11 mortos e vários feridos.

A propósito de uma visita a um quartel da UNITA

ANGOP critica declarações de dirigente centrista

A Angop distribuiu ontem um comentá em Luanda através do qual ataca e critica declarações proferidas em Lisboa pelo presidente da Juventude Centrista, Manuel Monteiro, depois de visitar uma espécie de quartel-general da Unita, na Jamba, na companhia do filho do Presidente da República e dirigente distrital do PS, João Soares.

No seu comentário, a Angop considera que as declarações de Monteiro revelam «total desconhecimento» do jovem dirigente da JC sobre a realidade angolana e conotam-no com «os inimigos do povo angolano» que são «a racista África do Sul» e a «contra-revolução em Angola».

Sobre a afirmação de Manuel Monteiro de que «as tropas soviéticas e cubanas estão em Angola para atingirem a África do Sul» a Angop afirma que são na verdade «as tropas sul-africanas que têm ultrapassado a fronteira da Namíbia, que ocupam ilegalmente, para agredir o povo angolano». «Não será certamente por se ter encontrado agora com meia dúzia de terroristas ao abrigo da protecção das bases militares sul-africanas da Namibia», que «o jovem politiqueiro centrista» se «tornou num especialista em questões angolanas», lê-se no comentário.

Segundo a Angop, «as campanhas de desinformação sobre a realidade angolana continuam a encontrar muitos intérpretes na capital portuguesa, desde sempre a base de propaganda dos bandos de assassinos que semeiam a morte em Angola».

CDS quer legislação contra terrorismo

A comissão permanente do CDS aprovou ontem uma proposta de resolução contra o terrorismo, a apresentar na Assembleia da República.

A comissão permanente analisou os trabalhos já efectuados pela comissão de revisão constitucional constituída no âmbito do partido e entende que «o projecto em preparação deverá traduzir de forma inequívoca as posições do CDS, designadamente no que respeita à parte económica e financeira».

Em comunicado, o CDS sustenta que a entrada de Portugal nas Comunidades europeias «obriga a uma reflexão nacional sobre os modelos de regionalização e, aproximando-se uma revisão constitucional é esta a altura para fixar orientação em tal matéria». Neste sentido, o CDS considera «de todo inoportuna a iniciativa do Partido Comunista ao apresentar na Assembleia da República um projecto de lei de regionalização» e classifica o projecto do PCP de «tornar complexa e dispendiosa a administração, prejudicar a consolidação da unidade nacional e não respeitar o poder municipal».

Hoje, em Lisboa

Álvaro Cunhal reúne-se com Hermínio Martinho

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, e o presidente do PRD, Hermínio Martinho, reúnem-se esta tarde para discutir temas da actualidade política nacional, confirmou o «DL».

O encontro, que ocorre a convite do PCP «realiza-se no quadro das relações normais e de diálogo entre os partidos democráticos» disse uma fonte partidária à Anop.

Portugal restringe concessão de vistos

Portugal está a fazer restrições às concessões de vistos pelas suas embaixadas, no âmbito de medidas de segurança antiterrorismo, disse á Anop fonte diplomática na Cidade da Praia.

Aquela fonte diplomática disse que a medida foi decidida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, em circular enviada a todas as suas embaixadas, e «vem de encontro à segurança antiterrorismo devido aos numerosos atentados que se têm verificado».

A partir de agora, segundo a mesma fonte, os vistos serão concedidos por Lisboa a pedido das suas representações diplomáticas e por exame individual dos processos.

Na Cidade da Praia, esta medida tem provocado grandes transtornos, porque Lisboa é a sua grande via de acesso para a Europa.

A medida tem afectado doentes que seriam transportados por Lisboa , homens de negócios, turistas, funcionários públicos e estudantes, mesmo que somente em viagens de trânsito.

Acompanhado de vários ministros

Cavaco Silva visita o Alentejo

O Primeiro-Ministro Aníbal Cavaco Silva, visita amanhã e depois os três distritos alentejanos, anunciou ontem o governador civil de Évora.

Segundo Mira Branquinho, a deslocação ao Alentejo de Cavaco Silva, que vai acompanhado dos ministros da Saúde do Trabalho e da Educação e ainda de alguns secretários de Estado, tem, como objectivo «dar a conhecer ao chefe do Governo a realidade desta zona do País».

Durante dois dias o Primeiro-Ministro visitará as principais localidades alentejanas, estando previstas reuniões de trabalho com autarcas, governadores civis e representantes de associações dos distrios de Évora, Beja e Portalegre.

PCP na disposição de apresentar moção de censura contra o Governo

O grupo parlamentar do PCP deu ontem conta das propostas a apresentar no início dos trabalhos da Assembleia da República e considerou que o Governo «agravou os traços negativos da sua actividade», não excuindo uma moção de censura consoante a evolução da actual situação.

O presidente do mesmo grupo, Carlos Brito, disse que não estando embora nos propósitos do PCP a apresentação imediata de uma iniciativa deste tipo, ela «é uma figura institucional de que se poderá fazer uso», recordando depois a existência de alternativas quer através de governos de partidos ou de independentes.

O grupo parlamentar do PCP exige que o Governo cumpra de imediato a obrigação legal de fornecer à Assembleia da República os elementos relativos a diminuição de custos devido à baiva do dólar e do petróleo. Dado o curto espaço de tempo para o reinício da sessão legislativa, o grupo parlamentar «defenderá o cumprimento integral da lei, do que decorrerá a partir de 1 de Outubro a baixa automática do preço dos combustíveis».

Assim, a cumprir-se a lei, a gasolina super passaria a custar 101$05 o litro e a normal 97$20 equivalendo a um abaixamento de 10 escudos.

Para análise de todos os aspectos relacionados com a baixa do preço dos combustíveis o PCP, pela comissão de Economia, Finanças e Plano, vai propor a convocação urgente do ministro das Finanças.

Os deputados comunistas irão propor igualmente a redução do preço do leite ao público e através do controlo dos lucros que o Estado «arrecada com os cereais«contribuir para abaixa do preço da carne, pão e cereais.

O PCP considerou «nada justificar o adiamento de mais uma baixa de taxas de juro e da cessação da desvalorização do escudo», pelo que propõem aos outros partidos a análise do problema. Carlos Brito disse que o seu partido se congratula com a circunstância de estar em curso o processo de consulta às assembleias municipais e considera de maior interesse que todos os partidos políticos formalizem o seu ponto de vista para que 1987 possa ser o ano das regiões administrativas em Portugal.

Em relação às finanças locais, os comunistas vão propor o alargamento do valor de 80 milhões de contos atribuídos ao fundo de equilíbrio financeiro este ano, para o mínimo de 85 milhões de contos.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 59/86

«FORNECIMENTO DE REFEIÇÕES NOS REFEITÓRIOS MUNICIPAIS DA RUA ALEXANDRE HERCULANO, 46 E DA RUA DA PALMA, 169».

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição – Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av.ª 24 de Julho, 171, propostas para o Concurso Público em epígrafe (Processo n.º 11/86/CP/D.S.T.-E.).

Valor da caução Provisória para apresentação de proposta:
– Refeitório da R. Alexandre Herculano ..... Esc.: 75 000$00
– Refeitório da R. da Palma ..... Esc.: 54 000$00
Para o caso de aprsentação pelos concorrentes de proposta global, o valor da caução Provisória é de..... ESC.: 129 000$00

A caução será prestada mediante Guia de Depósito passada pela Caixa Geral de Depósitos, Garantia Bancária ou ainda Seguro-Caução de acordo com os modelos anexos ao programa de concurso.

O processo de concurso encontra-se patente todos os dias úteis, na Repartição acima indicada das 09,00 às 12,00 e das 14,00 às 17,30, onde se fornecem os Cadernos de Encargos.

A prestação de quaisquer esclarecimentos técnicos sobre este assunto, poderá ser solicitada à Direcção dos Serviços de Pessoal – Av.ª da República, 21 ou directamente ao Núcleo de Apoio à Gestão de Refeitórios (NAGR) da D.S.P., sito na Calçada do Marquês de Tancos (Mercado Chão do Loureiro).

A abertura das propostas realizar-se-á às 15.00 horas, no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. (O sábado não é considerado dia útil).

Paços do Concelho de Lisboa, em 1986/09/05.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,
NUNO KRUS ABECASIS

Presidência da República volta a Lisboa

Soares regressa hoje com passagem por Lamego

O Presidente da República regressa ao fim da tarde de hoje a Lisboa, com permanência de algumas horas em Lamego.O Chefe de Estado termina assim a sua deslocação de dez dias ao Norte, durante os quais, instalado no Paço Ducal, que foi durante esse período a sede do primeiro órgão de soberania, desenvolveu uma actividade intensa, voltada praticamente para todos os sectores, desde a economia á cultura. Visitou empresas industriais e agrícolas, monumentos e obras públicas, recebeu empresários, sindicalistas, figuras importantes da hierarquia da Igreja e personalidades representativas da cultura, militares, etc. Foram dez dias densamente preenchidos, que permitiram ao Presidente da República un contacto directo com a realidade política, social e económica do Norte do País.

«Não se perdeu tempo», disse ontem á noite Mário Soares no final de um jantar no Paço de S. Cipriano, em que estiveram presentes o secretário de Estado para a Comunicação Social, Marques Mendes,

os governadores civis e presidentes de camaras dos distritos do Porto, Braga e Viana do Castelo e autoridades eclesiásticas, designadamente o arcebispo de Braga, os bispos de Viana do Castelo e do Porto e o abade de Singeverga.

«Vimos imensas coisas que não são conhecidas do País inteiro e é pena que assim seja- acrescentou Mário Soares. O Norte é de facto uma região estuante de energia, confiante nela própria: aqui nasceu Portugal. Saímos reconfortados, vimos empresários modernos a fazer algumas actividades que eu não sabia que existiam no nosso País e que são dignas de ombrear com as mais avançadas da Europa a que pertencemos».

O Presidente da República sublinhou depois que, «nesta fase em que existem condições únicas para se dar um grande passo em frente, é indispensável uma cooperação normal, em amizade e abertura de espírito entre os órgãos de soberania». Destacou a acção dos governadores civis durante a sua estada no Norte, o que considerou como «um gesto de cooperação a salientar».

Antes falara o governador civil de Braga, Ribeiro da Silva, que reafirmou as declarações produzidas no almoço do dia da chegada do Presidente a Guimarães e manifestou a sua «congratulação» em nome dos governadores civis poresentes por «verificarmos ter sido concretizada a decisão certa e correcta» da visita do Presidente da República ao Norte do País.

Confiança na agricultura

Uma visita ao concelho de Lousada constituiu a base do programa do penúltimo dia da presença de Soares no Norte. O Presidente da República afirmou nesta vila ser sua convicção de que a agricultura acompanhará a entrada de |Portugal na CEE. Soares falava na sessão solene realizada na Camara Municipal de Lousada, acompanhado pelo respectivo presidente, pelo secretário de Estado do Fomento Agrário, governador civil do Porto e comandante da Região Militar do Norte.

Diria também que aquele concelho, essencialmente agrícola, tem todas as condições para uma transformação no sector e que, «se soubermos modernizar a nossa agricultura, o nosso País ficará com potencialidades imensas» no âmbito da CEE.

Referindo-se ao poder local, o Presidente da República considerou-o como «uma das grandes realizações da nossa democracia» e disse que «o 25 de Abril rasgou para Portugal a possibilidade de sermos uma democracia bem aceite internacionalmente nos países desenvolvidos da comunidade europeia e ainda de termos um estatuto próprio e reconhecido».

Salientando que os autarcas da região que tem visitado e os autarcas em geral, podem ver nele «um interlocutor sempre pronto a ouvir, a ajudar e a encaminhar os problemas auscultados», Mário Soares disse que os seus encontros junto deles proporcionam um contacto de «maneira directa e imediata» no sentido de colher o sentir das populações relativamente aos problemas que as afligem.

Amílcar Neto, presidente da Camara Municipal de Lousada, salientou o facto de ser a primeira vez que um Presidente da República se digna visitar oficialmente o concelho de Lousada, concelho que disse ser caracterizado pela sua riqueza agícola, mas com um crescente desenvolvimento industrial, de que se destaca a indústria de confecções, com relativa importância a nível nacional e no domínio das exportações.

Este autarca mostrou-se confiante em que «as autarquias locais encontrarão sempre o apoio, a ajuda e a compreensão em tudo o que possa contribuir para bem das mesmas» junto do Presidente da República, «por ser essa uma das formas mais eficazes para satisfazer o bem comum de todos nós, portugueses».

Após esta sessão solene, Mário Soares visitou a Escola Secundária local e a Quinta dos Ingleses, regressando a Guimarães, onde ofereceu uma recepção às entidades locais.

De manhã o Presidente da República tinha visitado a empresa «Garcia Joalheiro», pioneira no fabrico industrial de joalharia no nosso País e a Coelima, a maior empresa portuguesa de texteis para o lar e uma das maiores da Europa. Visitou também uma plantação de «kiwis», fruto exótico que está a ser cultivado por aquela empresa.

Homenagem a António Macedo

Mário Soares preside domingo, no Porto, á cerimónia de descerramento de uma lápide evocativa da luta antifascista, junto ao escritório do presidente honorário do Partido Socialista, António Macedo.

A lápide será aposta junto á porta número 169 da Rua Rodrigues Sampaio e terá a seguinte legenda:«Em mais de 30 anos de ditadura, o primeiro andar deste prédio foi centro de resistência antifascista e de combate pela liberdade»,.

Esta iniciativa coincide com a passagem do octagésimo aniversário de António Macedo e pretende ser uma homenagem ao presidente honorário do PS e aos antifascistas Carlos Cal Brandão, Eduardo Ralha, Luis Caseri e Mário Cal Brandão.

A título particular, Mário Soares participa ainda no domingo, no almoço de aniversário de António Macedo, no qual vão estar também presentes, entre outros, o Presidente da Assembleia da República e o Governador Civil do Porto.

Jornadas PS

Vai aumentar peso político do Parlamento

— prevê José Luís Nunes

José Luís Nunes, líder parlamentar do PS, previu o «aumento de peso político» da Assembleia da República na «balança dos poderes constitucionais», ao intervir, a noite passada, na abertura das Jornadas Parlamentares dos socialistas a decorrer na Figueira da Foz.

Sublinhando que a última sessão legislativa foi assinalada pelo conflito Governo/Assembleia, o actual líder da bancada parlamentar do PS acusou o Governo de ser contraditório ao proclamar, ao mesmo tempo, que tem governado bem e de, por outro lado, afirmar que os partidos da Oposição não o têm deixado governar.

José Luís Nunes, que será substituído por Manuel Alegre na direcção do grupo parlamentardo PS, disse também ser o «controlo dos meios de Comunicação Social que suporta a acção de propaganda do Governo e do partido do poder».

Apontou igualmente o que apelidou de «vazio político» que se verifica a todos os níveis, frisando que «não existe uma política agrícola, nem uma política de saúde, nem de educação, nem de Defesa Nacional, nem de política externa».

As Jornadas prosseguem hoje com debates sobre a regionalização e desenvolvimento e sobre as políticas laboral e de emprego, sendo oradores Eduardo Pereira, Carlos Laje, Torres Couto e Vítor Hugo Sequeira.

Amanhã serão debatidas as questões agrícolas(Lopes Cardoso e António Barreto) e a Comunicação Social(painel de Raúl Junqueiro e Jorge Lacão). No sábado está prevista a apresentação do último painel, coordenado por João Cravinho e Helena Torres Marques e dedicado à «modernização do país numa perspectiva de solidariedade».

Vítor Constâncio encerrará as Jornadas com uma intervenção relativa à situação política.

Com PS preparado para "qualquer evolução política"

Constâncio desafia Cavaco para debate na TV

«Se houver crise governativa, seja porque o Governo se demite ou porque o PRD lhe retira apoio, então o PS está preparado para qualquer evolução política, consoante os termos concretos em que a crise se verificar: ou assume responsabilidade por qualquer solução governativa ou disputa eleições», garantiu o secretário-geral do PS, Vítor Constâncio, ao apresentar ontem aos jornalistas o Gabinete de porta-vozes do seu partido. Constâncio desafiou na ocasião o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, para um debate na televisão sobre as «grandes questões da política nacional».

O líder socialista acusou o Executivo de Cavaco de «clientelismo avassalador» e de «secretismo, controlo e manipulação da Informação», sublinhando que «contrariamente ao disposto no estatuto da Oposição, o Governo não informa sobre a condução da política externa, na qual reina, aliàs, alguma desorientção».

O Governo foi igualmente acusado pelo secretário-geral do PS de «não fornecer informação suficiente aos agentes económicos» e de se ter recusado a dar ao Parlamento as contas públicas de 1985 e a previsão da execução orçamental de 86, nomeadamente no que se refere ao ex-Fundo de Abastecimento.

Constâncio anunciou, por outro lado, algumas iniciativas legislativas do grupo parlamentar do seu partido para o próximo mês de Outubro, relacionadas com a legislação laboral, com a política agricola,com a Comunicação Social e ainda uma interpelação ao Governo sobre política externa

Gabinete de porta-vozes

O Gabinete de porta-vozes, também conhecido como o

Governo-sombra, anunciado por Constâncio, tem a seguinte composição: Jorge Sampaio-Negócios Estrangeiros; Jaime Gama-Defesa; Filipe Madeira-Administração Interna; Vera Jardim-Justiça; João Cravinho-Finanças e Plano; A.Guterres; Indústria e Comércio; Gomes da Silva-Agricultura, Pescas e Alimentação; A.Barreto-Educação e Cultura; Rosado Correia-Habitação; Murteira Nabo-Transportes e Comunicações; Ferraz de Abreu-Saúde; Ferro Rodrigues-Trabalho e Segurança Social; Trigo de Abreu-Ambiente; e Miranda Calha-Juventude e Desportos.

Guterres

Entretanto, o porta-voz socialista da Indústria e Comércio, António Guterres, declarou, ontem também, no final de um encontro em S.Bento com o Ministro-adjunto para os Assuntos Parlamentares, Fernando Nogueira, que o Governo nada fez até hoje «para melhorar a vida dos portugueses, apesar de ter tido uma conjuntura económica favorável».

Guterres que saía da reunião acompanhado por Helena Torres Marques, tomou conhecimento do «conteúdo genérico das propostas das Grandes Opções do Plano». O dirigente socialista referiu, a propósito, que o seu partido estudará o documento quando este fôr apresentado na sua globalidade.

Criticou ainda o Executivo por não ter sabido aplicar o superavit na balança de transacções correntes de mais de um bilião de dólares.«Algo correu mal, pois este dinheiro não foi aplicado e o Governo escamoteou esta realidade, não informando devidamente os partidos da Oposição», acrescentou Guterres, não sem visar o Executivo pela ausência de incentivos ao investimento produtivo.

Guterres, que esteve em foco nos últimos dias pelo almoço que teve em Lisboa com o ministro Eurico Nogueira(e onde debateu, segundo o «Comércio do Porto», questões como o financiamento dos partidos e a «distribuição de lugares em Bruxelas») acusou também o Governo de incapacidade na redução da dívida externa.

Cheias causaram mais de 1 milhão de contos de prejuízos nos Açores

Os prejuízos causados pelas cheias do princípio deste mês no concelho da Povoação (S. Miguel) ultrapassam os 1,2 milhões de contos — informou o município local.

Esta estimativa — refere uma nota da Câmara Municipal da Povoação — não prevê os prejuízos ocorridos nos caminhos de penetração cujo levantamento está a ser executado pelo governo Regional.

No Cercal, uma sociedade de pessoas felizes

APOSTAS MÚTUAS FAZEM MUITOS MILIONÁRIOS AO COMEMORAR O 25.º ANIVERSÁRIO

SOCIEDADE DE 15 MULHERES E 5 HOMENS REPARTE 56 MILHÕES EM CERCAL DO ALENTEJO!

Foi para o Cercal o único 1.º prémio do Totoloto desta semana. Cerca de 56 milhões a repartir por uma sociedade de 20 vizinhos.

Inspirados por um grupo de 30 senhoras que há uns tempos ganharam cerca de 30 contos cada, seguiram o seu exemplo e fundaram a sua própria sociedade a 23 de Maio. Em boa altura o fizeram.

3 15 30 37 41 44

foi a chave-maravilha que contemplou estes alegres alentejanos.

Projectos para o futuro, quase todos os têm já. É que o dinheiro é muito, mas vai ser repartido por bastantes, o que, mesmo assim, vai servir para aliviar algumas necessidades e compor algumas vidas. Pagar a casa, começar a construir uma ou comprar a própria é o desejo de quase todos. Mas sempre continuando a trabalhar.

A maioria das senhoras do Cercal é dona de casa, mas também há entre elas duas professoras e duas enfermeiras. As donas de casa, segundo as suas próprias palavras, vão continuar a «lavar os tachos». Dizia-nos o Sr. Francisco Gonçalves da Costa, proprietário da Geladaria onde foi preenchido o bilhete e um dos sócios: «Não fico menos contente por ter saído a tanta gente. É da forma como faz feliz mais pessoas. E entre nós há pessoas muito necessitadas».

Já agora, eis a lista dos sócios do Cercal:

Maria Antónia da Costa Guerreiro Pacheco; Maria Ângela Dionísio; Arminda Maria Raposo Costa; Lúcia Clara Vilhena; Idalina Guerreiro Loução; Maria Eugénia Guerreiro Raposo da Costa; Joaquina Valverde Abrantes Costa; Álvaro Rodrigues da Costa; Joaquina Maria Raposo Revez; Edite Guerreiro Raposo da Costa; Anabela Francisca da Costa Martins; Vanda Cristina Costa; Armindo António Raposo; Maria da Assunção Guerreiro Raposo; Francisco Gonçalves da Costa; Maria do Céu Silva; Roberto João Costa; Alberto José Martins Vilhena; Natália de Mira Abrantes e Maria do Rosário Raposo da Costa Oliveira.

O Agente, o Sr. Manuel José de Matos, juntou-se ao grupo e confraternizaram em conjunto. Afinal, a vila é pequena e todos se conhecem. Todos se querem bem. É bem-estar o que vizinhos desejam uns aos outros.

Esta sociedade joga em múltiplas: é que, para além de se ter mais hipóteses, dá muito mais prémios – como foi o caso. Com 10 números, estes felizes amigos ainda tiveram, para além do 1.º prémio, 24 3.os, 90 4.os e 80 5.os, o que perfaz um total muito próximo dos 56 000 contos

TOTOBOLA: APENAS 3 TOTALISTAS

Também o Totobola fez mais três milionários: 3 anónimos de S. Pedro do Sul, Argoncilhe e Vila Nova de Famalicão vão receber cada um 5 737 175$00. Os 327 apostadores com 12 resultados recebem 52 634$00 e os 6192 que acertaram em 11 recebem 2779$00.

Uma boa colheita feita pelos apostadores do Totoloto e Totobola neste fim de Verão. Um estímulo para quem joga, um prémio para quem persiste em querer ganhar.

FAUL elegeu lista de consenso

A Federação da Area Urbana de Lisboa do PS(FAUL), elegeu ontem um novo secretariado, mediante lista de consenso acordada entres as correntes de Constâncio e Gama, lideradas respectivamente por Neves da Silva, actual secretário-coordenador da federação, e por João Soares.

A lista única obteve 43 votos a favor, 4 contra e registaram-se 7 votos brancos. Segundo Neves da Silva, dos novos dez membros do Secretariado, «sete apoiam Vítor Constâncio e três foram apoiantes de Jaime Gama». Fonte próxima de João Soares indicou, entretanto, ao DL que da lista anterior, por ele proposta, foram eleitos para o novo secretariado da FAUL, Maria Belo, Carlos Frazão, Malaquias Ferreira, Rui Cunha e o próprio João Soares,enquanto que da lista próxima de Constâncio foram eleitos Martinho Gonçalves, Margarida Marques, Paulo Godinho e António Folgado.

O secretário-coordenador, Neves da Silva, considerou, no final da votação, ter «muito gosto» na presença de João Soares no novo secretariado eleito.

Consequências de Chernobyl aliadas a uma parasitose

10 mil borregos vão ser abatidos

Dez mil borregos provenientes da Checoslováquia começam amanhã a ser abatidos por neles terem sido detectados, a par de um baixo índice de radioactividade, uma parasitose, o que os torna impróprios quer para consumo quer para reprodução.

A ordem de abate, dada pelo ministro da Agricultura, vem hoje publicada no «Diário da República» e os primeiros 1.100 animais chegam já hoje a Lisboa, proveniente das Caldas da Raínha, devendo ser mortos amanhã.

O despacho do ministro Álvaro Barreto, publicado na folha oficial, refere que o MAP «não foi consultado no pedido de importação, nem ouvido, através da Direcção-Geral de Pecuária, sobre o aspecto sanitário e técnico antes da entrada dos borregos no país».

O ministro alega ainda ter-se verificado uma «discrepância quanto ao destino dos animais importados» relativamente à autorização e que os testes realizados revelam que os borregos «não satisfazem as condições para serem qualificados tecnicamente como reprodutores de raça pura, visto não terem sido acompanhados dos competentes registos geneológicos e por o número de machos e fémeas ser sensívelmente idêntico».

Os testes sanitários, afirma Álvaro Barreto, «revelaram, a par de um baixo índice de radioactividade, uma parasitose». Daí a ordem de abate dos ovinos que ainda se encontrem em sequestro, a qual dará origem a indemnizações, calculadas de acordo com o valor previsto para a espécie.

Depois do abate, as carcaças irão ser examinadas pela Câmara Municipal de Lisboa para detectar, além de doenças, o nível exacto de radioactividade com que os borregos terão sido contaminados, na sequência do desastre de Chernobyl.

Recorde-se que esta importação motivou, desde o início, protestos por parte de associações de criadores de gado, que afirmaram ser a produção nacional excedentária e que, a haver importações, elas teriam que ser feitas preferencialmente no mercado comunitário.

Pirâmide de taças para o "Guiness"

Após cinco tentativas falhadas, a maior pirâmide do mundo em taças de champanhe deverá ser inaugurada no próximo domingo, disse um dos responsáveis pela iniciativa.

Segundo Vítor Antunes, a pirâmide ficará com a altura de sete metros e trinta, o que constitui recorde mundial.

Para a construção da pirâmide, há mais de um mês num centro comercial do Porto, são utilizados 11 040 taças, sem contar com as várias centenas que se foram partindo.

Vítor Antunes acredita que este feito é digno de «Guinness Book».

Se tudo correr bem, a pirâmide será inaugurada domingo em cerimónia em que serão homenageados os bombeiros portugueses.

Loures não quer o lixo de Lisboa

A Câmara Municipal de Loures deliberou exigir da secretaria de Estado do Ambiente que tome medidas tendentes à resolução do problema da lixeira de Beirolas, informou hoje fonte municipal.

Nos termos de uma moção aprovada, a Câmara de Loures acusa os resposáveis da Câmara de Lisboa de «não tomarem quaisquer medidas» para resolver o problema das populaçõe de Moscavide, Portela, Sacavém e Bobadela ameaçadas pela poluição causada pelos lixos depositados em Beirolas.

Perante esta situação, a edilidade deliberou apoiar aquelas populações exigindo da Câmara de Lisboa que tome as medidas adequadas no sentido de acabar com a lixeira de Beirolas.

Fenprof desafia MEC para debate público

«É lamentável que um ministro a quem seria exigível uma visão conhecedora e ponderada da escola portuguesa persista na apresentação um quadro paradisíaco de um sistema educativo que todos sabemos desajustado e incapaz de responder às aspirações de milhares de jovens e educadores». — afirma a Federação Nacional dos Professores em comunicado a propósito das declarações do ministro João de Deus Pinheiro.

O ano escolar começa mal — prossegue a Fenprof — não tanto por haver alguns milhares de alunos que não terão aulas no início de Outubro, mas sobretudo porque nenhum dos graves problemas do ensino foi resolvido, e alguns agravaram-se enquanto a política do Ministério da Educação, «não corresponde às necessidades nacionais (...)»

A Federação acrescenta que se o ministro insistir em que a contestação àquela afirmação é apenas um «slogan» destinado a alarmar «a opinião pública», desafia «tão optimista personalidade política», para um debate público onde, em igualdade de circunstâncias, ambas as partes poderão dizer de sua justiça.

A Fenprof acusa o ministro da Educação de através de inusitada agressividade verbal, procurar dicidir os professores rotular as organizaçãoes sindicais e decidir ele próprio qual deve ser e como deve ser a acção reinvindicativa dos professores.

«Fique tranquilo, sr. ministro, que os professores portugueses sabem bem quem os defende e como os defende. E também sabem o que está bem e o que está mal na escola portuguesa» — conclui a Federação Nacional dos Professores acrescentando «Assuma o ministro as suas responsabilidades que a Fenprof sempre tem sabido assumir aquelas que os professores lhe delegaram. E se pretende confrontar opiniões, pois que o faça directamente, à volta de uma mesa de trabalho de que se tem mostrado ser um ministro muito arredio».

'Português' regressa a escolas brasileiras

A disciplina de «Português» vai regressar às escolas brasileiras, substituindo a de «Comunicação e Expressão» — decidiu o Conselho Federal da Educação em Brasília.

O Conselho votou favoravelmente — com apenas um voto contra — uma proposta nesse sentido apresentada pelo escritor Arnaldo Niskier, antigo secretário da Educação do Rio de Janeiro.

A proposta deve ser ainda aprovada pelo ministro da Educação, Jorge Bornhauser.

O único conselheiro que votou contra o regresso do «Português» como disciplina foi Afrânio Coutinho, que justificou a sua posição com um parecer de 48 páginas.

GNR caça caçadores ilegais

Patrulhas da Guarda Nacional Republicana em serviço de fiscalização da Lei da Caça em várias zonas do País detiveram 13 caçadores furtivos, a quem apreenderam armas e munições de caça.

Em Elvas foi detido Rui Alexandre por ter sido encontrado a caçar sem licença nem seguro obrigatório. Julgado no Tribunal de Elvas, foi condenado a 5 mil escudos de multa.

Em Montados, Vila Chã, Alijó, foi detido pela Guarda local Alfredo Lino, que caçava ilegalmente e a quem foi apreendida uma caçadeira de calibre 12. Presente ao tribunal, foi o julgamento adiado «sine die».

Em Montemor-o-Novo, os militares da Guarda detiveram 4 indivíduos por prática do exercício da caça em local proibido (caça de codornizes a menos de 100 passos duma plantação agrícola). O armamento foi-lhes apreendido e foram notificados para julgamento em tribunal.

António Costa, de 22 anos, José Ramos, de 24 e Paulo Pereira, também de 24, todos residentes em Palmela, viram ser-lhes adiado o julgamento por interferência do advogado.

Celestino Gomes, de 76 anos, foi condenado em 15 dias de prisão, remíveis a 200 escudos/dia, custas processuais e perda de arma em favor do Estado. A pena de prisão foi-lhe suspensa por dois anos.

Em Aldeia Nova, Chaves, foram detidos José Pereira, de 28 anos e António Fernandes, de 33, por exercício de caça em termos ilegais. Foram-lhes apreendidas duas caçadeiras de calibre 12, sem cartuchos, e 7 pássaros pequenos. Presentes em tribunal, não foram julgados em virtude de o julgamento ter sido adiado.

Em Cabanelas, Mirandela, a Guarda local deteve Manuel Luciano, de 19 anos, por caça ilegal e apreendeu-lhe uma arma caçadeira, esta também em situação ilegal. No tribunal foi condenado a 23 mil escudos de multa, na alternativa de 80 dias de prisão, arma apreendida em favor do Estado e interdição de caçar durante três anos.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

NÃO. Ainda não estou curado. Talvez não me cure nunca. Desconfio bem. Seriam dias de repouso. De não pensar em, nem e nem. Sol, monumentos, suvenires, papinho confortado. Estúpido! Em vez disso, eis-nos horas e horas a fio diante do televisor.

Acabo esgotado, principalmente depois do **Teledisco.** *Os locutores e colaboradores falam com uma velocidade supersónica, tenho de mobilizar toda a minha capacidade de atenção para não me afundar. Um locutor então usa uma densa bigodaça debaixo da qual soçobram os contornos visíveis das palavras. Chego à conclusão de que percebo melhor fechando os olhos.*

Essa capacidade de atenção redobra quando fala o correspondente da TVE em Washington. Autêntica metralhadora. Os circuitos são caros, há que rendibilizar. Nesse aspecto, a TVE já perdeu o complexo da Rádio. Entre nós ainda se obedece, no Telejornal, ao «não vá, telefone»; em Espanha diz-se «não vá, veja». Assim, podemos ouvir e ver em directo os correspondentes em Washington e Santiago do Chile, nos momentos mais cruciais.

Muito embora a «internacional da desinformação» funcione com extraordinária eficácia, a verdade é que são perfeitamente acentuadas as vertentes anti-Pinochet, anti-sionistas, «antiapartheid». Numa palavra: aqui não é visível o entendimento entre a linha informativa e a embaixada americana — o que torna de imediato mais saudáveis as relações com a audiência. O orgulho espanhol não é coisa com que se possa brincar levianamente.

Na salinha do hotel dedicada à televisão juntam-se alguns hóspedes para ver o **telediário.** *Pouca gente — disse eu. Mau negócio. No dia seguinte, às nove horas, cheia a transbordar. Tive dificuldade em romper. Afinal o* **telediário** *pode!*

Não era o **telediário.** *Estava no segundo canal e transmitiam basquetebol, Real Madrid-Barcelona.*

Em Portugal, a RTP não teria nunca a valentia de pôr futebol a fazer concorrênica ao Telejornal. Lá se ia o negócio. Ora experimente...

Afirmado no Pré-Congresso de Biodemografia

Consanguinidade em Portugal tende a decrescer mas ainda permanece elevada

Os valores de consanguinidade em Portugal mantiveram-se elevados até datas recentes, revelou, em Coimbra, um docente do Instituto de Antropologia da Universidade. Rodrigues de Areia disse que o facto deve-se à actuação, de forma positiva, de factores como a elevada taxa de emigração, a progressiva baixa de mortalidade infantil e «a significativa redução da natalidade».

Falando na abertura de um pré-Congresso de Biodemografia, a decorrer em Coimbra até sexta-feira, Rodrigues de Areia frisou que «a conjugação daqueles três factores tem mantido um valor elevado de consanguinidade em Portugal».

Observou, por outro lado, que «a diminuição do isolamento geográfico das populações rurais, bem como o crescente grau de urbanização são, também factores que tendem a reduzir, significativamente, a consanguinidade».

Aquele investigador referiu que «quando se fala em consanguinidade pensa-se, por regra, nos isolados ou populações separadas por barreiras geográficas, sociais ou ideológicas».

Acrescentou que a biodemografia privilegiou, de facto, esses grupos, mas interrogou se numa sociedade industrial ou em fase pós-industrial terá ainda sentido o estudo de características genéticas decorrentes desde tipo de isolamento.

Rodrigues de Areia invocou, a propósito, a legislação da Igreja, sublinhando que da proibição de casamentos entre parentes até ao sétimo grau, no séc. XI, se passou, actualmente, apenas para a proibição de casamentos entre parentes até ao segundo grau, inclusive.

«Aparentemente» — observou aquele investigador — «os efeitos de consanguinidade tenderiam a ter cada vez menos significado na sociedade actual e, provavelmente, nem sequer serão registados os graus de parentesco num futuro próximo».

Rodrigues de Areia, do secretariado do pré-Congresso de Biodemografia, acentuou, orém, que «nem sequer nas mais desenvolvidas sociedades industriais desapareceram ou se reduziram, significativamente, os mecanismos que tradicionalmente condicionam a escolha dos pares ao casamento».

«Os mecanismos mantêm-se» — acrescentou — «e no anonimato das grandes cidades já não é o isolamento geográfico, mas outros factores, como a profissão, o comportamento social ou a ideologia que tendem a valorizar-se e produzir os mesmos efeitos».

Aquele investigador sustentou que, por isso, a metodologia terá de ser outra e observou ser esse o grande desafio para os estudiosos da Biodemografia.

Segundo Rodrigues de Areia, o projecto de investigação em curso, intitulado «Estudo Biodemográfico da População Portuguesa da Zona Centro» apoiado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, justifica, em parte, a realização, em Coimbra, deste pré-Congresso.

O referido estudo procura «levantar, a partir de populações-tipo a geografia de consanguinidade numa zona do País em que o meio tem sido, e ainda se mantém, predominantemente rural».

Foram escolhidas populações de seis concelhos da região e a percentagem de casamentos entre parentes, em dados relativos ao ano de 1900, varia em 4,5 por cento (Gouveia) e 47 por cento (Marinha Grande).

Rodrigues de Areia esclareceu ter-se «optado por amostragens de populações que são, em grande maioria, de montanha, com forte tradição de emigração e que mantém elevado grau de ruralidade».

O encontro a decorrer em Coimbra precede o Quinto Congresso da Associação Europeia de Antropologia, que se realiza em Lisboa, de 28 de Setembro a 4 de Outubro.

A Biodemografia aplicou-se, numa primeira fase, ao estudo dos efeitos biológicos da consanguinidade em populações humanas.

Tratava-se mais de uma biodemografia aplicada, cujos estudiosos eram, em muitos casos, médicos ou professores de genética humana que visavam explicar, e eventualmente prevenir, a ocorrência de anomalias transmitidas por hereditariedade.

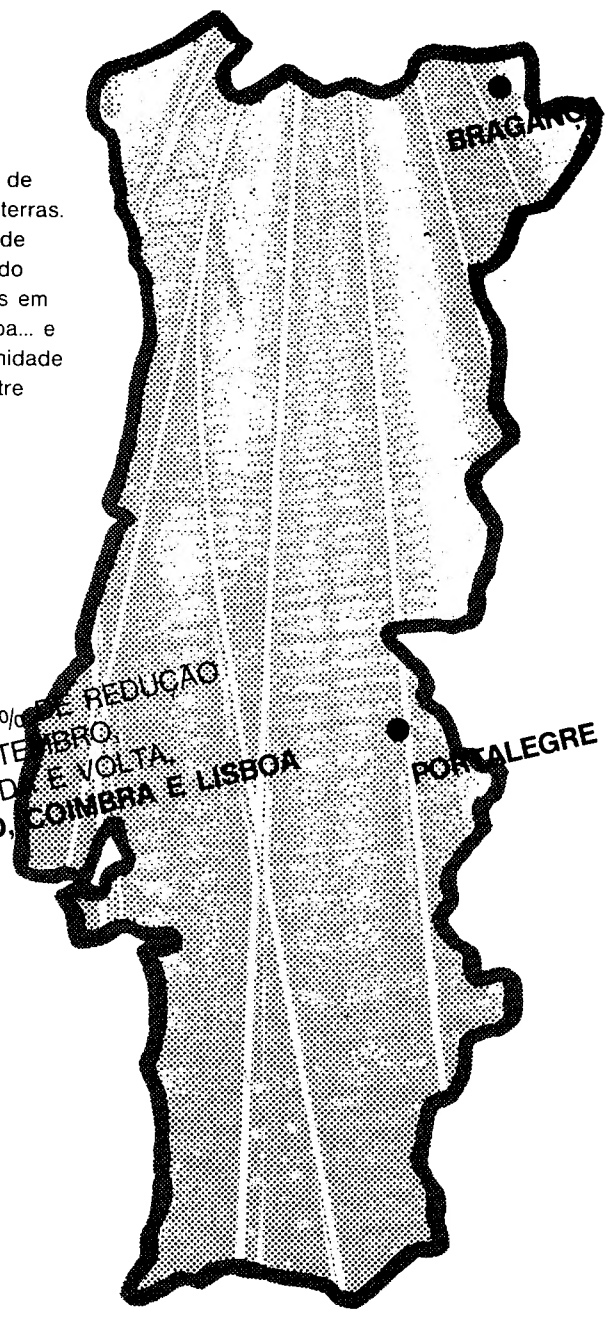
«A perspectiva actual» — disse Rodrigues de Areia — «é mais a de caracterizar biologicamente uma população do que propriamente a de inventariar anomalias patológicas, ainda que nesge, como noutros casos, as investigações biodemocráficas prestem, também, relevante serviço à investigação propriamente médica».

Rodrigues de Areia afirmou, a concluir, haver um desafio que hoje se coloca aos biodemógrafos — o da capacidade de encontrar o modo de quantificar cientificamente comportamentos e práticas da espécie humana que são respostas adaptativas a factores de ordem social.

VAMOS VIVER O PAÍS TERRA A TERRA

Este é o momento certo para ir de comboio ao encontro de outras terras. Adquira já o seu bilhete inteiro de ida e volta por apenas metade do preço. Dê início às suas viagens em Período Verde, não as interrompa... e aproveite ao máximo esta oportunidade que a CP lhe oferece agora, entre 13 e 28 de Setembro.
É hora de viver outras terras da nossa terra.

Informe-se na sua estação.



SE VIVE EM **BRAGANÇA** OU EM **PORTALEGRE** A CP OFERECE-LHE 50% DE REDUÇÃO ENTRE 13 E 28 DE SETEMBRO; NO SEU BILHETE DE IDA E VOLTA, PARA **PORTO, AVEIRO, COIMBRA E LISBOA**

Comboio, a opção dinâmica.

A REDE DA ÁGUA PASSA POR SUA CASA...
Aproveite as novas facilidades de leitura e cobrança da EPAL

Pague o consumo de água por Conta Bancária

No seu interesse utilize a sua conta bancária para liquidar os seus débitos à EPAL.
Para beneficiar deste serviço, basta contactar o seu Banco.
Passará a receber da EPAL uma factura-aviso. Este aviso, com a informação exacta do montante a pagar, funcionará como recibo a partir da cobrança bancária.
Para que não se perturbe o ciclo do fornecimento da água ao domicílio, procure aproveitar as novas modalidades de leitura e cobrança que a EPAL criou para si.
Para mais informações, contacte os serviços da EPAL.

Construir hoje a qualidade de vida do amanhã

EPAL
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

LATINA

Avião da TAP retido ontem em Lusaca chegou esta madrugada a Lisboa

O avião da TAP/Air Portugal que se encontrava retido no Aeroporto de Lusaka (Zâmbia) desde a meia-noite de quarta-feira chegou a Lisboa às 4 e 20 da madrugada.

Um passageiro do Boeing e jornalista da RTP disse à Anop que «foi a intervenção do embaixador de Portugal na Zâmbia que permitiu o regresso do avião a Portugal». «Não houve hostilização nenhuma da parte das autoridades policiais zambianas para com os passageiros e tripulantes do aparelho», acrescentou José Alberto Machado.

O mesmo jornalista revelou que «pouco depois de o avião aterrar e estacionar na placa do aeroporto, um elemento das forças de segurança entrou a bordo para exclamar que a imprevidência da TAP poderia ter provocado um acidente.

Um outro passageiro do Boeing 707 afirmou que após a aterragem, «os passageiros ficaram cerca de seis horas a bordo, sendo depois encaminhados para a sala de embarque». Acrescentou que todos «tiveram uma refeição gratuita, cerca do meio-dia, por intervenção do embaixador de Portugal em Lusaka, tendo de pagar as restantes refeições, em dólares, do seu próprio bolso».

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embaixador Brito e Cunha, presente no Aeroporto de Lisboa à chegada do avião, disse também à Anop que o «ministro Pires de Miranda, que se encontra em Nova Iorque, está a acompanhar o assunto».

A mesma agência de notícias soube entretanto de uma fonte do Aeroporto de Lisboa que as autoridades zambianas haviam enviado em Agosto passado uma missiva para Portugal, indicando que o seu espaço aéreo nacional passou a ser considerado desde aquela data «área restrita», facto este que determina que as companhias interessadas na utilização do mesmo devem enviar, com antecedência de seis meses, os planos de voo das carreiras regulares. A mesma fonte acrescentou que as autoridades da aeronáutica de Lusaka retiveram o avião da TAP «porque não o consideraram voo regular», argumento que invocaram igualmente para não deixar sobrevoar o seu espaço aéreo a um outro avião da TAP, que partiu de Joanesburgo. Outras fontes revelaram que a companhia alemã-federal Lufhtansa está sujeita a idênticas restrições nos sobrevoos da Zâmbia.

A administração da TAP afirma que o impedimento de aviões desta companhia de sobrevoarem a Zâmbia é um «problema meramente burocrático» e que não dispõe «do menor indício de que o caso tenha carácter político», disse à NP um administrador da transportadora aérea.

Manuel Norton acrescentou que a TAP pediu autorizações no final de Julho para os voos nos três meses seguintes e que, embora não tenha recebido resposta, «o que é frequente», considerou haver uma «auitorização tácita». Essa interpretação, acrescentou, foi válida até terça-feira, tendo todos os voos de Agosto e Setembro decorrido normalmente.

Ouro em Arouca? DGGM diz que exploração não é rentável

A Direcção-Geral de Geologia e Minas considera que está fora de causa a existência em Arouca das maiores reservas de ouro da Europa.

Maria de Fátima Beato, daquela direc-ção-geral disse que a analise de 12 amostras recolhidas no início deste ano na serra da Gralheira (zona de Arouca), indicavam teores de diversos minérios que não tornavam rendível a extracção de qualquer deles.

A mesma técnica sublinhou que a Direcção-Geral de Geologia e Minas, pelas análises que já fez, não crê que existam as reservas anunciadas pela empresa Volfrex.

Precisou que a Volfrex não fez à Direcção-Geral de Minas qualquer pedido para reconhecimento de ouro e que no relatório apresentado no princípio do ano apenas referia altos teores de estanho e de volfrâmio.

Adiantou que não foi feita pesquisa de ouro pela Direcção-Geral mas os teores de prata, que estão sempre relacionados com os de ouro, são muito baixos: 0,3 gramas por tonelada numa amostra e abaixo dos 0,2 gramas por tonelada nas restantes 11 amostras.

Fátima Beato assinalou que a Volfrex não apresentou qualquer novo relatório mas se o fizer a direcção-geral voltará, tal como no início do ano, a deslocar-se ao local e recolher amostras para contra-análise.

Relativamente à eventualidade da existência de platina, a Direcção-Geral exclui essa hipótese já que aquele metal precioso, ao contrário do ouro, só aparce em terrenos de rochas básicas, enquanto o solo da serra da Gralheira, granítico, é ácido.

Fátima Beato salientou que os teores de volfrâmio e estanho encontrados nas amostras recolhidas no início do ano são muito inferiores aos do relatório apresentado pela Volfrex.

Precisou que uma amostra apresentava uma concentração de estanho de 40 gramas por tonelada, outras 18 gramas por tonelada e as restantes 10 valores inferiores a 15 gramas por tonelada.

Quanto ao volfrâmio, os teores registados pela análise feita no Laboratório da Direcção-Geral, situado no Porto, foram de 205 gramas por tonelada numa amostra, 51 gramas por tonelada noutra e abaixo dos 27 gramas por tonelada nas restantes 10.

Fátima Beato afirmou que a actividade da Volfrex se tem limitado à recolha de amostras, não explorando as sete concessões que possui na serra da Gralheira e assinalou que a empresa não tem autorização de prospecção e pesquisa por o seu contrato ter caducado sem ter sido renovado.

Aquela técnica precisou que a contra-análise feita pela Direcção-Geral no início do ano incidiu sobre 22 elementos, registando teores não rendíveis em relação a qualquer deles.

Segundo Arons de Carvalho

Igreja: um candidato entre outros a um canal TV

Alberto Arons de Carvalho é de opinião que a Igreja Católica não é a entidade mais vocacionada para receber a concessão de um canal privado de televisão.

O actual porta-voz do PS falava a título pessoal, na sua qualidade de especialista em comunicação social momentos antes de entrar para uma reunião da Comissão Parlamentar que está a apreciar a questão da atribuição de um canal ao Patriarcado de Lisboa.

«Não vejo porque é que a Igreja possa ser um candidato privilegiado à obtenção de um canal de televisão. Acho que é um candidato entre outros» — explicou-se Arons de Carvalho.

«Em princípio, acho que não é o candidato mais vocacionado para a obtenção de um canal privado» — adiantou ainda quando interrogado com mais insistência sobre o assunto.

Quanto à existência ou não de televisão privada, Arons de Carvalho considerou que ela «e inevitável e desejável, mas tem de ser devidamente regulamentada de modo a salvaguardar a sobrevivência de um serviço público com dois canais concorrenciais».

Além disso, a entidade que der as concessões deve ser «independente, o que exclui desde logo o Governo».

Por outro lado, os futuros canais privados devem estar subordinados a uma entidade fiscalizadora idêntica ao Conselho de Imprensa — considerou ainda.

Devem também ser-lhes impostos mínimos de produção nacional e europeia — precisou também Arons de Carvalho.

Quanto ao actual modelo de gestão da RTP, «é o mais retrógrado da Europa, e é mesmo indigno de um país democrático integrado na CEE» — observou por fim Arons de Carvalho.

Clandestinas da Arrábida vão ser demolidas

A Associação de Defesa do Património da Região de Setúbal, (SALPA) congratulou-se hoje com a decisão da Secretaria de Estado do Ambiente de demolir as construções clandestinas do Portinho da Arrábida e Galapos.

Segundo a SALPA, «a concretização das anunciadas demolições previstas para Outubro constituiria um sério aviso para todos quantos de uma forma egoísta usurpam espaços, degradando sítios e paisagens».

«Aguardamos que a Lagoa de Albufeira, Melides e Santo André sejam objecto das próximas iniciativas dos poderes públicos, tendo em vista uma urgente recuperação e reordenamento da orla marítima do distrito de Setúbal» — acrescenta a SALPA.

EXT. SÉNECA
Tels: 52 00 92, 82 27 76, 82 35 31

Ministério reage a declarações de Edgar Cardoso

LNEC tem 48 horas para dizer se as pontes de Santarém e Abrantes estão em perigo de cair

O Ministério das Obras Públicas encarregou o Laboratório Nacional de Engenharia Civil de proceder «imediatamente» a uma vistoria das pontes sobre o Tejo, em Santarém e Abrantes. Um comunicado daquele Ministério refere que a decisão foi tomada na sequência de declarações do professor-engenheiro Edgar Cardoso ao matutino O SECULO, nas quais referiu que aquelas pontes podiam cair por falta de trabalhos de manutenção e limpeza.

«Em face das notícias divulgadas por um matutino de Lisboa», refere o comunicado, «resolveu o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, através da Secretaria de Estado das Vias de Comunicação, que o Laboratório Nacional de Engenharia Civil proceda imediatamente a uma vistoria apresentando o respectivo relatório dentro de 48 horas».

Em face das conclusões do relatório, que serão divulgadas publicamente, «serão tomadas as subsequentes decisões», afirma o comunicado.

O Ministério refere, contudo, que «estão já em curso» acções de conservação e beneficiação das pontes integradas na rede rodoviária nacional; decorrentes de um acordo entre a Junta Autónoma de Estradas (JAE) e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). Assinado em Março deste ano.

A «inspecção cistemática dessas obras de arte» insere-se no plano de acções delineado nesse acordo, «estando as duas pontes sobre o Tejo, em Abrantes e Santarém, incluídas no programa para 1986», segundo o comunicado.

O Ministério acrescenta que a JAE já «fez, recentemente, alguns trabalhos de beneficiação nas duas pontes em causa».

Todavia, em consequência das declarações de Edgar Cardoso, que foram citadas em diversos órgãos de informação, o Ministério resolveu ordenar a sua vistoria imediata.

Ontem, o ministro das Obras Públicas, João Oliveira Martins, esteve reunido com responsáveis da JAE e do LNEC.

Director da UNICEF em Lisboa

O director da UNICEF para a Europa, Victor Soler-Sala, chega hoje a Lisboa para uma visita oficial com o objectivo de «tomar contacto com a realidade portuguesa» — disseram à Anop fontes da organização.

A UNICEF — Fundo das Nações Unidas para a Infância — está empenhada no combate à mortalidade infantil através de uma gigantesca campanha de vacinação contra o sarampo, responsável por mais de dois milhões de mortes anuais, o tétano, que leva a morte de 800 mil crianças por ano e a coqueluche, de que morrem anualmente 600 mil crianças.

O ano de 1990 é a meta prevista pela UNICEF para o cumprimento deste objectivo à escala mundial, no âmbito do qual 40 países aceleraram os seus programas de imunização e 17 mil pessoas foram habilitadas com técnicas de vacinação.

Portugal — com uma mortalidade infantil de 20 por cada mil crianças no primeiro ano de vida — está incluído na lista dos países com uma taxa de mortalidade infantil baixa, segundo os padrões da UNICEF, embora superior a dos outros países europeus.

Os presidentes e governos dos 159 países da ONU foram sensibilizados para o programa «imunização para todos até ao ano 2000» pelo secretário-geral daquela organização, de que a UNICF faz parte.

Uma vez que a UNICEF desenvolve os seus programas em consonância com os governos de cada país, o seu director para a Europa, Soler-Sala, avistar-se-á com o Presidente da República, o Primeiro-Ministro e a administração da Fundação Gulbenkian.

O Comité Português para a UNICEF tem desenvolvido projectos integrados de apoio à infância em dois bairros de lata nos quais colabora também a comissão da condição feminina.

O contacto com as iniciativas desenvolvidas pelo comité português é outro dos objectivos da deslocação a Lisboa do director da UNICEF para a Europa.

Sanções "alternativas" contra Pretória

Reagan estuda concessão de 500 milhões aos países da Linha da Frente

O porta-voz da Casa Branca confirmou que o presidente norte-americano, Ronald Reagan, está a estudar planos para a concessão de uma ajuda de 500 milhões de dólares aos países da Linha da Frente. Larry Speaks disse que este auxílio seria utilizado essencialmente para melhorar as vias de comunicação dos países da Linha da Frente (Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe) a fim de reduzir a sua dependência em Relação à África do Sul no seu tráfego comercial.

Ao mesmo tempo, Speakes declarou que Reagan vetará amanhã as sanções contra a África do Sul aprovadas recentemente pelas duas Câmaras do Congresso e poderá anunciar a visita do secretário de Estado, Georges Shultz, à África Austral, bem como a nomeação de um embaixador negro para Pretória, Edward Perkins, ex-chefe da missão diplomática norte-americana na Libéria.

A maioria dos analistas políticos interpreta estas medidas como uma tentativa de última hora do presidente Reagan para impedir que o Congresso lhe inflija uma humilhação, derrotando o seu veto por uma maioria de dois terços.

Termina amanhã o prazo para que Reagan ratifique ou vete o projecto de lei que prevê a suspensão das importações de ferro, aço, carvão e certos produtos agrícolas sul-africanos, bem como a interdição de novos investimentos na África do Sul e a proibição de aterragem nos Estados Unidos dos aviões comerciais daquele país.

O projecto de lei foi adoptado por grande maioria na Câmara dos Representantes, dominada pelos democratas, e no Senado, dominado pelos republicanos. Segundo os analistas, Reagan procura acompanhar o seu veto com medidas susceptíveis de apaziguar os seus críticos republicanos.

Nesta estratégia se inseriria o anúncio da viagem de Shultz à África Austral para conversações com os dirigentes dos Estados da Linha da Frente e mesmo com Oliver Tambo, presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), principal movimento anti-«apartheid», ilegalizado na África do Sul.

Nessa ocasião, Shultz poderia anunciar o «miniplano Marshall» de 500 milhões de dólares para os seis países.

«O que está em jogo é o papel futuro dos Estados Unidos em África», declarou o republicano Richard Lugar, presidente da influente Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado.

«A questão é de saber agora de que lado estão os Estado Unidos», salientou. Observando que um veto presidencial «será aplaudido» pelo presidente sul-africano Pieter Botha, Lugar acrescentou que Washington «deve fazer a boa escolha».

A seis semanas das eleições para o Congresso, que poderão resultar numa maioria democrática no Senado, os legisladores republicanos desejam que a Casa Branca se distancie claramente do governo de Pretória.

Ests congressistas advogam ainda que Washington encete o diálogo com a oposição sul-africana negra e reforce os seus contactos com os países da Linha da Frente, que tentam libertar-se do domínio económico do seu poderoso vizinho.

Tribunal dos EUA aceita recurso contra ajuda aos anti-sandinistas

Um tribunal dos Estados Unidos admitiu o recurso apresentado por um grupo de cidadãos que alega ter sido violada a Carta das Nações Unidas com a atribuição, pelo Congresso norte-americano, de uma ajuda de 100 milhões de dólares aos grupos armados anti-sandinistas da Nicarágua.

O recurso é considerado como uma última tentativa de bloquear a entrega dos fundos votados. pelo Congresso aos «contras» da Nicarágua, com o argumento de que a decisão do poder legislativo desrespeita uma sentença do Tribunal Internacional de Justiça de Haia, que os Estados Unidos se comprometeram a acatar ao assinar a Carta das Nações Unidas.

A Câmara dos Representantes e o Senado aprovaram o pedido da Administração Reagan de ajuda financeira aos rebeldes anti-sandinistas, contra uma sentença expressa do Tribunal Internacional de 1984 condenando este tipo tipo de intervenção nos assuntos da Nicarágua.

Uma fonte oficial da Casa Branca rejeitou os argumentos expostos no recurso elaborado pelo professor de Direito Jules Lobel, afirmando que os Estados Unidos respeitaram sempre as decisões dos juízes do Tribunal Internacional, cumprindo as disposições da Carta das Nações Unidas.

No caso em questão, os Estados Unidos não reconhecem a competência do Tribunal Internacional para emitir uma sentença com base na queixa apresentada pela Nicarágua.

Entre os grupos que apoiam o recurso agora apresentado figuram a Associação Federalista Mundial, vários membros do Congresso, a organização «Pela Reforma das Nações Unidas» e várias freiras católicas que foram presas na Nicarágua por guerrilheiros anti-sandinistas.

Espanha pretende reduzir presença militar americana

A Espanha deseja uma «redução séria e significativa» dos efectivos militares norte-americanos em solo espanhol, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros, Francisco Fernandes Ordonez.

O ministro espanhol reuniu-se com o secretário norte-americano, George Shultz, para estudar a renovação do acordo assinado em 1982.

«Tentei mostrar a Shultz», afirmou Fernandez Ordonez, «que a posição espanhola é muito firme, tanto do ponto de vista político como estratégico».

O ministro espanhol encontra-se em Nova Iorque acompanhando o rei Juan Carlos, que discursou na abertura da 41.ª Assembleia Geral das Nações Unidas, na passada segunda-feira.

«A reunião que tive com Shultz é a primeira desde a realização das eleições gerais espanholas e depois das conversações que se iniciaram em Madrid, em Julho, para a renovação do acordo de amizade, defesa e cooperação entre os dois países».

O objectivo principal da renovação do acordo, assinado em 1982, é a diminuição dos 14 000 norte-americanos destacados em quatro bases militares e sete instalações de comunicações existentes em Espanha.

A redução das tropas norte-americanas em solo nacional é uma das promessas do Governo espanhol por altura do referendo, em Março, para a continuação da Espanha na Aliança Atlântica.

Israel não quer forças da ONU na sua fronteira

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, rejeitou ontem uma resolução do conselho de Segurança da ONU que exige o regresso das Forças de Paz das Nações Unidas ao sul do Líbano, na zona fronteiriça com Israel. Também o ministro da Defesa, Yitzahak Rabin, rejeitou a resolução do Conselho de Segurança, afirmando a propósito:« nós não pedimos a presença das tropas das Nações Unidas, tal como não pedimos a sua retirada. Mas não concordamos com uma alteração na sua instalação relativamente ao que tem sido regra ao longo dos últimos oito anos».

A resolução do Conselho de Segurança, aprovada terça-feira com 14 votos a favor, nenhum contra e a abstenção dos Estados Unidos, apela à instalação das tropas da ONU até à fronteira israelita. Esta resolução acrescenta ainda que todas as forças não aceites pelas autoridades libanesas- presumívelmente as de Israel- devem deixar o sul do Líbano imediatamnte.

Entretanto, a Embaixada francesa no Líbano declarou que o nome de Marcel Coudraix, que uma organização clandestina afirma ter raptado em Beirute, não consta nos seus registos.

A «Organização de Justiça Revolucionária» anunciou ontem ter em seu poder aquele cidadão francês e um outro norte-americano, raptado há mais de dez dias. No comunicado enviado a um jornal libanês, a «Organização de Justiça Revolucionária» afirmava que Coudraix fazia parte do sector anti-terrorista dos Serviços Secretos franceses em Beirute.

"Bomba" despoletada por jornal francês

Chirac teria autorizado negociações com "terroristas" para evitar atentados

O governo conservador do primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, negociou com extremistas há alguns meses, para pôr fim a uma campanha de atentados bombistas, revelou ontem o jornal « Le Canard Enchaine». As revelações deste jornal satírico surpreenderam Chirac em Nova York, onde se deslocou para falar na Assembleia Geral da ONU, tendo o primeiro-ministro afirmado que o seu governo não negociará nem cederá à chantagem dos responsáveis pelos atentados de Paris.

No entantro, e apesar de não citar fontes, a notícia publicada pelo «Le Canard Enchaine» é rica em pormenores. Segundo aquele jornal, Chirac ter-se-ia servido da «Direction de Surveillance du Territoire», os serviços de contra-espionagem franceses, para conduzir as negociações.

Agentes franceses encontraram-se com membros das « Facções Armadas Revolucionárias Libanesas», cujo presumível lider se encontra detido em França, sendo a sua libertação exigida pelos grupos que reivindicaram os atentados de Paris.

O « Canard Enchaine» salientou que o encontro entre os agentes franceses e os extremistas árabes foi preparado com a ajuda das autoridades argelinas., segundo algumas fontes, enquanto outras dizem que ele se realizou graças aos esforços do ex-presidente argelino Ahmed Ben Bella.

O jornal acrescenta que o encontro se realizou em Madrid e, pouco depois, dois emissários franceses deslocaram-se à Síria com o objectivo de solicitar ajuda às autoridades de Damasco para libertar os reféns franceses no Líbano e avaliar a influência síria sobre as «Facções Armadas Revolucionárias Libanesas».

No início do Verão-prossegue o jornal-surgiram ordens secretas de altas esferas para ser encontrado um modo de abandonar, por falta de provas, outras acusações contra Abdallah, como a de cumplicidade nos assassínios de um adido militar norte-americano e de um diplomata israelita. Actualmente Abdallah cumpre quatro anos de prisão por posse de documenos falsos e porte ilegal de armas.

« No entanto, o segredo não foi bem guardado e, no final do mês de Junho, graças a uma fuga providencial de informações, os norte-americanos também tiveram conhecimento das boas notícias», adiantou o « Canard Enchaine».

A família do adido norte-americano assassinado, coronel Charles Ray, e a Embaixada dos Estados Unidos em Paris envolveram-se no processo contra Abdallah e começaram a exigir um julgamento.

Tem havido grande especulação de que o governo tencionava abandonar as acusações de cumplicidade e libertar Abdallah em troca da paz com os extremistas. A divulgação desta tentativa e o envolvimento de «terceiros» poderá ter gorado esta intenção.

A mais recente onda de atentados bombistas endureceu a posição do governo francês e a opinião pública tem-se manifestado contra um acordo com os extremistas.

CEE

Entretanto, os ministros do Interior da Comunidade Económica Europeia encontram-se hoje reunidos em Londres para um debate de emergência sobre o combate ao terrorismo. A reunião dos doze ministros realiza-se a pedido da França para explorar as formas de incrementar a cooperação, partilhar informaçõesa e acelerar respostas coordenadas a acções de guerrilha.

MADRID
ANDORRA
ZARAGOZA
EXCURSÃO EM AUTO-PULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
HOTÉIS SELECCIONADOS
5 DIAS
Partida: 1 DE OUTUBRO
Visitando: BADAJOZ, MADRID, ZARAGOZA, ANDORRA e MADRID
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS. 521116-521117-572970
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473 85

CUMPRA os sinais das bandeiras

GALIZA
RIAS BAIXAS
PICOS DA EUROPA
EXCURSÃO EM AUTO-PULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
HOTÉIS SELECCIONADOS
5 DIAS
Partida: 1 DE OUTUBRO
Visitando: SEIA, VALLADOLID, COVADONGA, OVIEDO, LA CORUÑA, SANTIAGO, VIGO e PORTO
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS. 521116-521117-572970
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473 85

24 HORAS

As detenções no Chile

Um promotor de justiça militar chileno interrogou três dirigentes de esquerda, detidos por suspeita de envolvimento numa tentativa de assassínio do presidente Augusto Pinochet, no início deste mês. Um dos três suspeitos é o socialista Ricardo Lagos, que lidera a Aliança Democrática, uma coligação oposicionista ao governo militar de Pinochet. Ricardo Lagos está detido há mais de duas semanas sem acusação formal, devido ao estado de sítio declarado pelo chefe de Estado desde 7 de Setembro, data do atentado de que foi vítima. Segundo revelaram os advogados encarregues do caso, os dois outros suspeitos são German Correa, líder de uma facção mais radical do Partido Socialista, e o reverendo Rafael Maroto, um padre e porta-voz de um grupo considerado de extrema-esquerda.

Jorge Correia demitido

O delegado para a Europa da Resistência Nacional de Moçambique, Jorge Correia, foi demitido das suas funções, por decisão do seu presidente, Afonso Dlakhama, disse à Anop uma fonte do movimento. A demissão deve-se a uma medida de remodelação a nível externo e conjuga-se com substituições a nível interno, como por exemplo de militares na região sul de Moçambique, disse a mesma fonte. Há alguns meses, o presidente da Renamo decidira, também, afastar do cargo o secretário geral, Evo Fernandes, que se mantém como membro do conselho nacional do movimento, fazendo ainda parte do seu grupo de estudos.

Intentona no Togo

Cerca de cinquenta homens armados atacaram, ontem, de madrugada, o quartel onde vive o presidente do Togo, Gnassinghe Eyadema, numa tentativa de golpe de Estado, mas foram repelidos pelas forças governamentais, disseram fontes militares.

O grupo infiltrou-se a partir do Gana e cercou o quartel numa tentativa para matar o general Eyadema, de 50 anos, que há 18 governa o país, acrescentaram. Uma nota oficial apresenta os atacantes como «um comando terrorista» e refere a morte de seis civis e sete assaltantes durante o tiroteio. Um dos mortos foi um homem de negócios alemão-federal, de acordo com informações do governo de Bona.

Óleo alimentar tóxico

O ministro espanhol do Trabalho afirmou ter concluído as negociações para mandar destruir mais de 4,2 milhões de litros de óleo alimentar tóxico dinamarquês que provocou crca de 600 mortes em Espanha, em 1981. O óleo adulterado (óleo de colza), que além de fazer vítimas mortais, provocou intoxicações em mais de 20 mil pessoas, foi vendido como óleo alimentar em áreas habitadas por operários tendo sido retirado do mercado entre 1981 e 1984, será enviado, de novo, para a Dinamarca e queimado numa fábrica de desperdícios tóxicos.

Contrabando de armas

As autoridades da República Federal da Alemanha anunciaram o desmantelamento de duas redes de contrabando de armas, no valor de várias centenas de milhões de dólares, para as Forças Armadas iranianas e iraquianas. O porta-voz da Polícia de Hamburgo salientou que uma das organizações foi descoberto na sequência da recolha de informações sobre uma operação de venda de helicópteros de combate do tipo «Cobra», fabricados pela firma norte-americana «Bell-Textron», por 150 milhões de dólares. As autoridades alemãs-federais informaram, também, do desmantelamento, em 30 de Junho último, de outra rede de traficantes de armas, constituída por nove pessoas, seis das quais se encontram detidas.

Segurança nuclear

A Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) está reunida em Viena para discutir a segurança nuclear, em sessão extraordinária que se prolonga até amanhã sexta-feira. Carlos Pimenta, secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, representa Portugal na reunião de Viena. A sessão extraordinaria da AIEA foi convocada por iniciativa da República Federal da Alemanha, na sequência do acidente de Chernobyl.

O Pentágono insaciável

Juan Ramon de la Cruz

Exclusivo EFE/«DL»

Parecem remotos e, no entanto, não o são tanto — não chega a 20 anos — os tempos em que o orçamento anual de defesa, nos Estados Unidos, atingiu a astronómica soma de 80 000 milhões de dólares. Eram tempos de guerra — o país encontrava-se então atolado dos pés à cabeça no lodaçal indochino — e, argumentava-se, tal esforço era necessário naquele momento. Porém, mesmo os mais acérrimos defensores de tão elevado orçamento militar afirmavam, não menos tenazmente, que, uma vez finalizada a campanha oriental, os tempos voltariam a ser de paz e o orçamento do Pentágono diminuiria sensivelmente. No entanto, as coisas resultaram totalmente ao contrário: a guerra terminou e o orçamento continuou a aumentar regularmente. Para o ano de 1987, situa-se à volta dos 290 000 milhões de dólares.

Embora os números definitivos não sejam ainda conhecidos, pensa-se que não andarão muito longe dos 301 000 milhões aprovados pelo Comité de Serviços Armados do Senado, dominado pelos republicanos, e os 285 000 milhões defendidos pelo mesmo comité da Câmara dos Representantes, de maioria democrata. Em qualquer dos casos encontra-se ainda longe do solicitado pelo presidente Reagan: 320 000 milhões de dólares.

Os responsaveis pelas finanças norte-americanas sabem que o presidente aumenta, por sistema, a sua petição com o objectivo de, após a baixa inevitável, o total reflectir de algum modo as necessidades mínimas do Pentágono. No entanto, o que é certo é que para grande parte dos observadores políticos a descida verificada é muito maior do que inicialmente se pensava. Reagan chegou mesmo a qualificar de «austero» o orçamento aprovado pela Câmara Baixa. Os valores solicitados pelo presidente situavam-se muito perto do 1/3 do total do orçamento de Estado, aproximadamente um bilião de dólares.

Um poderoso Complexo

A advertência de Dwight Eisenhower ao Congresso, após oito anos de presidência, não teve os efeitos desejados pelo velho general. Com efeito, o «complexo militar-industrial» denunciado por «Ike» aos legisladores tornou-se num monstro devorador, de apetite insaciável e sempre crescente não se sabendo onde irá parar. O Congresso limitava-se a aprovar, com emendas não excessivas, orçamentos «severos» que, previamente, tinham sido assumidos sem problemas pelo Executivo. De cada três dólares pagos pelo contribuinte e administrados pelo Estado, um vai parar ao referido complexo.

O Congresso tem a missão teórica de administrar estes dólares, embora enfrentando o poder Executivo. Na prática é este quem decide. Se o presidente não está de acordo com os números apresentados e votados pelos parlamentares, pode opor-se pelo veto, que só pode ser derrotado pela maioria de dois terços dos congressistas, algo impensável hoje em dia. Apesar de ter «cortado» em 35 000 milhões de dólares a cifra apresentada pelo Governo, os representantes deixaram no seu projecto de lei uns quantos «buracos» de modo a que, se o executivo o julgue necessário, se possam adicionar alguns milhares de milhões de dólares a mais.

Os referidos «buracos» incluem previsões compensatórias para o ajuste inflacionário, os aumentos de pagamentos militares e outros factores. Por outro lado, se a inflação for inferior ao calculado — que é o que conta na hora de se fazer o ajuste — o resultado será de ainda mais alguns milhões de dólares extra.

O militar de novo na moda

O militar norte-americano, que alcançou as suas quotas mais baixas de popularidade nos últimos anos da guerra do Vietname, volta hoje a impor-se ante a opinião pública, principalmente desde a chegada de Reagan à Casa Branca, atingindo níveis de aceitação similares aos registados durante os anos que se seguiram à II Guerra Mundial. O ponto mais baixo da escala foi atingido aquando do episódio iraniano, quando a expedição militar enviada para resgatar os reféns da Embaixada norte-americana de Teerão fracassou da forma ridícula que hoje se sabe.

Reagan, muito ajudado por Sylvester Stallone, devolveu à instituição castrense o fervor popular, graças a acções tipo «Rambo» como as da tomada de Granada, o bombardeamento da Líbia e o cada vez maior envolvimento militar na Nicarágua. Recentemente, também enviou um contingentge militar para a Bolívia, a fim de ajudar as autoridades locais a combater o tráfico de cocaína, a principal fonte de receitas, embora clandestina, do país.

A que se destinam os fundos autorizados pelo Pentágono?

Vejamos a carteira de pedidos para este ano: compra de 310 novos aviões de combate; aquisição de 14 navios de guerra, 870 tanques — há que somar 593 veículos de combate dentro do chamado «Programa Bradley» — e outras «pequenas coisas» como 120 helicópteros de ataque e 2271 mísseis de vários tipos. Há que somar ainda o orçamentado para a chamada «Guerra das estrelas» e de «ofensiva estratégica» (os mísseis Midgetman e Trident-2), com 3400 e 2875 milhões de dólares respectivamente só em investigação e desenvolvimento. Além disso não se podem esquecer os 587 milhões de dólares investidos no novo avião de carga norte-americano. Com tudo isto terá o Pentágono que se conformar até ao próximo ano fiscal.

Objectivos da política económica foram atingidos no ano passado

- sublinha o relatório do Banco de Portugal

Os objectivos da política económica portuguesa para 1985 foram totalmente atingidos, conclui o relatório do Banco de Portugal relativo ao ano passado.

De acordo com o documento, em 1985, após dois anos de quebra consecutiva, o Produto Interno Bruto (PIB) registou uma sensível recuperação, ao mesmo tempo que a Balança de Transacções Correntes apresentava um excedente de 411 milhões de dólares, facto que não ocorria desde o início dos anos 70.

Por outro lado, a inflação «desacelerou significativamente», tendo-se situado em 19,3 por cento em média anual, resultado mais favorável do que incialmente previsto, que era de 22 por cento.

Por seu turno, os salários reais cresceram cerca de 2 pontos, «tendo-se começado a inverter a forte erosão do poder de compra registado nos dois anos anteriores».

O relatório anual do banco indica que a economia portuguesa viu assim concluído o processo de ajustamento conjuntural a que esteve sujeita nos dois anos anteriores, em consequência dos graves desequilíbrios macroeconómicos que caracterizam a sua evolução nos primeiros anos da presente década.

A evolução verificada foi, contudo, diferente da inicialmente prevista pelas autoridades responsáveis pela condução da política económica. Isso foi devido por um lado, à inflexão favorável de algumas condicionantes externas que mais afectam a economia portuguesa (descida do dólar e dos preços de alguns produtos de base, em especial agrícolas) e, por outro, aos efeitos do processo de ajustamento anterior, reflectidos na redução do conteúdo importado da produção nacional, no incentivo sustentado às exportações e no processo de formação dos rendimentos e preços.

O Banco de Portugal confirma agora que Ernâni Lopes atingiu os objectivos de política económica que se propôs

Assim, o PIB cresceu mais do que o previsto (3,3 por cento contra 3 por cento), como resultado de um acréscimo reduzido na procura interna (0,7 por cento) e de uma ainda forte contribuição do sector exterior (2,5 por cento), reflectida num excedente da Balança de Transacções Correntes de 411 milhões de dólares (1,8 por cento do PIB).

Inicialmente, o crescimento previsto da economia deveria resultar de um acréscimo real de 3,4 por cento da procura interna, a que associaria um elevado défice da Balança de Transacções Correntes, da ordem dos 900 milhões de dólares, ou seja, cerca de 4 por cento do PIB.

O consumo privado e o investimento encontravam-se ainda muito deprimidos no início do ano, pelo que, apesar da aceleração observada ao longo de 1985, o seu crescimento médio foi reduzido, assinala a nota do Banco de Portugal.

O documento acrescenta que a evolução positiva da procura externa, bem como importantes ganhos de quotas de mercado, sustentaram o ritmo de evoluçao das exportações. As importações apresentaram no seu conjunto um crescimento modesto, devido a evolução das referentes a bens agrícolas e a combustíveis que apresentaram fortes decréscimos, sobretudo no primeiro semestre.

Em contrapartida, as importações de bens manufacturados cresceram 11 por cento em volume.

«O relatório do Banco de Portugal confirma assim que os objectivos da política económica para 1985 foram atingidos, iniciando-se uma retoma moderada dos níveis de actividade e de rendimento, sem por em causa os resultados das contas externas e da inflação», assinala a nota do banco.

Acordo salarial na Petrogal

A Federação Sindical dos Químicos e o Conselho de Gerência da Petrogal chegaram ontem a acordo, em matéria de revisão salarial, afirmou ontem uma fonte sindical.

Armando Farias, da Federação dos Químicos, referiu, no entanto, que a empresa se recusou a negociar o reenquadramento, pelo que se vão realizar quinta e sexta-feira plenários de trabalhadores para se debater eventuais formas de luta.

Em termos de tabela salarial, a federação conseguiu que 90 por cento dos trabalhadores passem para a tabela II, auferindo aumentos de 16 por cento, ficando os restantes 10 por cento na tabela I com aumentos de 14 por cento, ambos a partir de Outubro.

A federação conseguiu, ainda, que a partir de 1 de Janeiro de 1987, 30 por cento dos trabalhadores da tabela I passem para a tabela II e que 30 por cento dos da tabela II passem para a tabela III, auferindo um aumento de 19 por cento.

De acordo com a fonte, o valor conjugado e ponderado do aumento obtido para tabela salarial é de 15,8 por cento, tendo as restantes matérias de expressão pecuniária sofrido aumento semelhante.

Este acordo abrange cerca de 6 750 trabalhadores.

CEE e Comecon prosseguem contactos

Delegações da CEE e do Comecon concluiram ontem em Genebra, uma reunião exploratória destinada a estudar o estabelecimento de relações oficiais entre as duas organizações económicas.

A delegação da CEE as conversações, as primeiras em seis anos, entre as duas organizações, foi presidida por John Maslem, da Comissão Europeia, e a do Comecon, por Zdislaw Kurowski, secretário adjunto daquela organização.

Segundo fontes comunitárias, na reunião de três dias não se chegou ainda a qualquer declaração conjunta, mas foi decidido prosseguir este tipo de contactos até atingir esse objectivo.

As mesmas fontes indicaram que a reunião decorreu «num ambiente cordial» e não chegaram a ser abordados «temas particulares de cooperação entre as duas partes».

O primeiro passo para o estabelecimento de relações oficiais entre a CEE e o Comecon foi dado pela União Soviética em carta enviada em Maio do ano passado «à Comissão Europeia».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$90	50$50
ALEMANHA FED. (marco)	71$40	72$60
ÁUSTRIA (xelim)	10$10	10$30
BÉLGICA (franco)	3$238	3$488
BRASIL (cruzado)	3$900	6$400
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$25	107$75
(notas de 5 a 1000)	105$75	108$25
DINAMARCA (coroa)	18$90	19$30
ESPANHA (peseta)	1$057	1$177
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$30	149$20
(notas de 5 a 1000)	146$80	150$30
FINLÂNDIA (marka)	29$65	30$25
FRANÇA (franco)	21$80	22$50
HOLANDA (florim)	63$20	64$30
IRLANDA (libra)	196$95	200$95
ITÁLIA (lira)	$094	$109
JAPÃO (iene)	$902	$957
NORUEGA (coroa)	19$75	20$25
REINO UNIDO (libra)	212$55	217$05
SUÉCIA (coroa)	21$05	21$55
SUÍÇA (franco)	88$20	89$70
VENEZUELA (bolívar)	6$15	7$15

OBSERVAÇÕES

1 — No respeitante a moedas, estas cotações deverão ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Afirma a OCDE

Conceito de pleno emprego tem que ser posto de parte nos países industrializados

A noção tradicional de pleno emprego já não pode subsistir nos países industrializados, pelo que a acção dos governos deve visar futuramente a criação de condições de uma ocupação profissional para todos, em moldes diferentes dos tradicionalmente praticados, assinala p relatório anual da OCDE ontem divulgado.

Esta perspectiva não é, no entanto, para amanhã, precisa a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico no seu relatório. De momento, os países desenvolvidos registam uma taxa de desemprego particularmente elevada que a retoma do crescimento não será suficiente para fazer baixar.

Para o conjunto dos países da OCDE (Europa, América do Norte, Japão e Autrália) «o desemprego poderá estabilizar-se a volta dos 31 milhões de pessoas no segundo semestre de 1986, ou seja, uma taxa global de 8,25 por cento», não devendo variar no próximo ano, de acordo com o relatório.

Na Europa, esta taxa permanecerá nos 11 por cento (19 milhões de pessoas).

A OCDE mostra-se particularmente preocupada com o desemprego dos jovens (cuja taxa deveria ser de 16 por cento em 1987 para o conjunto dos países membros) e do desemprego de longa dur[illegible] «que deverá aumentar ainda mais nos países europeus».

Os desempregados de longa duração colocam um problema ainda mais preocupante na medida em que perdem em cada dia que passa contacto com o mundo do trabalho.

Para se conseguir um recuo nítido do desemprego seria necessário simultaneamente acelerar o crescimento económico e obter um desenvolvimento mais rápido do emprego sobre a produção, estima a OCDE.

Enquanto os governos espe[illegible]m muito do desenvolvimento do trabalho independente, o relatório sublinha que este contribui pouco para a criação de empregos, dado que a maior parte dos novos trabalhadores independentes emprega apenas a sua pessoa.

Conviria sim, para o tornar mais atractivo, melhorar a qualidade do trabalho independente, em particular no que respeita a sua cobertura social.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

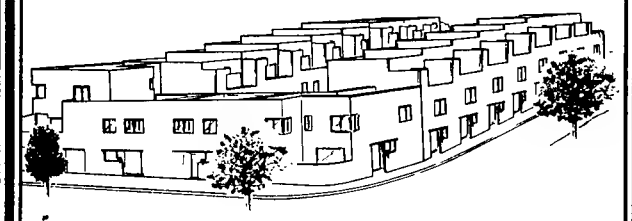
Av. dos Bombeiros Voluntários, 29-2.° — ALGÉS
Telefone 410 29 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS DAS 10 ÀS 12 H.
E DAS 16 ÀS 21 H. EXCEPTO AOS SÁBADOS

Bom gosto...
é uma questão de opinião

VENHA VER SE A SUA COINCIDE COM A NOSSA



MORADIAS
Encosta do Restelo
QUARTEIRÃO ROSA
FACILIDADES SEM PRECEDENTES
Empreendimento da Avenida
Av. Gonçalo Nunes
(Junto à Av. Ilha da Madeira) - **Tel. 615158**
VISITE-NOS
Todos os dias úteis,
sábados e domingos
EPUL
HAUS

Com mais portugueses e menos americanos

Turismo espanhol aumenta receitas

A entrada de visitantes portugueses em Espanha aumentou 16 por cento durante os primeiros sete meses deste ano, com um total de 4 153 754 pessoas e mais 574 425 do que no mesmo período do ano passado — informou a Secretaria-Geral do Turismo.

Durante o mês de Julho entraram em Espanha 1 108 234 portugueses, 14,3 por cento mais, que equivalem a 138 750 pessoas.

De Portugal procedeu o maior número de visitantes depois de França, que ocupa o primeiro lugar, com 5 709 518 entradas nos primeiros meses do ano.

A seguir a Portugal o maior número de turistas é o da Grã-Bretanha, com três milhões e meio nos sete primeiros meses do ano, e da Alemanha Federal, com 3,194 mil.

A entrada de turistas norte-americanos diminui em 30,3 por cento nos sete primeiros meses do ano, com a entrada de 409 716 pessoas, 177 934 menos do que no mesmo período do ano anterior.

Em Julho entraram 94 808 norte-americanos, isto é, 38 439 menos do que no mesmo mês de 1985, igual a uma redução de 28,8 por cento.

Além dos norte-americanos, durante os sete primeiros meses do ano registou-se apenas uma ligeira diminuição de austríacos, de canadianos e mexicanos.

Nos primeiros sete meses do ano entraram em Espanha 24 171 292 visitantes com um aumento de 7,5 por cento, equivalente a 1 676 975 pessoas.

As receitas de turismo em divisas cifraram-se em 4 627,5 milhares de dólares nos seis primeiros meses do ano, que equivalem a um aumento de 48,6 por cento frente aos 3114 do mesmo período de 1985.

Sobretudo crianças e adultos com mais de 50 anos

Cem mil deficientes auditivos usam próteses em Portugal

Em Portugal cerca de 100 mil deficientes auditivos, na sua maioria crianças e adultos com mais de 50 anos, usam próteses com resultados positivos, segundo revelou o dr. Diogo de Oliveira, presidente da Associação Portuguesa de Audioprotesistas, entidade que neste momento organiza em Lisboa um encontro internacional da especialidade.

Com a participação de dez países (Suíça, Dinamarca, Bélgica, França, Itália, Holanda, Espanha, Inglaterra, Alemanha Federal e Portugal), a Assembleia Geral da Associação Europeia de Audioprotesistas está a debater as novas técnicas relativas aos aparelhos «intra canal» (impressões no ouvido) e à adaptação da prótese em crianças de tenra idade.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.° JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que, pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 8 de Outubro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp , n.° 5-4.°, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: TRANSPORTADORA CENTRAL DA FONTE LUMINOSA, LD.ª, com sede na Calçada da Cruz da Pedra, lote M, loja B, em Lisboa, no processo executivo n.° 1441/83.

BENS PENHORADOS

Verba n.° 1 — Rádio portátil marca Teltronic-mod. P20, n.° 6778482 – 12 volts – Amp. 2,5 – Altavoz 4-8, fabrico espanhol – móvel terrestre, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor de 60 000$00 (sessenta mil escudos).

Verba n.° 2 — Emissor-receptor marca GE, tipo FM56LAS66, n.° 3432260, frequência 165.500 MHZ-potência 50 W, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 250 000$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.° 3 — Uma máquina de calcular – Olivetti Iverca – Multisumma 20 – 220 V – 35 W – 50 HZ de fabrico italiano, em estado novo, a que se atribui o valor presumível de 20 000$00 (vinte mil escudos).

Verba n.° 4 — Uma máquina de escrever eléctrica — marca ADDO-DATAMAC-m/841-P-9230-20-91-série 27, fabrico inglês, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 50 000$00 (cinquenta mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 9 de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias
O Lig. Trib.
F. Lopes

D.L. 25/9/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.° JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 6 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.° 5-4.° em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a: CONTAMEC-Contabilidade Mecanizada, Ld.ª com sede na Rua Coronel Luna Oliveira, n.° 15-C – Lisboa, no processo executivo n.° 194/85, por dívida à Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.° 1 — O direito ao trespasse e arrendamento da loja 15-C, do prédio sito na Rua Coronel Luna de Oliveira, composto de 3 divisões e 2 casas de banho, sendo paga a renda mensal de 17 550$00, a que se atribui o valor de 600 000$00.

Verba n.° 2 — Uma mesa de reuniões forrada a fórmica com pés metálicos, 6 cadeiras forradas a napa, estofadas e um armário grande, com tampo em fórmica, portas em madeira prensada forradas a fórmica e c/interiores e pés metálicos, tudo em estado novo, a que se atribui o valor de 60 000$00.

Verba n.° 3 — Uma máquina de escrever eléctrica ADLER – SE 1000 E, em bom estado de conservação e funcionamento c/carreto grande, no valor de 30 000$00.

Verba n.° 4 — Duas máquinas de calcular eléctricas, marca RICOMAC-1010 P DELUXE, em bom estado de conservação e funcionamento, no valor de 10 000$00.

Verba n.° 5 — Uma máquina de calcular eléctrica OLIVETTI – Lojos 40-A, em bom estado de conservação e funcionamento, no valor de 7500$00.

Verba n.° 6 — Uma máquina de calcular eléctrica, marca FIRST F-1200 PD, em bom estado de conservação e funcionamento, no valor de 7500$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 15 de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)
O Escrivão
José Henriques

CENTRO SOCIO-CULTURAL DE RIO DE MOURO

CONVOCATÓRIA

« Nos termos da al. a) do Art.° 27.° dos Estatutos convoco a Assembleia Geral para reunir em sessão ordinária no próximo dia 31 de Outubro, pelas 21 horas na sua Sede Social — Bairro Urbanil, Lote F, Anexo — Rinchoa, Rio de Mouro com a seguinte ordem de trabalhos:

1. — Apreciação e votação do Relatório, Contas da Direcção e Parecer do Concelho Fiscal.
2. — Eleição dos Corpos Gerentes do Centro para o mandato de 1986/1987.

Rinchoa, 23 de Setembro de 1986
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) José Maria Bento»
Sem outro assunto de momento, subscrevo-me, com consideração,

De V. Exa. atentamente
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(ilegível)

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DA 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.° JUÍZO

Arrematação 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª instância de Lisboa, no dia 8 de Outubro/86, pelas 10 horas, neste Tribunal-R. Braamcamp, n.° 5-4.° — Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: TRANSPORTADORES CENTRAL LOUSÃ DE CIMA, com sede na Rua Calçada Cruz de Pedra, lote M-loja B em Lisboa, no processo executivo n.° 3579/83.

BENS PENHORADOS

Verba única — Uma central de rádio telefone, composta de uma central rádio da marca «AEG», digo, «G. E.» e oito rádios «Teletrou», em bom estado de funcionamento no valor de 1 000 000$00 (um milhão de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa 15de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F. Lopes

«DL» 25/9/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.° JUÍZO

Arrematação 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª instância de Lisboa, no dia 8 de Outubro/86, às 10 horas, neste Tribunal-R. Braancamp n.° 5-4 ° — Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a SANTOS E FIGUEIREDO, Ld.ª com sede na R. Padre Francisco Álvares, 12-B-Lisboa, no proc.° executivo n.° 1866/85, por dívida à Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse da oficina a escritório sito na R. Padre Francisco Álvares, 12-letra B, Lisboa, sendo paga a renda mensal de 26 550$00, e o respectivo recheio composto por uma lixadeira ou máquina de cardar, marca LIREL, c/ motor RABOE n.° 187855 e c/o respectivo aspirador, uma fresa MP, Hespéria, c/motor tipo P2 n.° 5L 036 e c/ o respectivo aspirador: um balançê da marca Schon com o braço n.° 36829 e o corpo n.° 7062 7517; uma máquina de desbastar eléctrica da marca FORTUNA n.° 40559, tudo em bom estado de funcionamento, no valor de 2 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa 15de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Escrivão
José Henriques

«DL» 25/9/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.° JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 7 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.° 5-4.° em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: ERE-Soc. Cooperativa de Montagens de Alumínios, SCARL, com sede na Rua Neves Ferreira, n.° 20-B em Lisboa, no processo executivo n.° 1639/83.

BENS PENHORADOS

Verba única — Um fotocopiador da marca RANK XEROX, mod. 2830, em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 350 000$00 (trezentos e cinquenta mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 9 de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

«DL» — 25/9/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.° JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 6 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.° 5-4.° em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: MCR Materiais de Construção Ribeiro, com sede na Avenida de Pádua, n.° 14 em Lisboa, no processo executivo n.° 6387/81.

BENS PENHORADOS

Verba única — Uma grua marca FUCHS, série 32-21304, em bom estado de conservação, no valor de 1 300 000$00 (um milhão e trezentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 9 de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

«DL» — 25/9/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.° JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1 ° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 7 de Outubro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.° 5-4.° em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a: LUÍS C. ALMADA, LD.ª com sede na Trav. das Irmãzinhas dos Pobres, n.° 6-E, Lisboa, no processo executivo n.° 1602/83 e ap., por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.° 1 — Duas secretárias metálicas com o tampo em fórmica, um ficheiro metálico, um armário metálico, um esturador e um banco em madeira no valor de 100 000$00.

Verba n.° 2 — O direito ao trespasse e arrendamento das instalações sitas na Trav. das Irmãzinhas dos Pobres n.° 6-E, compostas por 4 pisos, sendo paga a renda mensal de 10 000$00, a que se atribui o valor de 2 400 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 15 de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)
O Escrivão
José Henriques

«DL» — 25/9/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.° JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.° Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 7 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.° 5-4.° em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a: GOTER – Grupo Organizativo de Transportes, Expedições e Representações, Ld.ª, com sede na Av. Fontes Pereira de Melo, 35-11.° B — Lisboa, no processo executivo n.° 3912/84 e apensos, por dívida à Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse da fracção autónoma letras BR, constituído pelo 11.° andar, letra B, c/entrada pelo n.° 35-A, do prédio A-2, Edifício Avis, sito na Av. Fontes Pereira de Melo, sendo paga a renda de 11 635$00, e o respectivo recheio a que se atribui o valor total de 2 000 000$00 (dois milhões de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 15 de Setembro de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)
O Escrivão
José Henriques

«DL» — 25/9/86 — 2.ª Pub.

Sporting treina á porta fechada porque (diz o seu técnico) **o Belenenses mora ali perto.** *Só que não há qualquer possibilidade de impedir que uma máquina fotográfica esteja atenta e possa registar para a posteridade, esquemas com que os «leões» pensam vencer no Restelo*

Eurico: o defesa central portista já treina em pleno. Uma excelente notícia para a própria selecção portuguesa

Em momento de intranquilidade

Farense: mais reforços

As negociações entre o Farense e o técnico António Morais estão bem encaminhadas, revela Eduardo do Vale, dirigente do clube algarvio: a contratação do Farense poderá concretizar-se já no próximo fim-de-semana, durante a deslocação a Chaves, da turma de Faro, para defrontar a equipa local, a contar para a 6.ª jornada do campeonato da 1.ª divisão.

Entretanto, a má produção de jogo do Farense nas jornadas iniciais do campeonato alertou os dirigentes do clube para a necessidade de reforçar o «plantel», com vistaa à permanência na divisão maior do futebol português. Tal como ontem, informámos, o búlgaro Kostov (que em Portugal, já representou o Sporting e o Belenenses) e o brasileiro baiano (ponta-de-lança do Náutico do Recife), são de momento os jogadores que interessam ao Farense.

Árbitros algarvios: reciclagem

A 2.ª e última sessão do primeiro curso de reciclagem de árbitros da Associação de Futebol de Faro decorre em Faro, no próximo sábado. A organização (da responsabilidade do Conselho de Arbitragem da A.F. de Faro) elaborou um programa variado do qual constam: Deficiências mais frequentes nas equipas de arbitragem (a cargo de Virgolino de Almeida); a arbitragem e a Comunicação Social (pelo jornalista João Leal) às 11.30 horas; a arbitragem do contexto nacional e internacional, tema a ser desenvolvido pelo presidente do Conselho Nacional de Arbitragem (Pinto de Sousa); o «fora de jogo», pelo antigo árbitro internacional, «César Correia) e condição e preparação física do árbitro pelo preparador físico Bertílio Matias.

França: campeonato

O Marselha e o Bordéus mantiveram a liderança do campeonato de França da 1.ª divisão ao vencerem na 11.ª jornada, respectivamente, o St. Etienne e o Nancy, ambos por 1-0, outros resultados da ronda: Monaco--Lille, 1-0; Toulouse-RC Paris, 3-0; Laval-Nice; 0-0; Auxerre--Nantes, 1-0; Brest-Metz, 0-0; Le Havre-Sochaux, 3-1; Paris SG- Rennes, 1-0 e Lens- Toulon, 2-1.Classificação geral: 1.º Marselha e Bordeus. 17 pontos; 3.º Paris SG, 15; 4.º Toulouse, 14; 5.ºs Lille, Mónaco, Nantes, Auxerre, 12; 9.º, Metz, 11; 10.º Lens, Brest, Laval Sochaux e Nice, 10; 15.º Le Havre e Rennes, 9; 17.º Nacy e St Etienne e RC Paris, 8; 20. Toulon, 4.

Alverca e Alhandra numa final

As equipas do Alverca e do Alhandra disputam hoje às 21 e 45, no Parque Desportivo de Alverca, a final do I Torneio Municipal de Futebol de Verão do concelho de Vila França de Xira, prova organizada pela Câmara Municipal de Vila Franca, Junta de Freguesia de Alverca e FC Alverca.

Taça «Libertadores»

A equipa argentina do River Plate venceu o Barcelona equatoriano (4-1) em jogo correspondente à meia final do Grupo A da Taça «Libertadores da América» a disputar na capital argentina. Os golos do River Plate foram marcados por Ramon Centurion (3 e 39m), António Alzamendi (6m) e Quinones (12m na própria baliza). O tento do Barcelona foi apontado por Vasquez, aos 57m.

Colectividades

Centro Cultural
e Recreativo
das Crianças
do Cruzeiro
e Rio Seco

Está jubiloso o Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco (Lisboa) pela festa que, às 15 horas de 28 do corrente, vai ocorrer no pavilhão desportivo situado na Rua José Magro: inauguração da 2.ª fase da escola primária e balneários, com a presença de gente que muito ajudou a colectividade neste passo em frente. Na sequência da programação festiva, processa-se uma homenagem a Idalina Coelho, directora do Centro e figura ligada (desde sempre) a todas as realizações do grémio que tem Secretaria na Rua D. João de Castro.

Modalidades

Boxe no Belenenses

Encontram-se abertas as inscrições para sócios e simpatizantes do Belenenses, a partir dos 16 anos, que queiram praticar boxe. As referidas inscrições podem ser feitas todos os dias úteis, a partir das 19 horas, no Estádio do Restelo.

Natação: convite

Encontram-se abertas para os sócios do Clube Nacional de Natação, a partir de hoje as inscrições nas aulas de natação para o período de Inverno, que têm lugar nas piscinas municipais da Penha de França e Areeiro (cobertas e aquecidas), cujo início está marcado para 1 de Outubro.

Remo em Lisboa

O Clube Naval de Lisboa vai dar início a mais um curso de remo, podendo os interessados recolher informações na Secretaria do Cais do Gás H (ao Cais do Sodré), das 16 às 20 horas, ou através do telefone 369354.

Suécia, 2-Suíça, 0

Dois golos de Ekstroem poêm nórdicos à frente do grupo de Portugal

Dois golos de Ekstroem, (aos 19 e 80 minutos) deram à Suécia a vitória sobre a Suíça, na primeira partida do Grupo 2 de qualificação para o «Europeu» de futebol de 1988, disputada em Estocolmo.

Apesar do domínio territorial exercido durante a maior parte dos 90 minutos, os suecos sentiram muitas dificuldades no campo da concretização, só conseguindo o golo da tranquilidade a 10 minutos do final do encontro. Os suíços (defendendo à zona, e com o guarda-redes Brunner em grande forma) deram boa réplica aos suecos, sendo apenas batidos no despique individual, em que a maior técnica e experiência dos locais foi evidente.

Os suecos iniciaram a partida balanceados ao ataque, com Stromberg, Prytz e Bjorn Nilsson a criarem sucessivas situações de perigo na grande área dos suíços. A pressão dos suecos deu os seus frutos aos 19 minutos, num lance em que Prytz levou a melhor sobre os centrais suíços Albon e Egli e desmarcou Ekstroem que, depois de uma corrida de mais de trinta metros, rematou cruzado, batendo Brunner pela vez.

Até ao intervalo, os suecos continuaram a comandar as operações, mas só nos últimos cinco minutos voltaram a causar algumas situações de apuro junto da baliza à guarda de Brunner que com algumas boas intervenções, evitou que o resultado se ampliasse.

O perfil da esgrima manteve-se no segundo tempo, período em que a turma sueca continuou a ser a equipa mais perigosa, com os suíços a passarem por dificuldades para sairem do seu meio-campo, nomeadamente entre os 50 e os 60 minutos, em que Brunner voltou a ser posto à prova. No entanto, com a entrada de Bregy para o lugar de Bickel (aos 65 minutos) a equipa helvética ganhou maior vivacidade, criando alguma desorientação na defensiva sueca.

Aos 75 minutos, os suíços perderam uma ocasião soberana de restabelecer a igualdade, quando Halter apareceu isolado na grande área adversária, rematando forte mas contra o corpo do guarda-redes Moeller.

Numa altura em que os suíços pareciam estar à beira de conseguir a igualdade, Ekstroem voltou a marcar, colocando a sua equipa a vencer por 2-0 e resolvendo de vez a partida. Num rápido lance de contra-ataque, Stromberg lançou oportunamente Ekstroem, que evitou bem a saída do guarda-redes suíço e atirou a contar, fixando o resultado em 2-0.

Sob a arbitragem do checoslovaco M. Christov, as equipas alinharam:

Suécia: Moeller; Roland Nilsson, Larsson, Hysen Fredikssson; Erikson, Prytz, Stromberg Palmer (Engqvist, aos 81m); Ekstroem e Bjorn Nilsson.

Suíça: Brunner; Wittner, Egli, Albon e Ryf; Mottiez (Sulser, 56), Geiger, Hermann e Bickel (Bregy, 65); Maissen e Halter.

Cartão amarelo ao suíço Egli, aos 56 minutos.

Suíça protesta jogo

A Suíça protestou o jogo de ontem com a Suécia, em Estocolmo, a contar para as eliminatórias do Grupo 2 do Campeonato Europeu de Futebol, em que a selecção helvética perdeu por 2-0. Os suíços alegam que o guarda-redes Brunner foi ferido, aos 58 minutos de jogo, por um **«objecto contundente»** arremessado por um espectador.

A ocorrência passou despercebida durante o encontro, mas o posterior visionamento, em câmara lenta, de imagens da televisão confirmou o incidente.

Além da Suécia e da Suíça, o grupo 2 integra também Portugal, Itália e Malta, motivo por que o seleccionador Rui Seabra e Juca assistiram ao jogo.

O próximo encontro do grupo disputa-se no dia 12 de Outubro, em Lisboa, entre as selecções portuguesa e sueca.

RDA-Noruega: 0-0

A RDA, inspirada pela brilhante exibição do seu guarda-redes Rene Mueller, obrigou a Noruega a um empate em casa (0-0) em jogo do grupo três de qualificação para o europeu de futebol.

A Noruega foi a equipa que dispôs de maiores oportunidades de golo, mas deparou sempre com uma boa organização defensiva por parte da selecção da RDA e em especial, do seu guardião Mueller que assim frustrou as ambições da equipa da casa em ganhar a partida.

Após as vitórias frente à Itália e Argentina (obtidas este ano) o resultado alcançado pela Noruega é desmoralizador, enquanto a RDA soma o seu sétimo jogo sem conseguir ganhar.

Os avançados da selecção norueguesa Arne Larsen, Oekland e Kai-Erik esgotaram todos os seus recursos para conseguir furar a defesa da RDA e atingir a vitória.

«Tivemos boas opotunidades, mas eles (RDA) tinham uma defesa forte e o seu guarda-redes estava inspirado», afirmou o «capitão da selecção norueguesa, Oekland.

As equipas alinharam: Noruega: Erik Thorstvedt; Per Edmund, Mordt, Andret Giske (Einar Ass), Terje Kajedal e Svein Fjuelberg; Kjell Osvoold, Tom Sundry, Sten Haaperg (Arve Sleand) e Arne Larsen; Oekland. (Kai-Erik Herlovsen) e Jan Berg.

RDA: Rene Mueller; Frank Rohde, Frank Pastor, Rainer Ernest e Ronald Kreer; Andreas Thom Uwa Zoetzsche, Matthias Liebers e Joerg Stuerner Ukf e Kirsten e Carsten Saenger.

Islândia: força insuspeitada?

A selecção da Islândia lidera o grupo três da fase de qualificação do europeu, após o empate a um golo conseguido (em Reykjavic) , frente à sua congénere da URSS.

Gudjohnsen colocou a Islândia em vantagem (aos 30 minutos) mas Sulakvelidze restabeleceu a igualdade, quando o árbitro se preparava para dar por terminada a 1.ª parte do embate.

A União Soviética, que disputou o 1º encontro desde o mundial do México, começou em pleno, com o veterano Oleg Blokhin a rematar à barra, quatro minutos após o apito inicial. No entanto, em jogada de contra-ataque (e contra a «corrente» do jogo), a equipa «da casa» foi a primeira a marcar, com culpas para a defesa soviética, que ficou a assistir à evolução dos jogadores adversários.

Ao 44.º minuto, a Islândia concedeu a igualdade, quando um livre directo cobrado por Soulakvlidze colheu na trajectória um defesa local, iludindo o guarda-redes Bjarni Sigursson.

Alinharam:

Islândia: Sigurdsson; A. Jonsson, Gudjohnsen, Sigurvinsson e Edvalsson; Torfason, Gislasson, Petursson e Meigersson; SI. Jonsson, Sa. Jonsson.

União Soviética: Dasaev; Sulakvelidze, Kuznetsov, Essonov e Demianenko; Larionov (Litovchenko, 80), Rats, Aleinikov e Khidiyatulin (Rodionov, 45); Zavarov e Blokhin.

Classificação do grupo 3:

	J	V	E	D	G	P
1. Islândia	2	–	2	–	1-1	2
2. URSS	1	–	1	–	1-1	1
3. França	1	–	1	–	0-0	1
Noruega	1	–	1	–	0-0	1
RDA	1	–	1	–	0-0	1

Sporting deu lucro de 700 mil contos

Não amigos, não é ficção: a última gerência sportinguista deu um saldo positivo da ordem dos 700 mil contos, coisa quase inédita nos tempos que correm.

Entretanto (e para além dos nomes ontem adiantados nas edições do nosso jornal) podemos também indicar quem vai acompanhar Emídio Pinheiro na mesa da Assembleia Geral leonina. Dr. juíz Calisto Pires, drs. Moysés Ayash, António Viana Rodrigues Olinda Araújo e Luís Quintans. No Conselho Fiscal e disciplinar (presidido pelo dr. Luís Borges de Castro) ficam integrados os drs. Joaquim Lourenço Bernardo, Luís Santos Ferro, Abílio Serra Martins e os drs. José Manuel Ribeiro Ferreira, Manuel Coelho de Sousa e Pedro Nunes dos Santos.

Francisco Silva: homenagem ao árbitro "internacional"

O árbitro de futebol Francisco Silva é homenageado, no sábado, por iniciativa do Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Faro.

A ascenção do «juiz» algarvio à categoria de «internacional» é o móbil da homenagem que decorrerá em Faro, inserida na segunda sessão do programa relativo ao «primeiro curso de reciclagem de árbitro», a realizar nas instalações do Sport Faro e Benfica, pelas 18,30.

Trata-se do primeiro acto público promovido pelas estruturas da A.F. Faro em reconhecimento da promoção recebida pelo seu filiado.

À cerimónia oficial, seguir-se-á um jantar de confraternização, para o qual encerram hoje as inscrições.

Itália reabre portas a futebolistas estrangeiros

Os clubes italianos de futebol da I Divisão voltam a poder contratar jogadores estrangeiros a partir da temporada de 1987, revelou a Federação Italiana da modalidade. Os clubes podem contratar jogadores estrangeiros, mas nunca mais de dois.

Esta nova disposição poderá a vir ser alterada em virtude de as leis em vigor nos países da Comunidade Europeia permitirem a contratação até três futebolistas estrangeiros por clube.

«É possível que, em Fevereiro ou Março, sejam efectuadas algumas alterações ao limite do número de jogadores a contratar poor cada clube», adiantou uma fonte federativa.

A proibição de contratar jogadores estrangeiros para equipas italianas foi imposta na última época, para não prejudicar a preparação da selecção de Itália ao «Mundial» de futebol no México.

"Verdes" contra "Jogos de Inverno"

Duas organizações ecologistas alemãs-federais manifestaram-se contra a candidatura da cidade de Berchtesgaden para os Jogos Olímpicos de Inverno, quando faltam três semanas para a decisão do Comité Olímpico Internacional. As duas organizações afirmam que uma sondagem à população local aponta para uma maioria contrária à organização dos jogos, devido à possibilidade de degradação do ambiente.

A sondagem, encomendada pelos ecologistas, refere ainda que a maioria da população teme a «morte florestal» e a especulação imobiliária na comarca, conhecida como o «ninho da águia» de Adolf Hitler.

ESPECIAL

FÉRIAS / 86

HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO

SE AINDA NÃO GOZOU AS SUAS MERECIDAS FÉRIAS, VENHA ATÉ AO ALTO-MINHO E VIVA CONNOSCO AS FESTAS DA VINDIMAS DO VINHO VERDE.
OFERECEMOS-LHE CONDIÇÕES ESPECIAIS NO SOSSEGADO AMBIENTE DAS NOSSAS 4 ESTRELAS E 2 PISCINAS NO VERDE NATURAL DESTA REGIÃO. 7 DIAS: 11 200 P.P. EM QUARTO DUPLO A PARTIR DE 1 DE OUTUBRO (SUP. PARA MÊS DE SETEMBRO 1 750$00)
PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS «FINS-DE-SEMANA» E «MINI-FÉRIAS» ATRAVÉS DOS TELEFONES: 24151/5 — TELEX: 3211 OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS.

Nacional de 1ª categoria

Ténis: apurados oito finalistas

Os tenistas Pedro Cordeiro, José Maria Santiago, Manuel de Sousa e João Cunha e Silva qualificaram-se para as meias-finais de singulares masculinos, do nacional de primeiras categorias.

Na competição feminina, as semi-finalistas são: Fátima Santiago, Susana Marques, Patrícia Valadas e Sandra Marques.

Resultados:

— Singulares masculinos, quartos-de-final:
Pedro Cordeiro — José Vilela (6-0, 6-3 e 6-3);
José Santiago — Mário Silva (5-7, 4-6, 6-2, 6-1 e 3-2, abandono por lesão);
Manuel de Sousa — José Nunes (6-0, 6-1 e 6-3);
João Cunha e Silva — José Guilherme (6-3, 6-1 e 6-1).

— Singulares femininos, quartos-de-final:
Fátima Santiago — Mané Lencastre (6-2 e 6-0);
Susana Marques — Anabela Casanovas (6-1 e 6-1);
Patrícia Valadas — Susana Carvalho da Silva 7-6 (7-4) e 6-3;
Sandra Marques — Tânia Couto (6-1 e 6-3).

— Pares Masculinos, oitavos-de-final:
Mário Gomes / Luís Damasceno — José Silva / Rui de Sousa (6-4, 6-0);
Alfredo Peres Junior / Paulo Brás — Miguel Pereira / Óscar Pedroso, 7-6 (12-10), 3-6 e 6-3;
Luís de Sousa / Manuel de Sousa — Paulo Spratley / João Guedes (6-0, 6-1);
José Santiago / José Guilherme José Henriques / Santos Costa (6-1, 6-1);
Paulo Coelho / Bernardo Mota — — António Figueiredo / José Nunes (6-3, 7-6);
J. Cunha e Silva / Miguel Soares — Nuno Barroca / Gonçalo Magalhães (FC).

— Pares femininos, quartos-de-final:
Patrícia Valadas / Rita Ascenso — Elizabete Coelho / Joana Pedroso (6-2 e 6-0);

Raquel Pereira / Angelina Guimarães — Sara Medina / / Eva Mandonça (6-4 e 6-1);
Catarina Tavares / Sandra Vilela — Marta Silva / Alexandra Osório (6-4 e 6-1) e
Tânia Couto / Luísa Silva — —Nani Pedroso / Anabela Casanovas (6-2 e 6-3).

— Pares mistos, oitavos-de-final:
Luís Ribeiro / Mónica Pereira — — Armando Simões / Sónia Sobral (7-5 e 6-4);
Luís Sousa / Susana Marques — José Mendonça / Eva Mendonça (6-0 e 6-1) e
Manuel de Sousa / Rita Ascenso — Luís Lencastre / / Catarina Tavares (6-3 e 6-3).

Andebol: selecção feminina estagia

A seleccionadora nacional de andebol feminino, Fátima Monge da Silva, afirma que a equipa portuguesa vai tentar um bom resultado no Campeonato do Mundo, a realizar e Espanha, de 31 de Outubro a 8 de Novembro.

«Não nos calhou o melhor grupo do Mundial, mas tudo faremos para alcançar uma boa posição. As atletas não estão habituadas a uma preparção tão intensa, pelo qe é necessário trabalhar para atingir a melhor forma possível», refere Fátima Monge da Silva, que se encontra a coordenar um estágio que decorre em Setúbal, até amanhã. A lista das altetas convocadas para o Mundial é a seguinte:

● Guarda-redes: Irene Henrique (Benfica), São Rufino (Oeiras), e Elsa Oliveira (C. S. Madeira).

● Jogadoras de campo: Maria Carvalho e Paula Biscais (Ac. Porto), Ana Isabel, Esmeralda Martins, Cristina Caetano, Paula Espírito Santo, Maria Vitória e Célia Matos (Benfica), Judite Paris, Alice Leitão e Júlia Calado (Ginásio do Sul), Guida Barriga e Cristina Moreira (Oeiras), Maria Assunção (Paço de Arcos) e Maria de Lurdes (Oeiras).

Hipismo: Espanha domina em Lisboa

Os espanhóis Sanchez Aleman e Martinez de Trujo dominaram o 1.º dia do 70.º Concurso Internacional de Saltos de Lisboa, que decorre no Hipódromo do Campo Grande. Sanchez Aleman (montando «Nuit de Tourelles») venceu a 1.ª prova do dia, pela tabela A mista, disputada por 57 conjuntos, 18 dos quais cumpriram sem faltas a «barrage» inicial. Por seu lado, Martinez de Trujo (em «Kaoua») triunfou na 2 ª prova, tabela A sem cronómetro com 12 obstáculos, dois duplos e um triplo e 15 esforços, em que participaram 33 conjuntos.

Classificações dos cinco primeiros nas duas provas:

● Tabela A mista, onze obstáculos (dois duplos) e 13 esforços: 1.º, Sanchez Aleman (Espanha), «Nuit de Tourelles», 0+0 pontos, 37,04 seg.; 2.º, Luís Xavier de Brito, «Moxa», 0+0, 37,76; 3.º, Achaz Buchwaldt (RFA), «Charlie», 00, 38,02; 4.º, Luís Alvarez Cervela (Espanha), «Eastern Breeze», 0+0, 38,42; e 5.º, Frank Mueller (RFA), «Hagamenon», 0+0, 40,05.

● Tabela A ao cronómetro, 12 obstáculos, um duplo e um triplo, 15 esrforços: 1.º, Martinez de Trujo (Espanha)—, «Kaoua», 0 pontos, 81,50 seg.; 2.º, José M. Nunes de Carvalho, «Kermesse de Vernix», 0, 81,89; 3.º, Martinez de vallejo (Espanha), «Puma», 0, 83,42; 4.º, Michel Bclaton (Bélgica), «Waijon», 0, 92,01; e 5.º, Frank Mueller (RFA), «Baroness», 0 pontos, 92,35.

O concurso prossegue hoje

CNID: medalha de belos 20 anos

O CNID (CLube Nacional da Imprensa Desportiva) mandou cunhar uma medalha comemorativa do seu 20.º aniversário. Um trabalho que é numerado em função da ordem dos associados, e para eles, custa 800 escudos, sendo a venda livre a mil escudos. Estudada a executada em bronze pela «Drimetal», com dimensão de 70 mlms, e tiragem limitada a um milhar de exemplares, é trabalho que recordará a luta dos jornalistas desportivos pela dignificação de um ramo da classe profissional, que anos a fio foi marginalizado pelos poderes constituídos.

Basquetebol: vamos ver qualificação europeia de 1ª

A Federação Portuguesa de Basquetebol, incentivando a prática da bola ao cesto pelo naipe feminino de praticantes, meteu ombros a uma tarefa trabalhosa: a realização, no nosso país, de uma fase de qualificação para o campeonato europeu, que terá lugar em Espanha. A partir de amanhã e até domingo, no pavilhão lisboeta do Inatel (e, atenção, com entradas gratuitas) processa-se um cartaz com bastantes atractivos, englobando a poderosa representação da Bulgária, representações da Bélgica e da Suécia e a turma do nosso país, seleccionada e preparada por Vítor Hugo, jornalista da «Antena Um» e verdadeiro «expert» de uma modalidade em que tem trabalhado com devoção.

Esta competição só foi possível de ter Lisboa como palco porque a Federação reuniu apoios decisivos: desde o ministro da Educação e Cultura (dr. João de Deus Pinheiro) ao presidente da edilidade lisboeta (eng.º Nuno Abecasis), do vereador do Pelouro de Desporto e Turismo da CML (dr. Vítor Gonçalves) ao prof. Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos), do director-geral do Turismo (dr. Cristiano de Freitas) ao dr. Luís Bettencourt (presidente do Inatel), sem excluir a actuação do presidente da mesa do Congresso (eng.º Armando Rocha) e da direcção (general Hugo Rodrigues dos Santos) que, pelo lado da Federação de Basquetebol, conduziram a bom porto o seu propósito de oferecer à capital uma prova desportiva de qualidade internacional.

Neste torneio de qualificação, o comissário é o suíço Gianpiero Cambrosio e os árbitros neutros pertencem ao Luxemburgo (Jean Claude Gaspar) e a Espanha (Vicente Sanchis). Árbitros dos países directamente interessados: Rui Valente (Portugal), Claude Tebruyn (Bélgica), Atonas Tonev (Bulgária) e Tommy Erixon (Suécia).

As nossas seleccionadas são Ana Cristina Oliveira (22 anos), Adelaide Neves (23), Carla Esteves (18), Cristina Rosa Viegas (18), Euridice Fonseca (23), Fernando Maria Ramos (26), Helena Aires (20), Helena Aredes (21), Isabel Ribeiro Santos (28), Maria João Marcha (23), Margarida Freitas (23), Rosa Gravato (30), Sílvia Marina Lima (28) e Teresa Maria Barata (23). Vítor Hugo terá como adjunto Carlos Cerqueira, Isabel Pais Ferreira é a delegada aos jogos e Pedro de Almeida o seccionista, com o sector médico entregue ao dr. Miranda Ferreira e ao massagista José Almeida.

De realçar que a Federação de Basquetebol apresentou esta realização (no Páteo Alfacinha) aos representantes da Comunicação Social, para os quais teve palavras de agradecimento pela divulgação conferida à modalidade.

Fórmula um: Brasília quer derrubar Jacarepaguá

O governador de Brasília, dr. José Aparecido, manifestou aos organismos internacionais que dirigem a Fórmula 1» o apoio total do seu governo para que o «Grande Prémio do Brasil» de 1987 se realize na capital federal.

O director do Departamento de Desportos do governo de Brasília (Hezir Spindola) informou que o governador enviou um telex à Associação Internacional de Automobilismo (FISA) e outro à Associação de Construtores de «Fórmula 1» (FOCA), garantindo o cumprimento de todas as suas exigências nos prazos previstos. Este compromisso e uma condição imposta pelas entidades internacionais ao projecto apresentado pela Federação de Automobilismo de Brasília (FADF) para organizar a corrida do próximo ano.

Fontes da FADF informam qu com a garantia do governo, será muito difícil que o Rio de Janeiro ou São Paulo consigam oferecer melhores condições à FISA e à FOCA que no mês de Outubro se reune (em Paris) para definir o calendário de «Fórmula 1» de 1987.

A Federação de Brasília aceitou pagar adiantado os 2.750.000 dólares (cerca de 350 mil contos) para os gastos de transporte de pilotos e equipas, oferecendo entretanto o espaço interno do circuito para que seja explorado publicitariamente pela FOCA, reservando o externo para os organizadores brasileiros.

Também se comprometeu a terminar antes do dia 20 de Janeiro as obras necessárias no circuito, que será depois visitado pela FISA, a qual decidirá se cumpre as normas exigidas.

A luta entre cidades para organizar o «Grande Prémio do Brasil» de 1987 começou depois dos desacordos surgidos este ano entre os dirigentes da FOCA e as autoridades municipais do Rio de Janeiro, onde (no circuito de Jacarepaguá) se diputa a corrida desde 1981.

Mário Silva: perseguidor tenaz de Rui Lages no «Troféu Visa Cin». Os vencedores das anteriores edições desta prova, mantêm luta aguerrida pela assinatura do êxito final

«Porsche: futuro

A firma automóvel alemã federal «Porsche» continuará a participar nas corridas de «Fórmula 1» com a escuderia «Malboro (MCLaren» e a sociedade motorizada francesa TAG. A firma francesa «Renault», até agora em concorrência com a «Porsche» no que respeitava a uma eventual associação com a «MCLaren», concordou retirar-se da competição de «Fórmula 1».

A União «Renault-MCLaren» foi rescindida devido a contratos publicitários diferentes passados pelas duas partes com firmas petolíferas: A «Renault» com a «Shel» e a «MCLaren» com a «Elf».

Em relação a «Porsche», resta saber se á TAG» continuará a financiar a construção do motor de seis cilindros e à sobre-alimentação.

Vatanen testa pneus na Peugeot

O finlandês Ari Vatanen, ex-campeão mundial de ralos (que ficou gravemente ferido num acidente no Rali da Argentina, em Agosto de 1985) irá realizar testes de pneus na Peugeot no Rali de San Remo, de 12 a 18 de Outubro.

Manifestando ainda dúvidas quanto ao regresso às competições automobilísticas, Ari Vatanen vai efectuar testes de pneus num Peugeot que é ao mesmo tempo um novo modelo da marca francesa para a próxima época, no «Mundial» de Ralis. Contudo o Peugeot de Vatanen não está inscrito na prova italiana.

Vatanen afirmou recentemente (no Rali dos 1000 Lagos) que não tenciona regressar aos ralis antes de 1987.

Johansson deixa Ferrari

O piloto sueci de Fórmula 1 Stefan Johansson deixará a Ferrari no final da temporada, anuncioi (em conferência de Imprensa, em Maranello, Itália) o presidente Enzo Ferrari. Johansson será substituído pelo austríaco Gerhard Berger, (actualmente na Benetton) que fará dupla com o italiano Michele Alboreto.

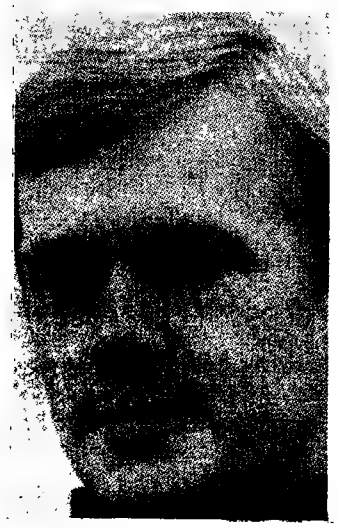
Na conferência de Impensa, o comendador Enzo Ferrari anunciou formalmente a entrada na «Escuderia», a partir de 1 de Novembro, do engenheiro John Barnard (da McLaren) como director técnico.

António Simões: 4.º em Oulton Park

António Simões, campeão português de Fórmula Ford, que durante este ano disputa o principal campeonato britânico da modalidade, classificou-se em 4.º lugar na pista de Oulton Park. Saindo na 7.ª posição da grelha de partida, com a «pole position» a cargo de Phill Andrews, o titular nacional conseguiu chegar à 4.ª posição no final da corrida ganha por seu colega de equipa Philipe Favre.

Rali Costa do Marfim

A 18.ª edição do Rali da Costa do Marfim teve início em Yamoussoukro, num ambiente «morno», uma vez que não conta com a presença das



Ari Vatanen: regresso à vista?

principais equipas de fábrica como a Peugeot e Lancia.

O sueco Bjorn Waldegaard (em Toyota Celica) vencedor da prova em 1980 e 1983 reúne o principal favoritismo do rali, perante a ausência da Peugeot de Kankkunen e do Lancia Delta de Markku Alen.

Durante quatro dias os pilotos irão disputar cerca de 3300 quilómetros, dos quais 961 são percursos de ligação em asfalto, tendo os concorrentes de defrontar as chuvas abundantes que se têm feito sentir na Costa do Marfim e que tornaram o piso bastante perigoso.

A nível de marcas, a Toyota está na primeira posição para a vitória na competição, com três Celica inscritos, sendo o Audi Quattro de Wilfried Meidner o único com possibilidades de manifestar alguma oposição aos carros nipónicos.

Os troços de maior dureza foram excluídos do Rali da Costa do Marfim, que poderá vir a ter dos dias contados no calendário do «Mundial» de ralis.

"Tubo de ensaio": clube "ensaios"

Um programa diversificado com tónica acentuada no desporto é a proposta do Clube Juvenil «Tubo de Ensaio», de Espinho, para a segunda quinzena do corrente mês — divulgaram segunda-feira os seus responsáveis.

Integrada no programa «férias desportivas», do FAOJ, a referida animação desportiva inclui torneios de voleibol, ténis de mesa, canoagem e desporto de manutenção.

Assim, um torneio de voleibol na praia vai decorrer de 20 a 25 do corrente e actividades de iniciação à canoagem estão previstas para os dias 23 e 24.

O torneio de ténis de mesa decorrerá a 26 e 27 e a dinamização do circuito de manutenção existente na cidade terá lugar aos domingos de manhã.

No campo das actividades essencialmente culturais, é anunciada uma sessão de vídeo para o dia 21, com o filme «Cotton Club», de Francis Ford Coppola, e um curso de iniciação às técnicas do cinema animado, a realizar-se de 22 a 26, com o apoio do festival internacional de cinema de animação de Espinho — Cinanima.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 39/86 DE 28 DE SETEMBRO DE 1986

Penalti, 111 111 211 2222; Jornal de Amarante, x11 111 21x 2221; Arte de Bem Madrugar, x11 1xx 21x 2x21; Jornal da Beira, 211 1x1 212 x22x; Correio de Coimbra, x11 111 212 2221; Correio do Vouga, x11 111 21x 2221; A Defesa, 111 111 x11 x22x; Defesa de Espinho, 111 xxx 2x2 2221; o diário, x11 111 x1x 2221; Diário de Lisboa, x11 111 x1x x221; Diário de Viseu, 111 x11 212 x221; Distrito de Portalegre, 211 1x2 2x1 1221; Dribling, 111 111 21x 2221; Folha do Domingo, x11 111 212 2221; Ecos de Cacia, x11 111 2x2 222x; Eu Sei Tudo, 211 x11 21x 1221; Jornal de Felgueiras, 111 1x1 21x 1xx1; Jornal do Fundão, x11 111 21x x221; Gazeta das Caldas, x11 111 212 122x; Gazeta de Felgueiras, x11 111 2x2 2x21; Guia do Apostador, x11 1xx x1x 1221; Rádio Totobola, x11 1x1 212 x22x; Linhas de Elvas, 21x 11x 111 222x; Litoral, 211 111 x1x 12x1; Maria da Fonte, x11 111 212 x221; O Mensageiro, 211 2xx x1x 22x1; No Estúdio e no Estádio, x11 1x2 x1x 1x22; Notícias de Felgueiras, x11 1x1 x1x xxx1; Notícias de Gouveia, x11 1xx 111 x222; Notícias de Guimarães, x11 11x 2x2 x2x1; Notícias de Viseu, x11 111 x12 22x1; Reconquista, 111 211 212 2x21; Rádio Altitude, 211 1x1 x1x 2222; Clube da Manhã, 211 xx1 2xx 122x; Boomerangue, x11 1x1 xxx 1222; Programa da Manhã, 211 111 212 2x2x; Música com Elas, 111 xx1 x1x 2x2x; Fotogramas, 211 x1x 2x1 xx22; Fora de Jogo, x11 xx2 x1x xx2x; Bola ao Centro, 111 11x x12 2222; Grande Sábado, x11 1x1 2x2 1x22; Canal Mais, x11 1xx 2xx x22x; Sintonia Desportiva, 111 1x1 21x 2x2x; RR-/Diário do Desporto, 211 111 212 1xx1; RR/Bola Branca, x11 111 212 xx21; RR/Desporto, 111 1x1 21x x12x; Rádio Sports, x11 111 x12 x221; Jornal de Sintra, x11 11x 212 12xx; Voz do Ave, 111 111 21x 2x21; Voz do Domingo, x11 x11 21x 2221; Voz de Lamego, x11 111 2x2 122x; Fim de Semana Desportivo, 211 111 x1x 2221; Desporto Regional, x11 1xx 211 x2x1; Panorama Desportivo, xx1 11x 21x xx21; Rádio Guarda, x11 x11 21x 112x; Pista de dança, 211 111 21x 1221; Sons da Madrugada, 111 x1x 2x1 x22x; Snack Bar, 211 x11 221 x1x2; Diário de Coimbra, 111 111 xx1 xx2x; Notícias do Douro, x11 11x 2xx xx2x; Notícias de Évora, x11 111 x1x xx21; Notícias de Viana, 111 xxx 2x2 xx21; Jornal de Santo Tirso, x11 111 211 1xxx; Gente Gira, 111 x12 21x 1221; Comércio de Leixões, x11 11x 21x 1221; De Tudo Um Pouco, 211 111 21x xx21; Jornal de Gaia, x11 1xx 212 22x1; Jornal da Graça, 211 111 21x x221; Jornal de Notícias, x11 111 2xx 1221; Jornal A Ordem, x11 111 212 2222; Primeiro de Janeiro, 211 111 212 2221; Quadrante Norte, xx1 11x 2xx 1121; Repórter do Dia, x11 x11 212 2x21; Resenha Desportiva, x11 111 x11 xxx2; Alvo Desportivo, 111 111 21x 1211; Rádio Alvo, x11 1xx 212 1121; Alvo, 211 11x 212 1121; Alvo Suplemento, 111 1x1 211 xx21; A Voz dos Ridículos, 211 11x 212 2x21; Rádio Placard, 211 11x 21x 1x22; Estúdio 64, x11 x22 212 x122; O Jogo, x11 11x x12 222x.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Belenenses-Sporting	18	44	20	3	6	3
2. Benfica-Boavista	80	2	0	11	1	1
3. Guimarães-Elvas	81	1	0	11	1	1
4. Chaves-Farense	65	15	2	9	2	1
5. Rio Ave-Marítimo	56	25	1	8	3	1
6. Salgueiros-Varzim	53	24	5	8	3	1
7. Académica-Porto	2	20	60	1	3	8
8. Portimonense-Braga	64	17	1	9	2	1
9. Lourosa-Penafiel	12	38	31	2	6	4
10. Tirsense-Vizela	24	29	29	4	4	4
11. Almeirim-Beira-Mar	7	27	48	1	4	7
12. Lusitânia-Setúbal	1	13	68	1	2	9
13. Montijo-U. Madeira	48	21	13	7	3	2

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos hão realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
X11 111 21X X ou 2221

Karpov-Kasparov: partida travada

A 19.ª partida do «encontro-desforra» entre o campeão mundial de xadrez, Garri Kasparov, e o candidato (Anatoly Karpov) foi suspensa ao 41.º movimento. Segundo os especialistas, Karpov encontra-se numa situação de vantagem, podendo obter a 3.ª vitória consecutiva, admitindo-se que o campeão possa aceitar a derrota sem retomar a partida. A ser assim, os dois «grandes mestres» ficariam empatados a 9,5 pontos, o que criaria grande expectativa para as últimas cinco partidas.

Elas

A campeã mundial Maia Tchiburdanidze venceu, ao 37.º movimento, a 9.ª partida do encontro final do campeonato mundial de xadrez (senhoras) que disputa com a sua compatriota Elena Akhmilovskaia. O marcador do «match» passou para 5-2, favorável a Tchiburdanidze.

"Squash": torneio "Rádio Marginal"

Para marcar a inauguração da época de «Squash» 86/87, realiza-se de amanhã até 28 do corrente nas instalações do «Luddance», o torneio «Rádio Marginal», organizado pelo Squash Clube de Carcavelos, em, conjunto com a «Rádio Marginal».

A competição será disputada num quadro principal de 16 lugares precedida de uma prova de qualificação, estando assegurado desde já a participação do «internacional» escocês Tom Cowan e de três elementos da equipa que representou Portugal no campeonao europeu.

As finais do torneio serão relatadas em directo «via rádio», acompanhadas por entrevistas e comentários com os participantes e árbitros. A distribuição de prémios acontecera imediatamente após a final, com um beberete no bar «Luddance», ocasião em que se anunciará os termos a data em que se efectuará o «Grande Torneio de Squash de Carcavelos».

Atletismo: mundial de estrada a 9 de Novembro em Lisboa

Em contagem decrescente, começam os principais preparativos para o IV Campeonato Mundial de Estrada dos 15 km, para senhoras, que a Federação Portuguesa de Atletismo vai organizar, sob a égide da Federação Internacinal, no próximo dia 9 de Novembro.

Para além dos vários elementos envolvidos na organização terem igualmente começado a tratar de limar todas as arestas que são muitos no que concerne a uma organização tão perfeita quanto possível (a exemplo do que aconteceu no «mundial» de Corta-Mato de 1985), também se pensa noutras questões complementares, de onde se destaca, para já, a realização de uma prova preparatória, (prevista para 19 ou 26 de Outubro), competição que terá lugar no percurso onde se disputará o «mundial»: entre a Torre de Belém e a Estação Marítima de Alcantra.

O «estado maior» da organização estará montado (apenas a partir dos finais de Outubro), no Hotel Alfa, onde ficarão alojados todas as equipas, em número que (por agora) se desconhece mas que pode atingir, sem grandes problemas, as quatro dezenas. Mas, aqui existe já uma novidade: o primeiro país a inscrever-se foi o Canadá. A representante canadiana será Nancy Roocks e do seu «palmarés» salientamos o título de campeã do seu país de estrada logrado este ano), o 4.º lugar nos 10 00 metros dos Jogos da «Commonwealth» de 1986 e também o 4.º posto no Campeonato mundial de Estrada, em 1983 (primeira edição) com o tempo de 32.23, para os então 10 km a cumprir:

Para além da novidade à primeira inscrição também há a refirir que a Federação, por proposta da direcção técnica nacional, decidiu seleccionar as atletas Aurora Cunha e Rosa Mota e pré-seleccionar Conceição Ferreira, Ana Moreira e Manuela Machado (Sporting de Braga); Albertina Dias (Boavista), Leonor Costa (Várzea), Lucília Soares e Rita Borralho (Benfica).

Deste grupo de atletas (com excepção de Aurora e Rosa, automáticamente seleccionadas) sairão as restantes duas que formação a selecção nacional que, a 9 de Novembro, defenderá a obtenção da melhor classificação colectiva.

Recorde-se que Aurora Cunha é a actual campeã mundial, proeza (que já logrou por duas vezes), e é digna de registo e aplauso.

O Comité Organizador da competição é chefiado por Carlos C ardoso (presidente da Federação Portuguesa de Atletismo) que terá a seu lado manuel Viegas, Carlos Santos, Jorge Salcedo, o professor Fonseca e Silva, Luís Figueiredo, Eduardo Correia, Victor Mota, Artur Madeira, V. Cotrim, Filomena Guerra, M. João e o médico dr. Zacarias Tomé.

Futebol: violência já começou

Com inicio da época desportiva de 1986-1987,a Guarda Nacional Republicana registou já a ocorrência de oito incidentes em campos de futebol.

A seguir se indicam, por distritos, extractos dos casos verificados.

VIANA DO CASTELO: No final do encontro União Desportiva Raianos - Barbeitense, houve tentativa de agressão ao árbitro por parte da assistência, oque foi evitado pela força da Guarda presente.

BRAGA:No jogo entre as equipas do Vizela e do Moreinse, um fiscal de linha foi agredido com uma pedra na cabeça, lançada por espectador que não foi possivel identificar.

O encontro Aratim - Tadim terminou decorridos 20 minutos da 1ª parte (por decisão do árbitro) em virtude de se ter verificado invasão de campo. A força da GNR presente envitou agressões ao trio de arbitragem.

PORTO:Durante a 2ª parte do jogo S.C. Canidelo - F.C. Valadares, um espectador que não foi possivel identificar entrou no recinto de jogo, empurrou um fogador visitante e fugiu.

Aos 40 minutos da 2ª parte da partida entre o C.A. Fridão e o C.D.S. Pedro da Cova, adeptos da equipa visitante invadiram o campo. Houve intervenção da força da Guarda, que repôs a ordem, tendo a partida ficado interrompida durante breves minutos e prosseguidosem outros incidentes.

No final do encontro de juniores F.C. Crestuma - F.C. Gervide, houve tentativa de agressão ao árbitro, evitada pela intervenção da força da GNR.

No decorrer do jogo Freamunde - Leixões, houve arremesso duma ponta de cigarro aceso sobre um dos juízes de linha, provocando-lhe uma pequena queimadura no pescoço. Quando da marcação de uma grande penalidade, foram arremessadas pedras para o interior do campo, sem atingir ninguém. No final da partida, cerca de 100 pessoas tentaram agredir o trio de arbitragem, tendo sido impedidas pela acção dos militares da força da Guarda. Entretanto, desconhecidos provocaram danos na viatura em que o árbitro se deslocava.

LISBOA:No campo da Vermelha (Cadaval) durante o jogo Vermelha - Da Gorda e a cerca de 15 minutos do final, um espectador agrediu um fiscal de linha sem lhe causar ferimentos.

Rita Vilas-Boas: depois da medalha de bronze no «Europeu» um certo sonho para o «Mundial»

Ginástica: portugueses no "mundial" de trampolim

Onze atletas portugueses participaram nos campeonatos do Mundo de trampolim, que vão decorrer em Paris, de 18 a 20 de Outubro, revelou o presidente da Federação Portuguesa de Ginástica, o coronel Vargas de Cardoso.

A comitiva portuguesa, que será acompanhada por dois técnicos, parte de Lisboa, (em autocarro) no dia 12 de Outubro e integra a ginasta Rita Vilas-Boas, que conquistou a medalha de bronze no «europeu» da especialidade. Fazem ainda parte do lote de atletas seleccionados Isabel Figueiredo, Teresa Moutinho, Maria Batista, Luís Nunes, Luís Baltazar, Luís Santos, Jorge Moreira, Camilo Colaço e Paulo Aparício.

Para o torneio internacional júnior de Lion, (França) a disputar de 2 a 6 de Outubro, a Federação destacou as ginastas Clara Piçarra e Patrícia Bate, que serão acompanhadas pela treinadora Ida Pereira e pela juiz Amélia Paredes.

Sobre a participação portuguesa no campeonato da Europa de ginástica rítimica e desportiva, (que recentemente decorreu em florença, Itália onde a equipa nacional conquistou médias acima dos 9.10 pontos) o coronel Vargas Cardoso declarou que os resultados alcançados constituem «uma marca de grande nível para a ginástica do nosso país». Patrícia Jorge alcançou o 28.º lugar (média de 9.54), entre 72 concorrentes, enquanto Maria Batista se classificou na 47.ª posição (9.24), e Sílvia Monteiro, na 57.ª (9.10).

Na sua agenda

ANDEBOL: Inicia-se hoje o Torneio do Boa-Hora. A 1.ª jornada, a partir das 20 e 45h, engloba os jogos V. Setúbal-TAP e Sporting-Boa-Hora. Amanhã, com o mesmo horário, defrontam-se Benfica-Boa-Hora e Belenenses-TAP. No sábado, a 3.ª jornada inicia-se às 18h, com as partidas Belenenses-V. Setúbal e Sporting-Benfica. No domingo, as finais: às 9h, teremos o apuramento para os 5.º e 6.º lugares, às 10 e 15h, estará em jogo a atribuição dos 3.º e 4.º lugares, e, a partir das 11 3 30h, a final (sempre na Tapadinha).

LUTAS AMADORAS: a Associação de Lisboa (Rua do Quelhas, 32) já esquematizou o plano de provas para a temporada Dezembro / Maio, com um vasto programa de actividades que se enaltece.

RAIDE HÍPICO: A Câmara Municipal de Montemor-o-Velho vai organizar, nos dias 4 e 5 de Outubro, uma prova incluída no calendário nacional de raides. Na Comissão Organizadora figuram os engenheiros técnicos agrários Miguel Paim e Miguel Grillo.

Bibliografia Desportiva

Revista «Atletismo»

Mensalmente, com o cuidado e o escrúpulo que ratificam permanentemente o seu trabalho, Manuel Arons de Carvalho comanda mais uma edição da revista «Atletismo», desta feita (e com toda a lógica) dedicada à presença portuguesa nos campeonatos europeus, desenrolados em Estugarda. O relevo conferido (honras de capa) a Rosa Mota é o reconhecimento do prestígio e da popularidade da «menina da Foz», que descreve para os leitores de «Atletismo» como correu a maratona. Um trabalho global de reportagem da RFA que enaltece o nosso jornalismo desportivo.

VENDEDOR/A

Empresa de Artes Gráficas necessita de vendedor/a para área de Lisboa.

- Idade superior a 23 anos
- Serviço militar cumprido
- Boa apresentação
- De preferência com alguma experiência

Resposta a este jornal ao n.º 24 901

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
8.º JUÍZO
ANÚNCIO

O Dr. Abilio Lopes Cardoso, Juiz de Direito do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pelo oitavo Juízo segunda Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns Autos de Execução de Sentença registada sob o n.º 12/86, em que é Exequente Idalina Rosa Marques, residente na Av.ª Almirante Reis n.º 60-3.º D,1100 Lisboa e, Executado Associação Clube Desportivo de Arroios, com sede na Rua Marques da Silva n.º 55, 1100 Lisboa, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para no prazo de DEZ DIAS, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos art.ºs. 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 22 de Julho de 1986

O Juíz de Direito,
Abilio Lopes Cardoso

O Escriturário,
Alberto Ribeiro

«DL» 25/9/86-1.ª Pub.

El Greco considerado pornográfico em Tóquio

O metropolitano de Tóquio conciderou pornográfico o quadro «A Sagrada Família com Santa Ana», de El Greco, e não premitiu a afixação de reproduções do mesmo nas composições da empresa.

A proibição foi dada a conhecer pelos organizadores de uma exposição do pintor, marcada para 17 de Outubro, que pretendiam afixar nas composições do «metro» um cartaz com a reprodução do quado.

Em «A Sagrada Familia com Santa Ana» El Greco pintou a Virgem dando de mamar ao Menino Jesus e, nesse acto, expondo o seio direito.

«Estamos desconcertados com a proibição», declarou um porta-voz do jornal «Tokio Shimbun», patrocionador da exposição.

«Os responsáveis do sector de publicidade nas carruagens do «metro» - acrescentou - desenterraram, para censurar o nosso cartaz, normas de 1941 que proibem a exibição de anúncios contrários à moral».

O porta-voz assinalou a propósito que os organizadores da exposição não tiveram o mínimo problema para afixar o mesmo cartaz nos vagões da companhia nacional de caminhos-de-ferro.

O responsável pela decisão, segundo o mesmo informador, foi «transferido para outro local de trabalho» mas as dificuldades mantêm-se.

«Disseram-nos - esclareceu - que viaja no «metro» todo o tipo de pessoas e que o quadro poderia provocar actos menos próprios da parte de bêbados».

A atitude censória do metropolitano de Tóquio contrasta com a total permissividade existente no pais relativamente à exibição de seios de mulher nos anúncios publicitários e nos programas televisivos.

Não é a primeira vez que O «metro» da capital japonesa se vê, sem honra nem glória, envolvido em «questões artísticas».

Há dois anos, a empresa foi severamente criticada por ter utilizado «A Última Ceia», de Leonardo Da Vinci, para... » pedir» aos passageiros que se não esquecessem dos guarda-chuvas no «metro».

A forma como julgou tornar eficaz o «apelo» foi a seguinte: à volta da mesa a que estão sentados Jesus Cristo e os apóstolos, mandou pintar, abundantemente, guarda-chuvas.

A pronta reacção da comunidade católica japonesa impediu que o quadro-com-retoque «cumprisse a sua função». Não tardou que a empresa o mandasse retirar.

AGARRE-SE Á ESTRADA
Veja o estado dos pneus
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CRÓNICA DE TOUROS

Magia de paga viagem

Praça de touros de Málaga. Quinta-feira, 14 de Agosto de 1986. Touros de Jandilla para Rafael de Paula, José Mari Manzanares e Paco Ojeda.

De Lisboa a Málaga são umas boas sete centenas de quilómetros, só ida. Viagem longa, solitária se não fosse o pensamento, pela noite dentro, a escuridão cortada pelas luzes, carregadas e velozes de faróis, quietas e mortiças de pueblos adormecidos, avivadas à beira da estrada por algum bar convidando à paragem, um café e um copo de água, água apesar do perigo anunciado no cartaz da parede, mostrando um carreiro desfeito pela enxurrada, «se a água estraga os caminhos, que fará aos intestinos». Por fim, lá em baixo, Málaga, a cantadora, como em versos lhe chamou Manuel Machado. Cantadora, e bailadora também, que é tempo de feira, e pelas ruas se baila, rodopiam coloridos os folhos dos trajos, e caracoleiam cavalos, e de tudo se desprende alegria, e ao lado dela o mar, quieto e azul, azul dizemos o mar, mesmo que verde nos pareça, se o olharmos sem literatura, apenas buscando nele o repouso das canseiras e sustos da estrada, a protecção do desconforto da cidade repleta e calorosa, sem bancos vazios na frondosa alameda que conduz à praça, caminhar vagaroso, esperança de alguma coisa que aconteça lá ao fundo, no redondel da Malagueta, alguma coisa que pague a lonjura da viagem, que a vara justificada, como se fosse preciso justificar as coisas que acontecem, os impulsos que nascem, crescem, não se deixam vencer pela doença pior, a do hábito.

• • •

Calou-se da música o trecho de abertura, despejada a arena do pausado colorido do passeio, recolhida aos borladeros a breve deliciosa estampa dos toureiros provando seus capotes. E veio dos timbales e clarins o esperado grito, chamando o primeiro da tarde. Um Jandilla negro, a recortada lâmina buscando o inimigo que para ali o terá desafiado, para aquele redondel ao lado do mar quieto e azul que o touro não vê que é verde como o campo donde veio, não vê nem verá o mar, nem o campo o tornará a ver. Vê, sim, agora, aquele homem além. Rafael de Paula. Quieto está, temeroso parece. E contudo espera, a ameaça do negro galope um percal lhe estende, e nas suaves pregas o embarca, o embala, o leva como arrastado na aragem débil da tarde, esvaída de ventos e ameaças. A isso chamam verónicas. E meia verónica chamam ao remate. Como se tivesse nome e unidades, e metades, aquela lânguida beleza. O touro tomou uma vara, à saída dela um peão lhe apontou na brega a direcção do cigano que outra vez no quite lhe estendia, pequeno e recolhido, o percal que em suas mãos se tornava feitiço, que as hastes levava e trazia. E com pasmosos vagares as fazia marcar o contorno da sua cintura. E depois as despedia, numa carícia breve que parecia eternidade. Tão escassos minutos eram passados, desde esse grito primeiro dos clarins, e paga estava a viagem.

• • •

E já o resto para pagamento não foi preciso, ficou como gorjeta de luxo a pintura única de três ajudados por baixo de Rafael, cosidos ao bordado de um passe de peito imenso. E restaram ainda os pares de António Cobo, de Pedrin Sevilha, e de Martin Ruio, maestro da brega, às vezes até andando, sem precisão de meter o capote, dominando sobre a apatia de seu matador, de um Manzanares sem chama, como se conformado em permanecer. Conformação que Paco Ojeda parece também sentir, mas com outra entrega: não apagou de Málaga a memória daquela faena histórica do passado ano, mas foi capaz de se pôr naquele sítio, no seu sítio, diante do sobrero de La Guadaira, um touro poderoso e brusco, que as investidas repetia com violência de cuidado: e o de Sanlúcar ali, sem arredar pé. E eu aqui, à mesa de «La Alegria»: o gaspacho, a salada de pimentos assados, as almôndegas da casa, tão óptimas sempre, quem foi que disse que o óptimo é inimigo do bom. E agora, por sobre a toalha branca, onde a sangria deixou uns salpicos vagos, revejo as notas apressadas e poucas, tiradas antes da corrida, sentado fora da praça num degrau qualquer, admirando a singular presteza com que os borlistas prescindem de enganar os porteiros, amarinham pela parede até alcançarem as alturas da varanda, para o arranque basta o apoio de um ombro amigo, depois ai vão eles por aí acima, as sapatilhas agarrando-se à pedra, escalada que não sendo vista mal se acredita. Notas garatujadas antes do festejo. Porque, mal ele tinha começado, aconteceram os tais lances de Rafael. E tudo o mais não dava ânimo de escrita, era como se acontecido não fosse.

• • •

Foi Sartre quem certa vez definiu a emoção como uma queda brusca da consciência no mágico; como a desaparição súbita do mundo útil, deixando no seu lugar o mundo do mágico. Do capote de Rafel de Paula, nesse fascínio que, se aparece, paga todas as viagens, a emoção brota num estado puro, sem a pornografia do medo ou da valentia. Uma emoção apenas mágica, como diria Sartre, se tivesse visto, no rosto grave do toureiro, esse sorriso interior, do gozo comovido que no gesto se adivinha; na figura desmaiada, essa plástica sem tensão, de estátua à beira do precipício do descalabro, movendo-se apenas o bastante para sentirmos que tem alma; nesses lances, a flor do toureio, que um duende tivesse semeado, e da terra rompesse vagarosa e fugaz, em pétalas que mal nascidas logo se desfolhassem, uma a uma, e o vento que não sentimos as levasse, entre um murmúrio de silenciosas despedidas, até não se sabe nem onde nem quando.

Escultura ibérica contemporânea tem oitava bienal em Zamora

A Oitava Bienal da Cidade de Zamora, que este ano se dedica à escultura ibérica contemporânea com representação de todas as regiões autónomas e Portugal, será inaugurada oficialmente no próximo sábado.

A Bienal de Zamora estendeu-se este ano à participação de Portugal, o que confere o nome de ibérica à mostra, numa tentativa de superar as fronteiras que se traduzem no desconhecimento de ambos os países, na opinião da comissão organizadora.

Na exposição participam 120 obras.

A selecção da participação portuguesa esteve a cargo da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian.

A escultura contemporânea portuguesa está representada por Pedro Cabrita Reis, Rui Sanches, António Campos Rosado, Zulmira de Carvalho, Alberto Carneiro, José Pedro Croft, Xana e Manuel Rosa.

A inauguração da Bienal será comemorada com um jantar com pratos da gastronomia do rio Douro, tanto da parte espanhola como portuguesa.

A divulgação da Bienal chegou às principais localidades da bacia do Douro, em cujas águas foram instalados anúncios flutuantes com o motivo que está servindo de base da publicidade da mostra.

Nas cidades de Soria, Tordesilhas, Zamora, Miranda do Douro e Porto, foram instaladas há dias esculturas flutuantes de poliestereno que representam um varrão celtibérico, símbolo neste caso da cultura anterior e comum aos povos da bacia do Douro.

Encontro de Associações Luso-Brasileiras

O terceiro encontro das comunidades luso-brasileiras, organizado pela Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, realiza-se em Novembro, na cidade de Maringa, uma das mais importantes do estado do Paraná.

O encontro será inaugurado em 4 de Novembro e encerrado no dia seguinte, devendo analisar não só os problemas associativos mas também os decorrentes da queda da imigração portuguesa para o Brasil.

A Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras tem sede no Rio de Janeiro e congrega cerca de 170 agremiações.

A primeira reunião das Associações Luso-Brasileiras teve lugar em Belem do Pará, há quatro anos, e a segunda em Fortaleza, há dois.

Em 1980, realizou-se no Rio de Janeiro um congresso de todas as associações portuguesas do Brasil.

Depois das Associações Luso-Brasileiras, reunir-se-ão na mesma cidade os representantes dos conselhos das comunidades portuguesas do Brasil e de outros países americanos, anunciando-se a presença da secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Maria Manuela Aguiar.

Autores e compositores: congresso será em Madrid

A situação dos direitos do autor, os direitos das obras audiovisuais, remuneração do autor e reprodução das obras, serão os principais temas a debater no 35.º Congresso da Conferência Internacional de Sociedades de Autores e Compositores, anunciou a comissão organizadora.

O congresso, organizado pela Sociedade Geral de Autores de Espanha, terá lugar em Madrid, de seis a onze de Outubro, com a participação de 127 organizações do campo da propriedade intelectual e do direito de autor, que representam os direitos dos compositores, dos autores e editores de música, a Literatura, o Teatro, obras cinematográficas e videográficas, assim como as artes plásticas.

O congresso será presidido pelo intelectual e ex-presidente do Senegal, Leopoldo Sedar Senghor e à inauguração assistirá o rei Juan Carlos.

Participarão nos trabalhos mais de 300 delegados dos cinco continentes, segundo se anunciou em conferência de Imprensa realizada em Madrid.

Os temas de debate estarão relacionados especificamente com a situação do autor e a sua remuneração ante o desenvolvimento das novas tecnologias e como resultado da crescente importância dos meios de Comunicação Social.

Uma vez que este ano se celebra o centenário do convénio de Berna, inclui-se no programa um tema específico sobre o desenvolvimento da protecção da propriedade intelectual desde o nascimento deste convénio.

Em Espanha está patente a aprovação pelo Congresso de Deputados de uma nova lei da propriedade intelectual que adapta a legislação espanhola nesta matéria a dos restantes membros da CEE e inclusive as supera com inovações progressistas em algumas matérias.

uma cidade limpa
é uma cidade viva

A partir de amanhã

Quinzena de cinema soviético em Lisboa

Organizada pelo Cinema Quarteto e pela Associação Portugal-URSS, começa amanhã uma Qinzena de Cinema Soviético que, uma vez mais, vai permitir o contacto do público lisboeta com uma cinematografia cujas relações comerciais com Portugal é cada vez mais escassa. E traz grandes filmes em carteira.

Os mais reticentes vão dizer que ainda não é desta que vamos poder conhecer a obra de Serguei Paradjanov (cujo último filme, **A lenda da fortaleza de Sourami** parece ser, pelos testemunhos de quem o viu, de uma beleza vertiginosa). Os mais entusiastas tecerão indintintos louvores a todos os filmes que aí vêm. Diz o bom senso que se a esta programação falta Paradjanov (o último dos cineastas gigantes da URSS que permanece inédito em Portugal) o facto de, num mesmo conjunto de filmes, se irem poder ver obras de Klimov, Panfilov, Chenguelaia e Nikita Mikhalkov é um bom sinal.

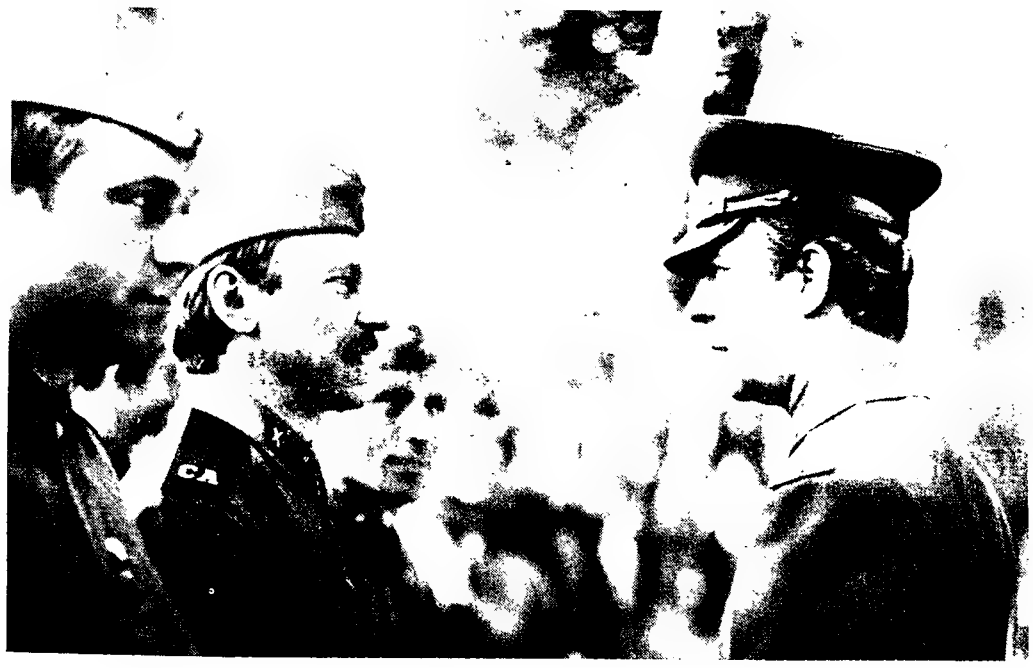
Na realidade, se a última Mostra de Cinema Soviético em Lisboa (que aconteceu em 1984) viveu sob o signo da descoberta da **Siberíada** de Mikhalkov-Konchalovski, esta Quinzena que amanhã se inicia pode muito bem ir ser a da consagração de Klimov.

Elem Klimov é um cineasta russo de quem, até à data, só vi um filme (**Vem e vê**, exibido no Festival de Tróia em 1985 e, posteriormente, no Cinema Alvalade num número reduzido de sessões) mas de um tal ímpeto e grandeza que, de pronto, desperta a vontade de conhecer toda a filmografia. Ele anda no cinema já desde 1964. Começou na comédia (!?) com **Sejam bemvindos** (em 1964) e **As aventuras de um dentista** (1967), passou pela via documental (**Sport, sport, sport,** em 1971) mas foi com **Agonia** que o seu nome começou a retinir internacionalmente. Por duas razões: filmado em 1974/75, **Agonia** foi «congelado» durante seis anos; exibido no Festival de Moscovo de 1981 só conheceu distribuição em salas da URSS em 1985 e exportação para o estrangeio em idêntica data... Ora **Agonia,** um vasto fresco histórico sobre Rasputine e os últimos dias da monarquia czarista, é um dos filmes desta Quinzena de Cinema Soviético! É de não perder. Como é de não perder o espantoso **Vem e vê** que volta a passar. Dois filmes de Klimov valem a iniciativa do Quarteto e da Associação Portugal-URSS? Valem; mas há mais. (Parêntesis-encomenda: esperemos que, daqui a dois anos, nos tragam **Adeus a Matiore,** um Klimov de 1981 que tem estado no frigorífico...)

Disse atrás que Paradjanov era o último dos grandes autores contemporâneos que não conhecíamos em Portugal. Não é inteiramente certo. Um outro nome sonante do cinema da URSS nunca por cá teve filmes. Refiro-me a Gueorgui Chenguelaia (cujo **Pirosmani,** de 1972, o celebrizou na Europa — permitem-me «encomendá-la para a próxima Quinzena?). Pois bem, de Chenguelaia vai ser exibido o seu mais recente trabalho (**A viagem do jovem compositor**) que por certo constitui outro evento a merecer especial atenção. E há dois filmes de Gleb Panfilov, o célebre **Peço a palavra** e **Vassa** (uma adaptação de uma peça teatral de Gorki). Qualquer deles justifica que o leitor se desloque até ao Quarteto embora **Peço a palavra** seja, tudo o indica, bastante mais interessante — e significativo — que **Vassa.**

Se Nikita Mikhalkov nunca é banal (o que quer dizer que **Alguns dias na vida de Oblomov** é também um filme a ver, em princípio), os restantes realizadores são pouco ou nada conhecidos. O que não quer dizer nada (nestas coisas as surpresas ainda são o mais gratificante).

Em suma: não é o melhor dos programas (mas há «o melhor dos programas»?), é um conjunto de filmes, equilibrando novidade e expectativa, que, de certo modo, nos ajudará a fazer o ponto a uma cinematografia pouco conhecida em Portugal mas constelada de obras importantes, algumas das quais vão ser agora exibidas.



«Parada de planetas» de Vadime Abdrachito , é o filme de abertura da Quinzena de Cinema Soviético que amanhã se inicia no Quarteto

Eis o programa detalhado desta Quinzena do Cinema Soviético, a partir de amanhã no Quarteto:

26-9 6.ª Feira — **Parada de planetas** (1985) de Vadime Abdrachitov, sessões às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30, às 23.30 h — **Parada de planetas e Nós somos do jazz**; 27-9 Sábado — **Nós somos do Jazz** (1983) de Kareme Chakhnazarov sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 horas, à 1.15 h — **Parada de planetas;** 28-9 domingo — **Peço a palavra** (1976) de Gleb Panfilov, sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas; 29-9 2.ª Feira — **Alguns dias na vida de Oblomov** (1979) de Nikita Mikkalkov, sessões às 15.00, 18.00, 21.15 e 24.00 horas; 30-9 3.ª Feira — **Agonia** (1975-81) de Eleme Klimov (versão francesa) sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 horas; 1-10 4.ª Feira — **Vassa** (1982) de Gleb Panfilov, sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas; 2-10 5.ª Feira — **Herdeira em linha directa** (1982) de Seguei Soloviov sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 horas; 3-10 6.ª Feira — **O dia da ira** (1984) de Sulambek Mamilov sessões às 15.00, 17.00, 19.00 21.30, às 23.30 h — **Dia da ira e A viagem do jovem compositor;**
4-10 Sábado — **A viagem do jovem compositor** (1984) de Gueorgui Chenguelaia sessões às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas; à 1.15 h — **herdeira em linha directa;** 5-10 Domingo — **Amor em tempo de guerra** (1984) de Piotr Todorovski, sessões às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 horas; 6-10 2.ª Feira — **Vem e vê** (1985) de Eleme Klimov, sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas; 7-10 3.ª Feira — **Nós somos do jazz** de Kareme Chakhnazarov sessões às 15.00, 17.00 e 19.00 horas; **Agonia** de Eleme Klimov, sessões às 21.30 e 24.00 horas; 8-10 4.ª Feira — **A viagem do jovem compositor** de Gueorgui Chenguelaia, sessões às 14.30, 16.45 e 19.00 horas; **Parada de planetas** de Vladime Abdrachitov sessões às 21.30 e 23.30 horas; 9-10 5.ª Feira — **Alguns dias de Oblomov** de Nikita Mikhalkov, às 14.30 horas; **Vem e vê** de Eleme Klimov, às 16.45 horas; **O dia da ira** de Sulambek Mamilov, às 19.15 horas; **Amor em tempo de guerra** de Piotr Todorovski, às 21.30 horas; **Peço a palavra** Gleb Panfilov, às 23.45 horas.

— Todos os filmes são legendados em Português excepto «AGONIA» (versão francesa)

J.L.R.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
e novo Grupo apresentam
POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
DE NOVO EM CENA
(apenas algumas semanas)
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16
MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS
de BERTOLT BRECHT
Encenação: JOÃO LOURENÇO
Com (por ordem de entrada em cena): CARLOS DANIEL • ORLANDO COSTA • MÁRIO PEREIRA • EUNICE MUÑOZ • IRENE CRUZ • FRANCISCO PESTANA • JORGE GONÇALVES • RUI DE CARVALHO • CARLOS FONSECA • ROGÉRIO PAULO • RUY DE MATOS • SÃO JOSÉ LAPA • ARTUR MENDONÇA • CARLOS COSTA • JOÃO DE CARVALHO • IGOR SAMPAIO • BARROSO LOPES • CARLOS DUARTE • MANUEL CAVACO • ANTÓNIO BANHA • MADALENA BRAGA • ANTÓNIO ANJOS • CATARINA AVELAR • NUNO FRANCO.
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

A meio soprano Manuela Santos, tal como se apresenta na «Drogaria Ideal» em Tangos na Drogaria, com Michel

Teatro

• Na «Drogaria Ideal» na Rua do Conde, reposição do espectáculo «Tangos na Drogaria», hoje e amanhã e dia 3 de Outubro, às 23.30, com Manuela Santos e Michel. Recorde-se que este «show» foi apresentado nos meses de Maio e Junho passados, com êxito assinalável. Não será demais lembrar, ainda, que este espectáculo onde se procuram essas formas musicais diferenciadas de outro povo, de sentimentos feitos expressão musical, é realizado pela Mezzo-Soprano Manuela Santos que, a par de uma carreira lírica, investiga esses mundos musicais, ditos ligeiros, mas plenos de sentimento, teatrialidade e qualidade; e pelo Michel, um excelente acordeonista francês, que se fixou em Portugal como bailarino-/professor de sapateado e «entretainer» e brevemente parte para os Estados Unidos.

• Vai a **CeNA** — Companhia de Teatro de Braga, retomar hoje a representação da peça de Manuel Teixeira Gomes, «Sabina Freire». Os espectáculos terão lugar no Auditório Municipal Galécia, todos os dias às 22 horas, excepto às segundas e sextas-feiras, que são os dias estabelecidos, respectivamente, para as folgas da Companhia e para a efectivação de um ciclo de conferências relativas áquele que foi o sétimo presidente da primeira república portuguesa — Teixeira Gomes. O conjunto de conferências iniciar-se-á no dia 3 de Outubro e contará com a presença do dr. António Reis (o primeiro conferencista), do dr. Piteira Santos, do dr. Vítor de Sá e do dr. Urbano Tavares Rodrigues.

«Sabina Freire», estreada a 25 de Julho, tem encenação de Luís Varela, cenário e figurinos de Rui Anahory, iluminação e sonoplastia de Paulo Lobato Costa e organização musical de Alberto Peixoto. «Sabina Freire» conta ainda com a participação de Ana Bustorff, Ana Madureira, António Durães, António Évora, António Fonseca, António Moreno, Carlos Feio, Isabel Marado e Rui Madeira.

A partir de 25 de Outubro, será retomada a apresentação de «O Fim» de António Patrício, na antiga Casa Penhorista.

A Companhia de Teatro de Braga-**CENA** começará entretanto a preparar a primeira produção teatral da temporada com base em textos de cordel, com estreia prevista para o final do mês de Novembro.

Exposições

• No Barte, na Rua de S. Boaventura n.º 16, inaugura-se hoje, ás 22 horas, uma mostra de fotografia de João Carlos. Patente ao público até ao dia 4 de Outubro.

• Na Galeria de Arte da Cervejaria Trindade, continua patente até dia 28 do corrente, todos os dias das 12 às 15 e das 19 ás 20 horas, uma exposição de Pintura de Fernanda Igrejas «Nanda».

• Em Lagos, na Galeria Mercado de Escravos, até ao fim do mês uma mostra de obras de Pintura de Arnaldo Serra.

• Na Galeria Municipal da Amadora, patente das 15 ás 23 horas a exposição «Da Porcalhota à Amadora», no âmbito das comemorações do 7.º aniversário daquele município.

• Ainda na Amadora — na Artever, Rua Elias Garcia, 42 — uma mostra colectiva com gravura e pintura de Helena Matta, desenho de Luís Manuel Gaspar e instalação e pintura de Vítor Pi Dias. Dias 17 e 28 de Setembro.

• Em Vilamoura, na Galeria de Arte, todos os dias (excepto segundas-feiras), patente até dia 28 uma exposição de tapeçarias da Manufactura de Portalegre, constituída por 18 obras de diversos autores entre os quais Almada Negreiros, Carlos Botelho, Cruzeiro Seixas, Júlio Pomar e Vieira da Silva.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 2
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

[illegible]

[illegible]NO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
.45, 16.45, 19.15, 21.45 e .15 h

[illegible]

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
FANTASIA
(não ac. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
EMANUEL – A ANTIVIRGEM — T. 547163
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
A ESTUDANTE SEXY
(Int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
(n/acons. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/ Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cinebloco
— T. 556824
PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A FRONTEIRA DA VERGONHA
(maiores 16 anos)
24 h

Cinebolso
MINOUCHE A INSACIÁVEL
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
OS CINCO CAMPEÕES
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30, e 21.30 h

Cinemateca
OBJECTIVO BURMA
21.30 h

Cine 222
— T. 579460
OS MALDITOS
(int. men. 18 anos)
15.00, 18.30, 21.30 e 00.15 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
TERROR NO AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza
BOLERO
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
VOLUNTÁRIO À FORÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

[illegible]
— T. 320768
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

[illegible]estudio
— T. 555134
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
HISTÓRIA INTERMINÁVEL — T. 887255
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.00 h

Estudio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
FEIOS, PORCOS E MAUS
(int. a m. 18 anos)
16, 19 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009
A FORÇA DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
VOLUNTÁRIO À FORÇA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
ACTO DE VINGANÇA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio
— T. 555134
GANSOS SELVAGENS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMAS
(não acons. men 18 anos)
1400, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
ANA E AS SUAS IRMÃS
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
Encerrado para remodelação

Nimas
— T. 574362
GINGER E FRED
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
UM MARIDO MUITO INCAPAZ
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
SEXO DE [illegible]
A partir das [illegible]
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a mem. [illegible])

[illegible]ache
— 821933
VINGANÇA SELVAGEM
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

[illegible]norama
T. 326305
O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CHINATOWN
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
A CASA ENCANTADA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45 19.00 e 21.30 h
O AGENTE DA BROADWAY
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O VERÃO ASSASSINO
23.30 h

Sala 4
O VESTIDO COR DE FOGO
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
A VIDA DE BRIAN
(maiores 168 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
007 NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O HOMEM FURACÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
THE COLOUR PURPLE — A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 19,30 e 21.45 h
A CÔR PÚRPURA
21.15 h
(maiores 12 anos)

7.º Art[illegible]
— T. 730715
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210
GINGER E FRED
(não acons. men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30

Terminal
— T. 371573
O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
14.00 e 21.00 h

Tivoli
— T. 570595
FANTASIA
(não ac. a men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
VENTOS DE VIOLÊNCIA
(não ac. a men. 18 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
A ACTO DE VINGANÇA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro — «Saharâ», às 21.30 h (m. 16 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «O Rapaz da Coca Cola», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Academia de Polícia 3», às 15.00 e 21.30 h (m. 6 anos)

Babilónia — «Sarilho do Far-West», às 15.15, 18.30 e 21.30 h
Cine Teatro Chaby — «Descanso».

Estúdio Dois EME — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (não acons. a men. 13 anos)

Linha de Cascais
Casino Estoril — «O Rapaz da Coca-Cola», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS «Remo — Desarmado e Perigoso», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Espiões como Nós», às 15.30, 19.00 e 21.45 (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Que Paródia de Férias», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos).

CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «Ana e as suas Irmãs», às 15.15 e 21.30 h (não acons. men 18 anos)

Sala 2 — «Voando Sobre Um Ninho de Cucos», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «A Educação de Rita» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA CINESTÚDIO — «Louca por si Professor», às 15.30, 18.15 e 21.30 (m. 16 anos)
Oceano — Sala 1 — «Pela Noite Dentro», às 15.45 e 21.30 h (não acons. a men. 13 anos)
Sala 2 — «O Sol da Meia-Noite», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio — Barreirense — «A História de Piera», às 15.00 e 21.15 (maiores 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ODIVELAS — Cineodível — «O Aventureiro do Rio Selvagem», às 15.30, e 21.30 h (m. 16 anos)
Cineoceano — «Os Inimigos», às 15.30 e 21.30 h (Para todos)

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Amor e Sangue, às 16.00 e 21.00 h (maiores 12 anos)

St.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «O Lobijovem», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AREEIRO: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIAS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333646); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **POÇO DOS NEGROS: Valentim**, R. do Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453); **SALDANHA: Salva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO: Botânica**, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **XABREGAS: Salter**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE: Líbia**, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENIDAS NOVAS - AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 520592); **BAIRRO AZUL: Bairro Azul**, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA: Normal de Lisboa**, R. da Prata, 20 (T. 878342); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO DE OURIQUE: Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHILE - ALAMEDA: Nobel**, R. Actor Vale, 53 (T. 8442152); **CONDE REDONDO - SANTA MARTA: Davi**, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 6677460); **QUINTA DA LUZ - CARNIDE: Findor**, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 7145271); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, élula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 24000210). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henrique G. Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 22135690). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 23100354). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Reblo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361)l. Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 26830452). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 23461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2842121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 2760008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Romeiro, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Permanente; **São Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 974161). Permanente; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá. 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 23571626). Até às 19 horas;**CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 92440023). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Banha**, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República (T. 9831240). Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646, Areosa; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444, ao BCG.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, ás 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00

«**A BELA PORTUGUESA**«, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe Lá Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS**«, de Bertolt Brecht. Co-produção: Teatro Nacional D. Maria II/Novo Gurpo. Enc.: João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Int.: André Maia, António Anjos, António Banha, Artur Mendonça, Barroso Lopes, Carlos Costa. Carlos Daniel, Carlos Duarte, Carlos Fonseca, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Francisco Pestana, Igor Sampaio, Irene Cruz, João de Carvalho, Jorge Gonçalves, Madalena Braga, Manuel Cavaco, Mário Pereira, Nuno Franco, Orlando Costa, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Rui de Matos, São José Lapa.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS**«, dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras 89 [illegible]7

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Trindade

R. da Trindade — Tel. 32 32 00

De 3.ª a domingo, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«**AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT**«, de W. Fassbinder. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Interpretação: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima.

Realejo

R. dos Mercadores, 132, à Ribeira — Tel. 38 36 42

De quarta a domingo, às 21.30.

«**DRÁCULA JÚNIOR**«, de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira. Pedro Advirta e Sílvia Sequeira.

Teatro Municipal de São Luiz

R. António Maria Cardoso, 54 — Tel. 32 71 72

Dias 22, 23, 24, 25 e 26 de Setembro, às 21.00; dia 27, às 16.00

«**A VIÚVA ALEGRE**«, de Franz Lehár. Intérpretes principais: Elsa Saque, Elizette Bayan, Lia Altavilla, Filomena Amaro, Fernando Serafim, Vasco Gil, José Manuel Araújo, Hugo Casaes e Luís Horta. Coreografia de Vicente Trindade.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**«, de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B, Anna Paula e António Marques, entre outros.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sabados e domingos, as 16.00

«**GALILEU CONTADOR DE HISTÓRIAS**«, de José Jorge Letria.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

«**TODA A NUDEZ SERÁ CASTRIGADA**«, de Nelson Rodrigues. Enc. de Angel Facio. Inter.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33

Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00

«**FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL**«, de Marcus Rey. Estreia a 25.

«**B... EM CADEIRA DE RODAS**«, de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço sob direcção de Águeda Sena.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00; domingos, às 11.00

«**RUA DOS FANTASMAS**«, de Xavier Villapañe.

Porto — Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22550

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«**UM CORONEL EM DOIS ACTOS**«. Interpretado por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros.

Setubal — Teatro de Animação

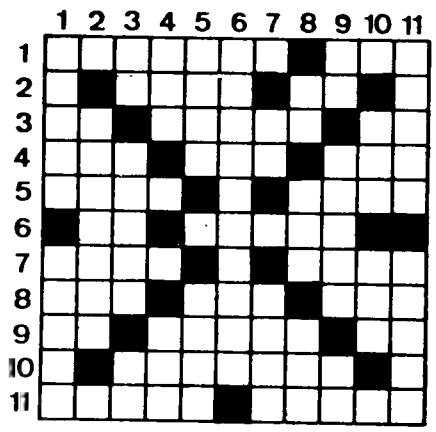
R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30

De 5.ª a domingo, às 21.30

«**ALVES E COMPANHIA**«, de Eça de Queirós. Encenação de Fernando Gomes. Interpretação de Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 842



HORIZONTAIS:

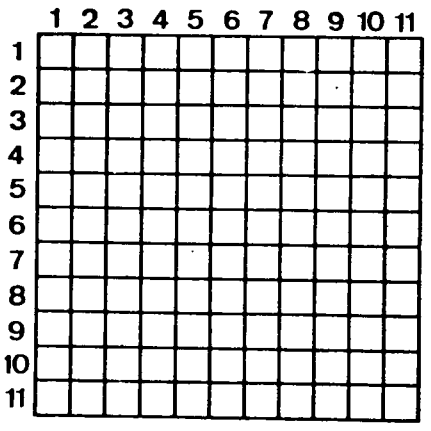
1 Flutuando. Grande.
2 Aguce. Vossa alteza.
3 Caminhar. Asas. Basta!
4 Semelhança. Freguesia do concelho de Alenquer. Um cento.
5 Pronome pessoal. Artigo definido. Grande apetite de comer.
6 Arsénio (s.q). Desmontar.
7 Baú. Vigia.
8 Recusa. Arara. Doçura..
9 Preposição. Arruína. Seguia.
10 Oscilara. Plantio de amieiros. Descarnado.

VERTICAIS:

1 Escuridão. Deseja ardentemente.
2 Fizeram girar.
3 Concede. Mastigo sem engolir. Pronome pessoal.
4 Azáfama. Arara.
5 Menino (pop). Nome de homem.
6 Destamparam.
7 Autores. Prendam.
8 Vossa Santidade. Executa. Época.
9 Gálio (s.q). Enrubesçam. Prata (s.q).
10 Possui. Obrigação.
11 Fio de latão. Aéreo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 671



HORIZONTAIS:

1 Apelido. Cidade de Itália.
2 Expulsariam.
3 Pátria de Abraão. Parte do pão que fica dentro da côdea. Cobalto (s.q).
4 Ilhas da Guiné Francesa, muito perto de Conacri. Espadua. Forma apocopada e proclítica de vale.
5 Membros de aves. Faina.
6 Camareiras. Nivelai.
7 Viração. Sopeiras.
8 Víscera dupla. Ponderar.
9 Medida japonesa igual a dois decilitros. Flutuas. Nota musical.
10 Desmenti. Espécie de formiga (Bras).
11 Pessoa magra. Rego feito pelo arado.

VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Cidade da Argélia.
2 Série.
3 Ondas curtas. Brota. Nosso Senhor.
4 Modo. Ilha de Cabo Verde. Também não.
5 Grupo de três. Remuneração.
6 Odor. Luxo (pop).
7 Gavinha. Tornais rosado.
8 Anel. Bofetada.
9 Nota musical. Mirar. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
10 Pancadas com o taco na bola de bilhar. Mil e duzentos em romano.
11 Sacrificai. Antigo funcionário dependente do meirinho, em Moçambique.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 841

HORIZONTAIS:

1 Arranca. NOS.
2 Ui! Ba. Aro.
3 Bateremos.
4 Emala. Gelo.
5 Risque.
6 Az. Ur. Sam.
7 EC. Ames. Ara.
8 Soara. Amial.
9 Paire.
10 Sarar. Aroma.
11 Es. Sonsa. Ur.

VERTICAIS:

1 AUSENTES. Sé.
2 Ri. Copas.
3 Bara. Aar.
4 Abalizarias.
5 Natas. Marro.
6 É. QUE. É.
7 Aar. Ursa. Ás.
8 Rege. Mira.
9 Nome. Sai.
10 Oleara. Mu.-
11 Siso. MALHAR.

PROVÉRBIO: Nos ausentes é que é malhar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 670

HORIZONTAIS:

1 Olhão. Travo.
2 Diabo. Airar.
3 Si. Imo.
4 Al. Cp. Sa. Or.
5 Raba. Ui!
6 No. Cri. Uso.
7 Rh. Moeda.
8 Ele. Nacala.
9 Elos. Anho.
10 Lãs. Aas.
11 Ás. Machico.

VERTICAIS:

1 Odiar. Ela.
2 Li. Lanhelas.
3 Bás. Bo. Los.
4 Abica. Mês.
5 Oó. Co. Fa.
6 Arena.
7 Tais. Ida. Ah!
8 Rimar. Aca.
9 Aro. Cana.
10 Vã. Ousilhão.
11 Orário. Aos.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: 2.ª e 3.ª cenas do 5.º acto, da ópera «Os Troianos», de Berlioz; **17.00**: Integrais; **17.40**: Um poema sinfónico, de Dukas; **18.00**: «Missa da Coroação», K. 317, de Mozart; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: A ópera «Porgy and Bess», de Gershwin; **23.45**: Música instrumental; **00.25**: Concerto, para dois fagotes, cravo e orquestra; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigesima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz: **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas-tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas-tardes da Renacença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa-noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.02 — Desenhos Animados
«As misteriosas Cidades do Ouro» e Terry Toons»

15.55 — Navegar II
A competição dos mais diversos tipos de embarcações desportivas, numa prova de resistência no mar, durante seis horas

16.25 — Retalhos da Vida de um Médico
(12.º episódio) «O Rapaz do Tambor»: — Lisboa (1958). Pedro encontra um amigo antifascista, com o qual discute a situação criada pela candidatura de Humberto Delgado às «eleições presidenciais».

17.15 — Ontem Viu?
«Foi êxito na TV»: — Gente fina é outra coisa

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos mais novos
«A Arca de Noé» e «Era uma vez»

18.45 — País, País

19.15 — As Portas do Desconhecido
(5.º episódio)

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo
(episódio 143): — Osmar e Eloá se declaram apaixonados um pelo outro e resolvem ficar juntos, por enquanto apenas como namorados, sem maiores compromissos para não perturbar Ronaldo. Osmar promete a Eloá nunca mais ver Teresa e faz Eloá jurar que nunca mais vai ver Vítor. Sónia encontra Wanderley e os dois marcam um encontro. Heloísa continua fugindo da sedução de Zeca. Bia e Rafael já se casaram e dão a notícia a Guiomar, que fica frustrada por não poder fazer a festa que queria. Raul aparece para Jalusa e manda que ela entre no carro.

21.25 — Museu do Caramulo

22.10 — Reportagem do exterior

00.05 — 24 horas

RTP 2

16.30 — Europa TV
O Tempo

16.35 — Tempo dos mais pequeninos
«Tic Tac» e «Gigi»

17.05 — Europa Countdowm

17.45 — O Tempo

17.50 — Euroreporter especial
Um programa de informação

18.20 — O Tempo
O mundo amanhã (World Watch)

18.30 — Ópera
«Andrea Chénier», de Humberto Giordano, gravado na Royal Opera House de Londres. Interpretação de Plácido Domingo, Anna Tomowa — Surtow, Giorgio Zancanaro e Cynthia Buchan
Maestro: Julius Rudel

20.30 — Caminhos do Eterno
(16.º episódio) — «Museu de Elvas»: — O Dr. Álvaro Manuel Machado fala sobre o «Museu Arqueológico e Etnológico de António Tomás Pires» de Elvas.

20.50 — O Novo Pacífico
(5.º episódio)

21.55 — Notícias

22.00 — Retrato de Janet Baker
Documentário sobre o último ano de carreira da famosa Janet Baker, começada há 25 anos nos coros de Glyndebourne. Agora, Janet Baker despede-se da Ópera precisamente no mesmo palco de Glyndebourne.

23.15 — Últimas notícias

23.20 — Vereda Tropical
(Episódio 152)

No 2.º canal às 20.50 h, mais um episódio (o 5.º) da série «O Novo Pacífico»

«Portas do Desconhecido»

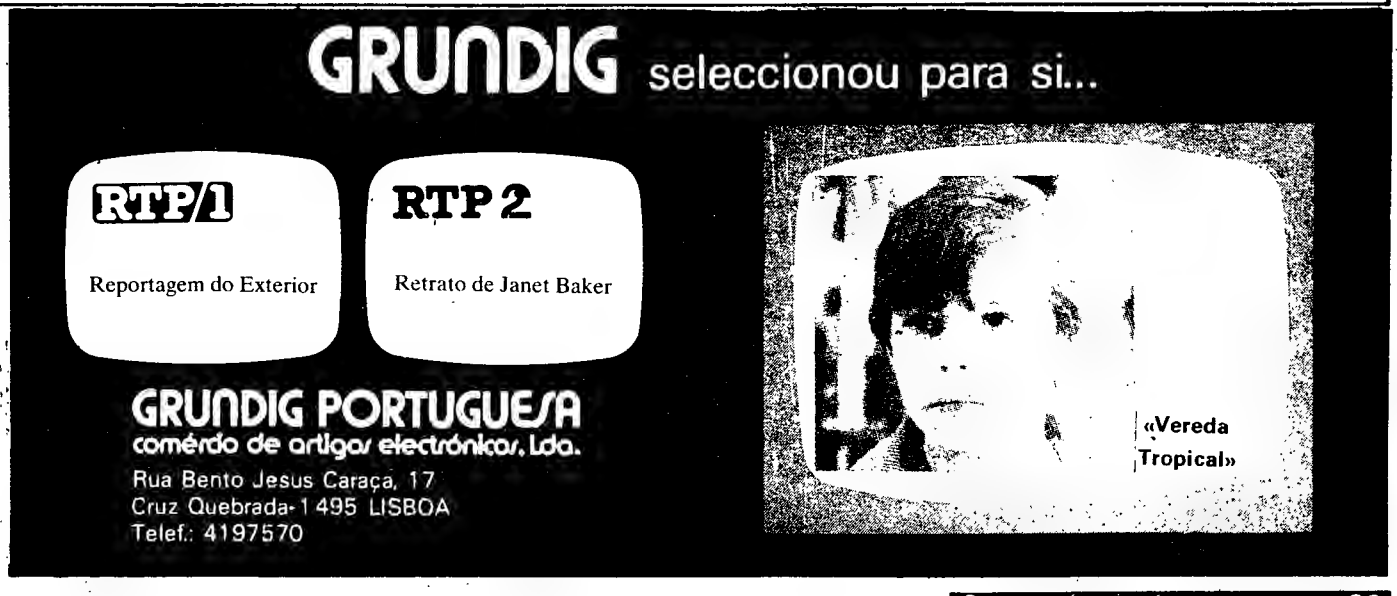
Amanhã

RTP/1

15.02 — Desenhos animados
15.35 — Mare Nostrum, Patria Nostra
(1.º programa)
16.00 — O Maias
(2.º episódio)
17.00 — Pedra a Pedra
«Castelo da Feira»
17.30 — Se bem me lembro
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos mais novos
18.45 — País, País
19.15 — Recriar o Espaço
(7.º episódio)
19.50 — O livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo
(144.º episódio)
21.25 — Coração a Quanto Obrigas
(4.º episódio)
21.55 — Fortunata e Jacinta
(8.º episódio)
23.00 — 24 Horas

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Coleccionando
(7.º programa)
20.30 — Adágio
21.00 — À Margem
(3.º episódio)
21.25 — Notícias
21.30 — Directo/2
22.25 — Últimas Notícias
22.30 — Vereda Tropical
(episódio 153)



PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54 (5 linhas) - 32 02 71 (2 linhas) Publicidade 38 67 40
Serviço da noite (depois das 21) Portaria 32 11 54 Redacção 32 02 71 (2 linhas)
Endereço Telegráfico: DIÁRIO LISBOA - Telex 12 365 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua de Xabregas 15 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do DL na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
08.04	3,20 m	01.15	1,80 m
20.39	3,00 m	13.50	1,90 m
Dia 26			
09.10	3,10 m	02.09	2,00 m
22.10	2,90 m	15.10	2,10 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	11°
VIANA DO CASTELO	15°
VILA REAL	11°
PORTO	12°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	19.°
CASTELO BRANCO	
PORTALEGRE	13°
LISBOA	16°
ÉVORA	14°
BEJA	14°
FARO	17°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	20°
FUNCHAL	21°

Marques Mendes à Oposição

Processo de criação de nova agência noticiosa não é facto consumado

O processo de criação de uma nova agência noticiosa «não está ainda consumado, existindo apenas bases de trabalho para o diálogo» - esta a opinião do secretário de Estado da Comunicação Social, Marques Mendes.

Marques Mendes,que falava perante a Sub-comissão Parlamentar da Comunicação Social, acrescentou que o projecto de estudo não é um documento definitivo, mas uma base de trabalho que disse ter reunido o consenso das Direcções e trabalhadores da ANOP e da NP.

«O processo deve prosseguir sem pressas ou precipitações num esforço conjunto com os orgãos próprios das duas agências, incluindo os seus trabalhadores» - especificou.

Assim «o governo não recorrerá a meios enviezados ou ínvios para assim fugir ao controlo parlamentar», assegurou o secretário do Estado a propósito de acusações de deputados do PRD, PCP e MDP/CDE sobre a forma como o processo está a ser conduzido relativamente à extinção da ANOP.

Entretanto, o deputado da PRD Costa Carvalho (que defendeu a manutenção da agência ANOP como empresa pública) acusou o Governo de estar a conduzir o processo de forma a «salvar a NP, acabando com a ANOP e criando uma espécie de filha da Lusitânia, uma agência noticiosa existente antes do 25 de Abril»

Por sua vez, José Magalhães, do PCP, afirmou que o Governo «está a tentar furtar-se ao cotrolo parlamentar e a consumar a extinção do facto da ANOP, através do seu esvaziamento, quando legalmente teria de proceder à extinção por decreto-lei».

Marques Mendes negou as intenções atribuídas ao Governo pelo deputado do PCP, afirmando que «nunca foi intenção do Executivo esvaziar a ANOP».

Corregedor da Fonseca, do MDP, responsabilizou o PSD pela situção existente de duas agências e recordou o processo que levou à sua criação. Aquele deputado acusou o Governo de, ao apontar para a criação de uma terceira agência passando por cima da extinção da Anop, estar «a pretender furtar-se aos travões levantados pelos órgãos institucionais à destruição das empresas públicas , como aconteceu no caso da Socomar.»

Os deputados dos três partidos da oposição mostraram-se preocupados com o facto de o projecto de estatutos da nova agência não garantir textualmente a manutenção dos postos de trabalho, tendo Marques Mendes garantido que «não haverá depedimentos, eestando o emprego assegurado sem reservas ou dúvidas».

Notas falsas de 5 contos apreendidas

O piquete da Polícia Judiciária de Lisboa desencadeou ontem à tarde uma operação em Alfragide vindo a apreender 45 notas falsas de cinco mil escudos, bem como duas pistolas devidamente carregadas e três automóveis suspeitos de viciação.

A diligência policial efectuada a partir de elmentos recolhidos e que impunham uma acção imediata visou uma oficina de automóveis naquela localidade dos subúrbios de Lisboa, passando as investigações a partir desta manhã para a responsabilidade da secção especializada.

Paço de Arcos sem água

Centenas de habitações da zona de Paço de Arcos vão estar hoje sem água durante todo o dia, devido a reparações em canos que rebentaram.

Um informador dos Serviços Municipalizados da Câmara de Oeiras, disse que «não se sabe ainda quando é que a situação estará normalizada».

Rebentaram ontem dois canos na zona de Paço de Arcos, que foram reparados posteriormente, mas tornaram a rebentar — disse a mesma fonte.

Os técnicos dos Serviços Municipalizados estão também hoje a fazer ligações para prédios novos das urbanizações do Alto do Lagoal e Quinta da Terrugem, onde falta a água desde ontem à tarde.

/D/E/C/A/R/A/S/

AVA GARDNER, que foi conhecida nos meandros cinematográficos como «o mais belo animal do mundo», vem a Portugal entre Outubro e Novembro para participar nas filmagens de «Come Back», uma longa-metragem com co-produção portuguesa. Com 61 anos, aquela que foi talvez a mais sublime estrela de Hollywood, vem agora interpretar o seu terceiro filme «pós-mito», ou, como ela diz, do tempo em que ela era sobretudo «um símbolo sexual», inesquecível para quem assistiu a películas como «A Noite de Iguana», «Os 55 dias de Pequim», «A Condessa Descalça» ou «Pandora».

ANTHONY QUINN, que aos 70 anos continua a ser um dos «monstros sagrados» do cinema e do teatro, afirmou em Roma que não quer «voltar a trabalhar em Espanha». Quinn encontra-se desde Junho último em Itália, para as filmagens de uma nova versão de «A Ilha do Tesouro», de Robert Louis Stevenson, encetada por Renato Castellani, entretanto falecido, e p,rosseguida por Antonio Margheriti.

MANUEL CARVALHO DA SILVA, dirigente da CGTP-IN, disse que Portugal é o único dos 154 países que participaram no XI Congresso da Federação Sindical Mundial em que se regista o problema dos salários em atraso. O sindicalista, que chefiou a delegação da CGTP ao Congresso, declarou à Anop que a questão dos salários em atraso foi levantada pelos sindicalistas portugueses numa comissão presidida por José Luís Judas.

VÍTOR SÁ MACHADO afirmou que voltaria para Angola se lhe oferecessem condições de trabalho, acrescentando, em entrevista à revista «África Hoje»,que «com certeza que gostaria de viver em Angola». Sá Machado, antigo ministro dos Estrangeiros, é actual dirigente administrador da Gulbenkian.

RICARDO CHIBANGA volta esta noite à Praça de Touros do Campo Pequeno, para alternar com o matador espanhol Damazo Gonzalez na lide apeada da corrida nocturna, apresentando-se ainda os cavaleiros José Paulo e Frederico Carolino e os Forcados Amadores de Moura. Trata-se do mesmo cartaz da corrida da passada semana, que não se efectuou devido ao mau tempo.

FRANÇOIS MITTERRAND apelou em Paris aos países da CEE para que dêem prova de «vontade política e de perseverança» a fim de se conseguirem os objectivos do Acto Único Europeu. O chefe de Estado francês, revelou o Eliseu, fez essa declaração perante o Conselho de Ministros, que acaba de adoptar o projecto de lei autorizando a ratificação do Acto Único. Este texto, adoptado pelos «doze» no ano passado no Luxemburgo, modifica e completa importantes disposições do Tratado de Roma, a carta constitutiva do Mercado Comum.

Sismo fraco no Algarve

Um sismo de fraca intensidade foi sentido hoje no algarve, cerca das 07h30 — disse uma fonte do Instituto de Metereologia.

A mesma fonte acrescentou que se «está ainda a recolher elementos de todas as estações sismográficas do país, para se poder determinar exactamente a sua intensidade e epicentro».

Este mês já havia sido registado um sismo de pequena intensidade no Alentejo.

Regulamentados os bancos de esperma

A recolha, manipulação e conservação de esperma passa, a partir de amanhã, a estar sujeita à regulamentação aprovada pelo Governo e hoje publicada em «Diário da República».

A legislação publicada refere que a recolha, a manipulação, a conservação de esperma e quaisquer outros actos exigidos pelas técnicas de procriação artificial humana só podem ser praticados sob a responsabilidade e a directa vigilância de um médico em organismos públicos ou privados que tenham sido expressamente autorizados para o efeito pelo Ministério da Saúde.

Ficam isentos de tal procedimento; conforme o texto legal, quando apenas se utilizem técnicas de procriação artificial homóloga com sémen fresco

Estreia mundial em Londres

Uma peça musical intitulada «Rapsódia Americana» terá a sua estreia mundial em Londres, 90 anos após ter sido escrita pelo compositor inglês Frederick Delius.

A Sociedade Filarmónica Real anunciou a estreia como fazendo parte dos concertos comemorativos do seu 175.º aniversário, tendo encomendado a sua execução à Orquestra Filarmónica de Londres, que tocará a raposódia dia 10 de Dezembro.

A «Raposódia Americana» foi escrita em 1896, após Delius ter vivido na Florida e ouvir espirituais negros.| O seu trabalho coral «Appalachia», datado de 1902, foi fortemente influenciado por aquilo a que chamou «antigas canções de escravos», mas a rapsódia anterior, que lhe é semelhante, nunca foi interpretada.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 272

Bertrand Poirot-Delpech escreve sobre «A Ausência», de Jean-Denis Bredin

Mais mortes em Veneza

Um lançamento I.N./C.M.: dois autores dialogam por escrito através de décadas

A correspondência entre Régio e Sena

Pág. 3

Clip

■ Encontros em torno de Fernando Pessoa começaram hoje e duram até dia 28 na Fondation Royaumont, França. Espectáculos, comunicaçoes, «workshops» alternam durante as jornadas. Paralelamente, leituras de poemas de Pessoa editados pelas **Éditions Unes** tiveram lugar no dia 20 na livraria parisiense **Biffures**, antena da fundação Royaumont na capital francesa.

■ A colecçao **Autores de Língua Portuguesa**, da Dom Quixote, vai publicar, antes do fim do ano, doze histórias de Mário Dionísio, sob o título provável de **Monólogo a Duas Vozes.** Ao mesmo tempo, a editorial **Caminho** prepara o lançamento de **Sara,** o último romance de Olga Gonçalves.

■ Na «Biblioteca de Autores Portugueses» da Imprensa Nacional-Casada da Moeda, a edição das Obras Completas, a edição das Obras Completas de José de Almada Negreiros foi iniciada com a publicação de um volume de Poesia. Como recorda, numa nota, Mécia de Sena, no dia 12 de Fevereiro de 1969, e na presença emocionada de Almada Negreiros, Jorge de Sena pronunciou uma conferência sobre: «Almada Negreiros poeta». É o texto dessa conferência que introduz o volume agora publicado.

Jorge de Sena adverte: «Durante muito tempo falava-se da revista ORPHEU e dizia-se, habitualmente, que dois grandes poetas do ORPHEU tinham aparecido no modernismo português: Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Depois, começou a dizer-se que uma outra figura tinha existido no ORPHEU, que era Almada Negreiros...» Para Jorge de Sena o criador, na nossa poesia post-simbolista, de «uma linguagem nova, é precisamente Almada Negreiros». Mas — é também Jorge de Sena que observa «a poesia de Almada Negreiros, na maior parte dos casos, foi sempre publicada, ou quase sempre publicada, muito mais tarde do que quando tinha sido escrita. De modo que, na perspectiva histórica dos movimentos literários, ela levou muito tempo a tomar o lugar na época a que pertencia, precisamente porque tinha aparecido depois, tinha sido publicada muito mais tarde. É o caso, por exemplo, da célebre **Cena do Ódio,** que pertencia ao ORPHEU 3...». Mas o número 3 da revista ORPHEU não chegou a ser posto em circulação, a poesia de Almada Negreiros, composta em 1915, só foi publicada integralmente em 1958 e justamente por Jorge de Sena, na antologia das **Líricas Portuguesas.**

Este volume de **Poesia**, o I das «Obras Completas», e o esclarecedor texto de Jorge de Sena, permitem uma valoração da poesia de Almada Negreiros no contexto do modernismo português. A abrir o volume o «Prefácio ao livro de qualquer poeta» do próprio Almada, datado de JULHO DE «(ao E ASSINADO: «José de Almada Negreiros, Pintor».

Folhetim de Jrupe Emigrilian na pág. 4

Ombro, Arma!, de José Manuel Mendes,
ed. Europa-América.

A memória fornece, através de ágil mediação, pequenas estórias dentro da estória

É já substancial e digna a literatura portuguesa sobre a guerra colonial. Entre o testemunho e a ficção, diferentes autores vêm procurando dar ao leitor comum os elementos fundamentais para o retrato de uma época que importa ter presente. Obras como *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, *Walt*, de Fernando Assis Pacheco ou, numa estratégia mais documental, as de Carlos Vale Ferraz, constituem-se como referência obrigatória sempre que se aborda a produção narrativa sobre as guerras de África. Impõe-se agora colocar, entre as de alta qualidade, *Ombro, Arma!*, de José Manuel Mendes.

Trata-se de um texto recentemente relançado, sob os auspícios da Publicações Europa-América, e que vem conhecendo um assinalável êxito editorial. A acção decorre em Mafra, pouco antes do 25 de Abril, cheia de peripécias típicas, de eventos inusitados, apostada na desmontagem dos mecanismos opressivos da engrenagem militar que sustentava a ditadura. Longe de se quedar na sucessão fácil de episódios de caserna, o livro realiza-se num projecto exigente — contrapor a realidade do quartel à que, no quotidiano exterior, às portas da vila ou no País, forjava os caminhos da libertação, e, num outro plano, encher de vida tumultuária o desenvolvimento da estória. Assim, Rogério, protagonista principal, nunca é um homem isolado no dia-a-dia da tropa. Ele relaciona-se com os problemas das gentes simples, como nesse inesquecível capítulo que representa uma noite passada num café de Mafra entre prostitutas, vagabundos e reformados, estabelece ligações clandestinas, estua em experiências amorosas. As figuras de mulher criadas são, a este nível, de uma autenticidade tocante. Paula ou Clara não se confundem com meras personagens académicas, impostas pelo entrecho romanesco. José Manuel Mendes põe em movimento pessoas concretas, ricamente caracterizadas, com as suas convicções e apetências, os seus sonhos e desencantos. Rita, por seu turno, surge como uma figurante pontual e luminosa, quase um símbolo, receptor-emissor de uma humana empatia identificadora.

Como salientou, no prefácio, Urbano Tavares Rodrigues, «mesmo os lances bem-humorados em que o herói positivo actuando negativamente se furta às marchas e trapaceia, fazendo *stop* com um dos seus camaradas, lazeirando ao sol entre pinheiros ou participando do embuste que arremessará, de borco ao charco, em cómica punição, um galaaz nazi, são, ao fim e ao cabo, nítidas atitudes de resistência». Com efeito, nada é gratuito em *Ombro, Arma!*. A componente ideológica — decerto acentuada para traduzir um clima, o que antecipou a resgatadora revolução do 25 de Abril — situa e clarifica as situações, sem jamais cair em esquematismos esterilizadores. Exemplos dessa peculiar atenção ao real serão, no interior do universo caserneiro, um cabo Jerónimo e um capitão Reinaldo, em tudo diversos dos militares que abastecem o enredo, ou, no âmbito dos recrutas, aqueles que se separam do colectivo solidário e combativo: Viegas, Bettencourt, Oliveira, mesmo entre os que, espontânea ou organizadamente, se opõem aos ditames da hierarquia, não faltam as contradições, as disputas, os pontos de vista divergentes, não obstante a unidade das iniciativas que empreendem. Fora do *calhau* (nome dado na gíria ao Convento de Mafra), o quadro traçado é também um espelho de contrastes, uma empolgante galeria de seres: Anastácia, Domingos, Borges, o ajbecto sargento Matos, Glara e Lisboa, uma urbe de tintas singularmente vigorosas, Eduardo Gonçalves, o Mendonça pinta-monos.

A memória fornece, entretanto, através de uma ágil mediação, pequenas estórias dentro da estória. O relato do acidente que vitima a mãe de um preso político defronte do estabelecimento prisional, as cartas e os aerogramas com os quais Rogério reflecte amargamente sobre os cenários da morte em África, as evocações de Clara, afirmam-se, entre outros, como momentos em que o pretérito e o presente se interpenetram e associam, alargando progressivamente o espaço físico das ocorrências e os terrenos de implicações sociológicas, humanistas e políticas. Romance de arquitectura não linear, inteligente e anti-sensacionalista, *Ombro, Arma!* não recusa a emoção nem os instintos solidários. Pelo contrário, sem pactuar com o panfletarismo, investe numa doseada afectividade, numa observação primorosa de cada instante, tomando o narrador posição discreta de quando em vez. José Manuel Mendes logrou, com pleno êxito, um discurso envolvente, miscigenador, lúcido e lúdico, depurado, testemunhador e inventivo. A escrita referencial e meramente representativa de um remarque *(A Oeste Nada de Novo)* ou de um W. Styron *(A Longa Caminhada)* acrescentou o rigor analítico, a imaginatividade narrativa, o pendor metafórico frequentemente imprevisível. Um excerto:

«Por detrás da ponte a claridade explode. Olha o arco de granito musgoso, as águas sobre a miríade dos seixos, os tufos de verdura lacerando a película arrepiada da corrente. De um a outro lado, em pronunciado declive, a montanha árida, o céu descoberto, um rumor de aves. Como a luz da manhã esplende ali, entre a pedra e o rio. Lembra a Paula pastora, cabelos soltos, nos dedos uma flor de tojo, corre para ele, o vestido negro desprendeu-se no ombro, descalça, os lábios orvalhados de uma ternura animal, cheiro a terra, Rogério?, cheiras, meu amor, e a ervas daninhas?, sim, cheiras a ervas daninhas, os penhascos loirejavam ao meio-dia, o filtro suave do silêncio, a fugacidade imperecível do instante.»

O juramento de bandeira boicotado, a trapaceirice puniciadora de Rogério e Rafael na travessia da Lagoa, a fuga às práticas diárias do exercício são pontos fulcrais no trânsito ficcional — denunciam a vilência da máquina militar e do regime, revelam as formas corajosas e subtis da resistência possível, indicam as saídas, tecidas de esperança e estoicismo. Outras cenas essenciais: a marcha ida e volta aquando da semana de campo, a rebeldia dos instruendos junto à foz do Sizandro, os enfrentamentos regulares na messe e nos locais de instrução.

Aspecto que mereceria estudo cuidadoso é o de saber se o autor respeita ou deliberadamente subverte, desde o título *(Ombro, Arma!)* a terminologia, a cartilha e as figuras militares. Cremos, sem ser razoavelmente informados neste domínio, que estamos perante uma bem conseguida adulteração voluntária, de uma desvalorização ridicularizante da nomenclatura e da linguagem oficial de uma corporação, num seu período incívico e para lastimar. *Ombro, Arma!* é, assim, em todas as suas estruturas, um libelo anti-militarista, elaborado antes das modificações que 74 propiciou.

Sublinhe-se, a finalizar, o engenho e a beleza da arte de José Manuel Mendes. Vale a pena voltar a transcrever UTR: «A graça, a ternura, o sarcasmo, o carvão violento da caricatura, o nimbo dos êxtases eróticos vivificam esta narração que assenta numa prática social e transporta (com a liberdade do artista que conhece bem o valor e o prazer da escrita) as suas indeléveis marcas. *Ombro, Arma!* é um texto luxuriante e luminoso, um hino à amizade e ao amor, sempre vivificado pelo ímpeto da palavra, pela qualidade da escrita.»

Ganhou a literatura portuguesa e, em particular, a de guerra, uma obra cimeira. Também para nós, como para Jorge Amado (citado na contracapa), **Ombro, Arma!** «significou a alegria do encontro com um verdadeiro escritor».

Rui Coutinho

Cinco passos ao Sol, Mário Brochado Coelho, ed Afrontamento

Nem sempre — nem tem por que o ser —, a poesia é fatalismo, desespero, mas quase sempre quando se ensaia poesia, faz-se condimentada de angústias.

Como terá dito Picasso um dia: a sua grande ambição como artista e como procurador do Belo ideal, era conseguir voltar a pintar com a ingenuidade e voluntarismo das crianças. Nisso residiria o génio. Nas letras passa-se o mesmo: podem-se construir herméticos e complicados discursos, cheios ou não de pomposidade, e nada se conseguir dizer. Na poesia pode-se sonhar com elevados e puros conceitos e juízos, com versos sonantes e bem ritmados, e no entanto as mensagens, ou a sua possibilidade, serem nulas, inexistentes.

É sabido e sem discussão que toda a obra é plágio, porque existe passado, e enquanto esse passado representar uma força dinâmica e não se alterarem, por algo que de momento se desconhece, os esquemas habituais do pensamento e do pensar, tudo o que já foi dito só pode ser esteticamente interessante se for no presente ou no futuro, reinventado de uma forma original, mantendo sempre um conteúdo.

Quando se pensa e se vive algumas das coisas em que pensou e viveu, por exemplo, Fernando Pessoa no seu tempo, só se pode correr o risco de passá-las ao papel, quando a mão está segura.

Isto vem a propósito do livro de poemas de Mário Brochado Coelho (ex-militante da UDP, e político activo do Norte), «Cinco Passos ao Sol», editado pela Afrontamento na sua colecção de poesia. Boceja-se sentimento e emoção, forças desconhecidas movimentam sociedades e políticas, tentam-se retratos de naturezas e de metafísicas. No final, a miscelândia é tão negativamente ingénua, que se cai no gravíssimo erro de, pelo embaciar do vidro, não se conseguir ver que o que está feito do outro lado, é bem diferente da ideia que disso fazemos... e do que ambicionamos.

L.G.R.

Correspondência Jorge de Sena/José Régio, I.N./C.M., bib. de autores portugueses, organização e notas de Mécia de Sena.

É sempre interessante ler a troca de correspondência entre homens que fizeram histórias em qualquer dos campos do saber universal e que não se trate de tornar público confidências e intimidades, que só podem ser curiosas para saciar espíritos primários — refiro-me aqui à publicação de cartas de amor e coisas do género, que a única justificação que se encontra, é a do interesse meramente comercial de editores que pratiquem essa modalidade.

Interessante, porque é como se tivéssemos a sensação de ter entrado sorrateiramente nos bastidores, termo-nos instalado atrás de um qualquer cenário em repouso, e desse ponto estratégico, silenciados pelo peso da cena e pelo receio de sermos descobertos, desfrutarmos tranquilamente da vida no outro lado das coisas/espelhos.

As cartas são isso: o entrar numa sã intimidade de pormenores mais humanizados, mais de carne e osso. Porque nelas se fala a mesma linguagem que todos utilizamos, porque se desenham sentimentos, emoções, particularidades de quotidianos que, de uma forma ou outra, todos os comuns dos mortais vivemos sem radicais alterações de detalhe, perceptíveis a olho nu.

E é isso que se pode encontrar na correspondência entre Jorge de Sena e José Régio, numa recolha cuidadosamente organizada por Mécia de Sena — companheira do escritor, e mulher das letras, talvez injustamente desconhecida do grande público. Nestas cartas, apercebemo-nos, pela forma impecável em que algumas estão escritas, de trajectos percorridos em vida por estes dois importantes nomes da cultura do pensamento português deste por vezes sonolento séc. XX (das suas incursões pela crítica, pelo ensaio, no teatro, e até no prazer do coleccionismo — Régio era uma amador empedernido dos artesanatos tradicionais, reuniu uma numerosa colecção de crucifixos).

É um diálogo ininterrupto de mais de vinte anos, onde aconteceu um pouco de tudo:

Uma grande amizade, sem alterações até pelo menos à carta — que nem sequer foi enviada — de Jorge de Sena em Abril de 1964, onde se deu o transbordar de algumas situações, de atrito intelectual, que vinham acumulando-se — mas que nunca chegaram para destruir o grande respeito que mutuamente sempre se mereceram.

Uma grnde intelectualidade, que gerou no seu seio as alegrias, encantos e desencantos, amuos e aproximações, habituais numa relação profunda. Aconteceu duas pessoas que fizeram a seu tempo a vanguarda do pensar: num (Régio), alicerçado no peso de valores que subsistem ao longo da história, que são míticos; no outro (Sena), estruturado numa «praxis» mais interventiva, associada às sociologias dos colectivos, às ideologias de actuação.

Ainda será cedo para o avaliar das consequências que aportam as obras de José Régio e de Jorge de Sena. Há coisas que necessitam do tempo, ou porque foram ditas ou pensadas com antecipação, ou que o próprio decorrer lento dos anos lhes vai dando o sabor amadurecido exigido por um bom apreciador. Por isso, certamente por isso, muito haverá por descobrir nos seus romances, ensaios, poesia. No entanto, não restam dúvidas que um dos trabalhadores e objectivos deste livro, poderá ser o de estimular um melhor conhecimento, das vivências desses tempos da «Presença», do neo-realismo, e até dos finais do modernismo futurista e do quanto, quer se queira ou não, influenciou as produções artísticas que se lhe seguiram.

João Alves, Santana Dionísio, Carlos Sanches, José Régio, Jorge de Sena, Alfredo Pereira Gomes, Adolfo Casais Monteiro e Alberto de Serpa no antigo Palladium do Porto, em Outubro de 1941

Nesta recolha de Mécia de Sena fala-se dos homens dessa época: de Casais Ribeiro, de Gaspar Simões, de Alberto de Serpa, das páginas literárias do «Primeiro de Janeiro». Fala-se da morte de André Gide, e de como se tentou organizar uma pequena homenagem póstuma, num desses suplementos, e de como a ideia foi apenas «tolerada». Fala-se da admiração incondicional que nutria Sena por Pessoa, e que não era incondicional em Régio (carta de José Régio de 24/2/52). Apontam-se amargamente os círculos culturais estrangeiros, onde curiosamente, Régio numa carta datada de 22/2/53, a dado momento diz: »... Deve sair num próximo múmero...», um extenso comentário que fiz a uma nota de Gabriel Marcel publicada nas «Nouvelles Litteraires». Aquilo que você, na sua primeira carta, chama «Tacanhez graciosa do luminoso espírito francês», reluz muito convincentemente na maior parte das críticas: na de Gabriel Marcel, todavia, e talvez por ser este um dos nomes responsáveis, a tacanhez atinge a imbecilidade. Cada vez mais me convenço de que nem nós portugueses somos tão medíocres como nos fazem, nem os estrangeiros, tão superiores como também os fazemos nós, e eles se fazem.

De Aquilino Ribeiro e outros, «Os Jesuítas do nosso tempo...», como dizia Jorge de Sena, e suas conotações com o comunismo, segundo a sua opinião, também se fala aqui. Como se aponta Kayser, um dos grandes nomes da Teoria da Literatura contemporânea que: «esse formoso e falecido talento se preparava com botas e tudo, para ser nosso «Gauleiter» em Portugal — sabia? Membro nº7 do partido nazi...».

Esta homenagem não pode ser apenas «tolerada» pelo que se torna obrigatório deitar uma «maliciosa» troca de olhares com este livro, para (quem sabe?), privarmos de agradáveis horas de companhia, que não decepcionam...

Luís Guilherme Robalo

«O Código Cósmico» (A Física Quântica como linguagem da Natureza) Heinz R. Pagels, Gradiva

O tempo de um fato: entre um passeio e outro passeio, talvez um piquenique no sopé de um bosque, uma ida a uma reunião festiva, uma conversa entre homem e mulher, o sentar-se muitas vezes na curta distância de duas cadeiras. O tempo de um fato é uma das medidas da nossa vida. Quando o fato, por fim, se rompe (ou mesmo antes de se romper vai perdendo a forma, o equilíbrio das suas linhas, um certo brilho que a fazenda tem) apercebemo-nos de que não foi em vão que os dias foram descendo ao longo da fita do calendário. Ouve-se então dizer: «Aquele fulano anda com um fato usado...» Mas o que ninguém ousa dizer é que o homem foi envelhecendo — e que mesmo que passe a usar um outro fato novo quem o veste é o tempo acrescentado dos seus dias. Outros anos o vestem, outro tempo já, outras maneiras de ser. E porquê essa timidez...? Porquê esse receio da verdade...? É que simplesmente quem formula esse juízo («Aquele fulano anda com um fato usado...») recusa a encarar-se a si próprio — e afasta-se do espelho para não ver que o fato que enverga perdeu também as suas linhas de equilíbrio, a sua forma, o brilho da fazenda nova... É isso — novos, mesmo novos, só quando crianças, que depois, com o correr dos anos, não é o tempo de um fato novo que faz subir os dias pelo calendário da parede.

O tempo de um fato usado é o tempo que fomos desprezando por todas as letras que compõem a nossa vida. Que é a nossa vida, implicando a pergunta todo um fundo íntimo que, de um momento para outro, descobrimos em nós...? A nossa vida é esta escrita silenciosa, letra a letra (dia a dia) lançada pelo correr do nosso sangue, dos nossos nervos, dos nossos pensamentos. Mas convém não sublimar esse silêncio, pois que a vida é ruído, é convívio, é zanga, é amor e desamor. Temos de a aceitar, sem uma grande consciência do que, na verdade, seja a vida — que presente o seu, qual a sua origem, qual o seu fim. Para além de todas estas interrogações subtis ou abruptas, impõe-se-nos, caso queiramos viver o quotidiano, que nada saibamos do fundo real da vida: as perguntas ousadas têm um limite — e devemos saber no **possível** das interrogações, e nesse possível, nessa possibilidade, sermos os mais sábios. Temos de aceitar a nossa medida — e não correrrmos esforçadamente (com que força...?) para além das interrogações que o nosso cérebro permite formular.

Que ideia fazem do universo as ciências da natureza contemporâneas?

Aceitar os limites — eis a questão. Aguardar um outro tempo de evolução é tudo quanto nos devemos exigir. Isto é sabedoria: cingirmo-nos ao acatamento dos limites — e dentro desses limites tentar o **salto** para uma compreensão mais lata. Essa tentativa de compreensão mais lata pode ser ajudada por o que Pascal designou por **esprit de finesse.** Mas que nunca, num esforço de pensamento, esperemos por esse **esprit de finesse,** uma vez que tal fenómeno ocorre simples, natural e ocasionalmente. Respeitando o acatamento dos limites, a nossa medida presente, o que temos a fazer é continuar a pensar o nosso próprio pensamento: diligenciar, em suma, para que o pensamento se fragmente, se embrulhe em si próprio, se multiplique e desmultiplique — e tudo isso num tal encadeamento que nos sintamos sempre em **suspenso.**

Este acto nosso de estarmos suspensos, essa suspensão finíssima, é o que deve constituir o verdadeiro fundo do ser humano. Quem tal não compreender, nunca pensou, nunca esteve dentro do pensamento. Ora estar dentro do pensamento é estar para além do corpo quotidiano que nós somos: é estar precisamente dentro do pensamento — e esse estar dentro do pensamento é pura e simplesmente **ser. Ser,** porém, o que é **(ti estin,** como diria Aristóteles)...? É ser sem mais qualquer pergunta. Ou de uma feição mais humana (e aqui feição tem o significado grego de **rosto,** de **viso): é ser-se** em expectativa: ou a evolução futura do nosso cérebro ou o relâmpago do **esprit de finesse.** Porque (prova-o a Física Quântica) nada do que nos apercebemos é real. O quotidiano, por exemplo, esconde milhões de visos, de rostos, de aspectos. Ao nosso entendimento chegam só aparências, tudo sempre está em mudança, nunca nada é como era — e até o fato com que me sentei a escrever estas linhas, verdadeiramente, já não é o mesmo. E eu também, leitor, leitora. O que unicamente permanece (mas por quanto tempo...?) são os nossos nomes na memória em trânsito que temos uns dos outros.

Pedro Alvim

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo X

Um anónimo em vez de Rembrandt

O encontro marcado para sexta-feira no Rijksmuseum, por momentos toldava-me o espírito — intrometendo-se entre os meus prazeres da noite e afazeres do dia. Não deixava de matutar naquela última frase proferida ao telefone: «**EU,** embora possa ser muitos, sou sempre o mesmo de cada vez.» Esta frase revelava um apurado saber bíblico. Por outro, o encontro marcado no museu também me intrigava. Aguardava-o tanto mais ansioso quanto aí via mais um elemento importante a somar aos restantes.

Começava a juntar índices, apontamentos, datas, e de toda esta matéria heteróclita acumulada, emergia um espectro, uma presença invisível que era necessário inspeccionar. Toda esta amálgama de viagens e de acasos convrgia perspecticamente para a arte, o crime e o saber da encenação.

Este «God Dog» poderia ter sido em tempos um cineasta, ou um conservador de museu — ou simplesmente um «mirone» de manequins das montras da noite urbana. Talvez pudesse mesmo exercer estes três pendores em simultâneo. Enquanto nisto tudo pensava, alguém tocou à campainha.

Apresso-me a abrir a porta, dou de caras com o carteiro. Leio a carta e saio disparado para o Rijksmuseum. Na rua dou por mim a pronunciar este vulcão de sílabas e a desconstruir a mensagem como um puzzle de peças soltas, O texto era claro: «O acidente na rua tal, a ocorrer, já foi executado num quadro que está no Rijksmuseum... não deixe de ver **já** aquilo de que um dia você será fatalmente a testemunha ocular. Procure e indague o que já se passou; não me leve a mal, mas aí vai um conselho: tente, frente à tela, o bom e único ângulo capaz de desencadear o acidente. Penso estar a falar para um entendedor. Procure o ângulo que lhe devolva, entre o amontoado das manchas e o emaranhado das linhas, o acidente veloz que só um olhar exercido como o seu, aliado ao 'intuitus mentis' pode captar.»

Revistei um a um os quadros de Rembrandt, detendo-me demoradamente no **chiaroscuro** da «**Ronda da Noite**».Perscrutei nos arabescos, nos vultos, mas em nenhum deles havia rodopio ou atropelo cinfico parecido com um acidente. Talvez procurasse demasiado o **exacto,** confundindo a tela com a rua. Só tinha um meio para saber de que acidente se tratava. Esse acidente estava representado no museu e à mercê do meu poder de decifração. Decifrar a cena na qual um dia me veria envolvido seduzia-me tanto mais que sempre me dedicara por profissão à teoria metafísica do eterno retorno. O melhor seria ficar dentro do museu e encontrar um esconderijo. Mas como poderia na noite ver um crime... ou seria que a proximidade física com esse acidente ali representado me convocaria por telepatia? Achei deveras perigoso discorrer sobre tais expedientes, embora o **chiaroscuro** de Rembrandt o merecesse. Não via Rembrandt descaradamente a representar um crime, via-o, sim, a desenhar pequenas cenas de lutas ou zaragatas rabiscadas à mistura com as contas gastas em tintas. E se Rembrandt se tivesse esquecido de apagar uma destas cenas - quase sempre a vida irrompe nos quadros pelo lado menos óbvio. O **chiaroscuro** de Rembrandt parecia-me velar uma história de acidentes e de vulgaridades através do doseamento da luz.

O museu fechado às 19 horas. Já na rua, pensei que me restava ainda toda uma noite e um dia para casculhar, antes do encontro marcado na sexta-feira. Sem destino certo, dei por mim frente ao café **Billard Reynolds.** Entrei e pedi uma **Trapiste vestmalle.**

Tudo parecia banhar numa névoa de fumo de cachimbo e o fraseado que me chegou da mesa do canto pôs-me em estado de alerta. Dir-se-ia proferida por um marinheiro ébrio que sem cessar apregoava com como um papagaio... **accidents will happen ... accidents will happen... tudo pode acontecer...** A palavra **acidente** irritava-me. Pedi uma segunda cerveja e aprontei-me para pagar. Meia-hora depois, o táxi deixava-me no **Drake's Arms.** Eram dez da noite. De relance vislumbrei o bar apinhado de gente. O empregado do bar trouxe-me um **Cutty Sark** dizendo-me:

— Acho que me lembro de si. Não esteve aqui há uns tempos com Kathy Buckman?

— Estive precisamente há um ano e meio. Mas não sei actualmente do seu paradeiro.

— Penso que partiu para Florença com Herb - mas foi amor de pouca dura. Herb detesta Florença. Chegou-me há pouco tempo aqui com uma conversa estranha. Contou-me que Florença o deprimia, porque até as estátuas estavam a ser atacadas por uma doença, uma espécie de cancro de pedra. Não suportava mais Florença, nem Kathy e passava agora todo o tempo a beber e a contemplar os encefalogramas que tira cada semana. Gostaria certamente de o ver se soubesse que você está aqui. Quer que eu lhe telefone?

— Agradeço muito, mas não diga nada. Estou de passagem e tenho muito que fazer. Desta vez, não me calha.

Há noites que só vemos e ouvimos o que queremos, há outras em que tudo nos cai em cima. A bebida agudizou-me o apetite. O meu estômago estava apto para se deleitar frente a um Chateaubriand com **sauce béarnaise.**

No dia seguinte sentia-me outro. Mais calmo. Com uma curiosidade devassa no olhar, prontificava-me a ver a **Anatomia do doutor Tulp,** de Rembrandt, quando repentinamente pensei que a anatomia é a ciência do nosso fim — e que todos os quadros estão incompletos sem o nosso olhar. O que sabemos sobre o corpo é que ele nunca se rende por inteiro a nenhum saber. A óptica é uma ciência nervosa, e o que resta do visível que nos olha é o espectro. Saí de diante do quadro e fiquei especado na sala contígua, diante de outro, de um dito pintor anónimo, sem título.

O quadro era tanto mais estranho quanto era anónimo, sem título e apresentava no canto inferior esquerdo, um bisturi caído sobre uma túnica de escarlate. O bisturi na tela não era senão um jacto de luz brilhante e a túnica era uma mancha derramada de cor viva. O crime não estava lá, mas eu tinha-o **realizado** com a vista. O gesto do crime estava caído, tive que o erguer acelerando e completando com o olhar o que jazia à espera de «suite».

No dia seguinte, às 3 horas estava no **Rijks Museum** como combinado, ao pé do relógio. Momentos depois, alguém me dirige a palavra: — Acabo de ser incumbido de lhe devolver esta missiva. Abri a caixa, encontrando nela um livro e dentro dele um bisturi com duas grandes iniciais gravadas: **A.T.** O texto que o acompanhava era curto: «O bisturi pode-lhe ser útil para abrir o livro enquanto viaja de Amsterdam para Florença. Irá a Florença, não para completar o crime pelo olhar, mas para o executar ao vivo. O que seria imaginar ver um crime num quadro se não tivesse vida para o poder realizar? Tão criminoso é quem o comete na penumbra de uma escada mal iluminada, como quem o representa majestosamente na tela com tintas vindas do oriente. O acto é o mesmo. Aguarde em Florença indicações precisas. Frequente o museu. Sempre ao seu dispor. Medite sobre a actividade cinética dos anjos. O seu mensageiro, **A.T.**»

(Continua)

Na próxima semana: resumo de toda a acção até ao capítulo X

O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura.
Cada volume 100$00!
Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

A propósito de determinada ausência

Mais mortes em Veneza

Aí está um grande romance sobre emoções em excesso, sobre reminiscências, sobre memórias adolescentes em parte indizíveis, sobre a sua projecção no presente de cada um. Bertrand Poirot-Delpech apresenta «L'Absence» (A Ausência), de Jean-Denis Bredin, acabado de sair na Gallimard.

UM filho já maduro grita na noite, morde-se nos punhos, despedaça as roupas: Ele quer tudo da vida, jogar com o destino, com o amor, mas que sua mãe, a mamã do grande chapéu da fotografia das férias, perca os cabelos, que o olhar se extinga, que se enrugue e inche o ventre donde ele saiu, essa atroz grosseria ao contrário: isso não, fora de questão, com todas as suas forças ele recusa; e, visto que a emoção do escritor acaba sempre com expresssões sublinhadas numa página, tanto pior para o impudor e que os órfãos ousem dizer que ao lê-lo, não se mordem nos punhos...

Sobre a dor pesa a mesma suspeita que sobre os sentimentos. Extrai-se dela a boa literatura? Em todo o caso, a terrível, desde que o autor recuse a trapaça. Estamos no indizível, não é verdade? A morte, de si, já se pronuncia mal.

Aqui, para mais, foi a morte quem deu o impulso da vida, numa boda pegajosa. Antes de tudo, nós partilhamos com a nossa mãe cruas recordações, cheias de pus, de estábulo.

É um assunto de conversa bastante corrente deplorar-se o escamotear da morte no Ocidente. Iniciais de prata, discretos carros fúnebres como ambulâncias camufladas em cinzento metalizado: eis o que transparece de uma morte vilmente negada. Ao mesmo tempo ofuscamo-nos cada vez que a televisão mostra os funerais no Terceiro Mundo; esses prantos não-censurados, esses braços torcidos, é isso digno?

Jean-Denis Bredin meteu a sua dignidade no bolso, como todo o escritor que se respeite, quer dizer, que abdica do falso respeito. «O erudito bem falante» de Joseph Caillaux (1980) e «O caso» (1983), «mentiram». E foi bem feito! «A Ausência» é um desses pequenos livros que ficam marcados no coração pela força da coragem perante uma besta que é reles, mas também pelo verdadeiro talento que é toureá-la, esta besta, de cornos plantados nos quadris.

Não foi o órfão Claude Hartmann que escreveu; justificadamente veremos que ele optou por calar-se, uma vez consumado o drama. É o seu melhor amigo que nos conta. Ele conheceu Claude no liceu, um sujeito brilhante que prometia ir longe. Claude tornou-se editor por nada mais ter escrito que uma História da Morte, pouco divulgada. Ele lisonjeia os autores para melhor lhes desprezar o atrevimento que nunca teve. Não fundou família. Em datas fixas leva de viagem numerosas amantes. Foi um homem afectado que não cumpriu o que se prometia, nem mesmo o seu próprio destino.

Sua irmã Teresa, onze meses de diferença, é como uma gémea, quase um gémeo — ela não tem ventre nem seios —, um duplo. É ela que lhe anuncia o horror: sua mãe tem um cancro no fígado que rapidamente se generaliza. Os médicos falam de três meses.

A notícia atravessa Claude como uma punhalada.

Duvida-se de que ele se espante com essa novidade. Quando um homem se mantém tão manifestamente ligado à sua adolescência e não deu nenhuma possibilidade ao compromisso, ao ridículo da maturidade, é porque o cordão umbilical que o unia à mãe não foi cortado, que o amor por ela permaneceu em suspenso, é porque não transpôs a idade onde a eventualidade do incesto fascina e aterroriza. Quanto menos isso foi onseguido, mais a morte parece uma extorsão um arrancar.

«Leva a mamã para Veneza!», sugeriu Teresa. Claude desmarca com a amante que o deveria acompanhar ao lago sob pretexto de uma viagem de negócios a Nova Iorque, e segue o conselho da irmã. Sem o confessar, e julgando-se somente «o melhor dos filhos» — o seu papel habitual —, ele quer, pela evidência, viver e fazer viver com a sua mãe o que entre eles não tem sentido, trocar pelo que nunca chegou a ser, antes que seja demasiado tarde. É que o medo do regresso nem sequer o preocupa. Qual de nós nunca se terá arrependido da sua incúria, à cabeceira de uma cama de hospital, quanto as papas de cereais e de palavras, demasiado tarde! já não entram mais!...

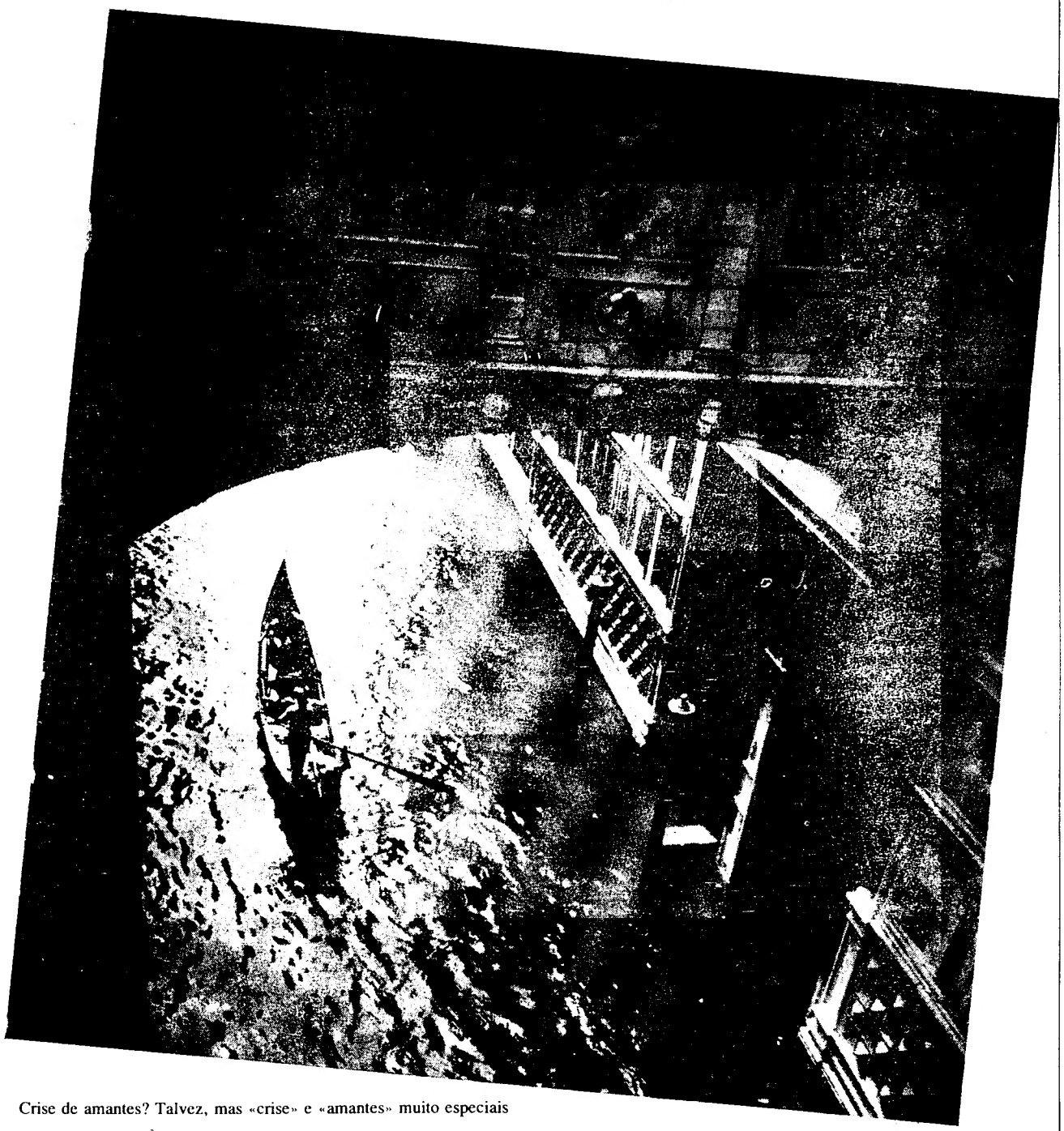
Começo, em Gritti, numa estadia de namorados. É como Claude pretende conduzi-los. Oferecer segundo as regras, é a sua maneira de nada dar. Ele sempre soube as flores preferidas das suas amigas, os perfumes e a música; como melhor se sentir distanciado, como se as atenções o dispensassem de atenção. Ele vai recomeçar com a sua mãe, e desta vez, é com o amor da sua vida que ele tem encontro marcado; com a morte na linha da vida.

A excelência sempre lhe serviu de escudo. A mãe não se cansa de o achar maravilhoso, dotado de todos os dons. Para ele, e também, isso é uma forma de iludir uma paixão impossível. O capricho serve-lhe para experimentar a perfeição. Ela continua, com a ajuda da doença. Ela quer visitar tal igreja, pois não; saborear tal prato, pois não. Claude é amável, só que desta vez o que necessita a sua companheira é de carinhos intensos. E dá-se uma circunstância inédita: o corpo materno, até aí oculto, cuidadosamente ignorado pelo filho durante cinquenta anos, impõe as carnes secas e enrrugadas, seus terríveis inchaços, seus abandonos, seus odores.

Um médico italiano chamado à cabeceira da agonizante, recomenda a hospitalização urgente, o repatriamento. Mas Claude já não pode renunciar a essa comédia sumptuosa que decidiu alimentar, nem ao papel que lhe foi entregue.

Ele multiplica os jantares com champanhe, em que ninguém toca. Aluga um palácio, canta «tu vas très bien, madame la Marquise». O mesmo sorriso amarelo os une. Os dois sabem que o outro sabe. Assim se desenrolam as agonias, na mentira sem que se chegue a sentir remorsos por isso. Para quê a verdade, se o tempo, o tempo que resta, passa melhor sem ela?

Jamais se saberá se, numa fracção de segundo, os mortos revêem toda a sua vida. O que é certo é que os sobreviventes, esses, recapitulam a deles. Cada etapa de uma jornada é ocasião para Claude se relembrar das insónias que sempre teve, de um mal amar. Por vezes uma cena precisa **fura** a censura que mascara as recordações dos hábitos adquiridos. Claude revê-se com treze anos, na cama de sua mãe, as pernas de ambos prestes a envolverem-se. Na noite dessa reminiscência, como por sorte, ele vagueia pelos quarteirões acolhedores de Veneza e acaba adormecendo encostado junto à agonizante.



Crise de amantes? Talvez, mas «crise» e «amantes» muito especiais

Uma outra noite, num bar, uma certa Paola tenta-o. É uma mundana vistosa e esplhafatosa com grandes movimentos de braços, e que não se importa de reconfortar homens com males de consolação. Claude tem a grosseria dos filhos edipianos. Lança a Paola injúrias que estão retidas por não as ter endereçado à mãe. «Os teus seios etão descaídos», diz-lhe. Insultar todas as mulheres para melhor venerar uma só: um cálculo esboçado de quem não tem a coragem de aceitar a causa dos seus desejos, depois que suspeitou, tardiamente, da origem.

A mãe, cedo, perdeu o conhecimento. Chegados a esse ponto, Claude atribuiu-se a difícil missão de efectivar o gesto mortal da natureza: de um último simulacro de Amor, ele cobre o rosto amado com um lenço e asfixia-o. À falta de incesto o rito foi consumado. A missa abominável é pronunciada, o resto é formalidade. A sós com o féretro na pequena igreja de Saint Maria Del Giglio, o filho pródigo chora.

O cemitério de Saint Michel agradava à desaparecida, visto do Vaporetto: nela repousará. Claude picnica e dorme sobre a tumba, até que se evapore no décor sublime, pfffff...

Mais ninguém o verá. Haverá quem julgue reconhecer o seu chpéu, a sua barba, mas não.

Os mais chegados terão que esperar dez anos para constatar da sua ausência, o que é pouco para um luto. Ter-se-à Claude atirado ao canal numa noite de luminosidade acobreada? Provavelmente dissolveu-se. «In extremis», ele não tinha continuação para a sua aventura.

A adolescência tem de consumir-se a seu tempo. Mais tarde, só pode ser feita de consolação. Os outros, agentes do esquecimento, chamam a isto demência.

Um romance de emoção pura? De crises de amantes, muito se pode ler, mas a maioria não vale nada. Se o sofrimento de «A Ausência» passa por excessivo, foi porque um escritor recompôs o espasmo. Ele organizou firmemente as recordações, foi no encalço da eloquência, alinhou os pequenos factos da desolação. Haverá momentos em que estaremos prestes a fechar o livro, a recusar a esperança desses seios frios enrugando-se nos dedos de esse filho adulto... Mas a literatura opera o seu milagre. Tudo o que nós nunca fomos capazes de confessar, tudo o que queremos rebelde ás palavras, tudo o que um dia nos submergiu nos fez um nó na garganta, obrigou a agitar-se as mãos no vazio, isso tudo, está lá sobre o papel. O livro de Bredin ganha lugar no primeiro plano das confidências impossíveis.

Bertrand Poirot-Delpech

«L'Absence» **(A Ausência)**, de Jean-Denis Bredin, Gallimard.

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

«Um Homem de Sonho», Filomena Cabral, Rolim

É uma estória hermética. Contada ao ritmo não linear do imaginário debruçado por sobre uma folha (carta) endereçada a um interlocutor tão consistente quanto a sua ficcionada autora. Esta mulher «Alta, pálida, de grandes olhos negros sublinhados pelas olheiras» que sonha com um homem estonteante. Homem por ela descrito em folhas que dá a ler a inventado personagem. E também idealizado no bar onde se senta em quiméricas projecções afectivas.

Cria o segundo homem por querer alcançar o primeiro. Esse apenas existente na infinitamente plástica realidade ficcionada. E que é (só pode ser) a da escritora Filomena Cabral em «Um Homem de Sonho». Passo a citar: «No sonho tudo é possível e recuperável, evitável e perfeitamente conveniente, em gestos aperfeiçoados a pessoas de boas maneiras.»

Aliás, é típico de Filomena Cabral este constante brincar com a realidade e a ficção. Como se o real fosse o rosto objectivo que nós julgamos perscrutar da ficção, único imutável sendo. Passo a citar: «A familiaridade envolve os seres humanos e coloca sobre eles uma máscara; o que não deve levar-nos a pensar que a famliaridade tinha algo de ilusório. É real e pertence à realidade. / As máscaras colam-se ao rosto, à pele:/ a pele, a carne, tornam-se máscaras/ desempenham o papel que lhes atribuo e que elas se atribuem. O factício é simultaneamente o essencial mais precioso, o humano. O mais irrisório, o mais necessário./ o artificial distingue-se mal, por vezes, do natural, isto é, da ingenuidade./ e cada indivíduo, só existe socialmente pela e na sua alienação, como não existe por si próprio senão na e pela sua privação — a sua consciência privada.»

Sublinhe-se a estrutura especulativa não só da anterior citação (e digo-o aqui porque foi a própria autora que nos remeteu para Hegel), como de todo «Um Homem de Sonho». E pena é que Filomena Cabral persista na sua escrita fragmentada. Tão intencionalmente esquizofrénica que a torna quase imperceptível ao leitor comum. E se continuo a lamentar esta forma discursiva é porque acho que nela se dilui uma parte importante do seu conteúdo, se não se estiver muito atento ao lê-la. Pessoalmente, gostei de ser informada, dentro do texto, que me encontrava perante uma carta. Porquê? Vem ao encontro do meu gosto esta concepção do género epistolar como um livre seguir do pulsar dos sentidos durante o respirar do seu criador. No fundo, uma carta tem de ser um espaço de descompressão. Aquele onde o Ente raciocinante se desnuda perante o olhar daquele a quem se dirige. Só que este saltitante dialogar com o repousante, porque invisível, interlocutor tem de ser minimamente filtrado segundo os princípios da clareza e da simplicidade. Pois de outro modo resultará na assunção do só possível (na procura dos outros) AUTISMO. Perspectiva algo deprimente e contrária à motivação que dita a carta. Isto é: a aproximação do outro.

Mais de uma vez Filomena Cabral remete-me para Maria Ondina Braga. Aqui, e obviamente, para o livro «Casa Suspensa» — novela epistolarmente edificada com uma líquida e poética aridez que considero perfeita. Mais uma vez, e na sequência da comparação que faço entre estes dois livros, julgo que Filomena Cabral perde em termos de intensidade comunicativa por uma certa forma de narcisismo que entendo inteligir na sua movediça escrita. Bom! Deixemos aos teóricos estetas estas discussões em que de nenhum modo sou especialista...

Fantasia ou realidade, qual a IDENTIDADE? — pergunto-me ao reflectir «Um Homem de Sonho». E releio: «Procuramos um rosto que se identifique connosco, difícil saber qual, necessária uma perseverança infinita e a coragem de suportar algumas decepções. Nunca me poupo o esforço da procura ininterrupta do que possa identificar-se comigo, embora o que mostro seja absolutamente meu.» E a resposta surge fantasticamente: TODA!

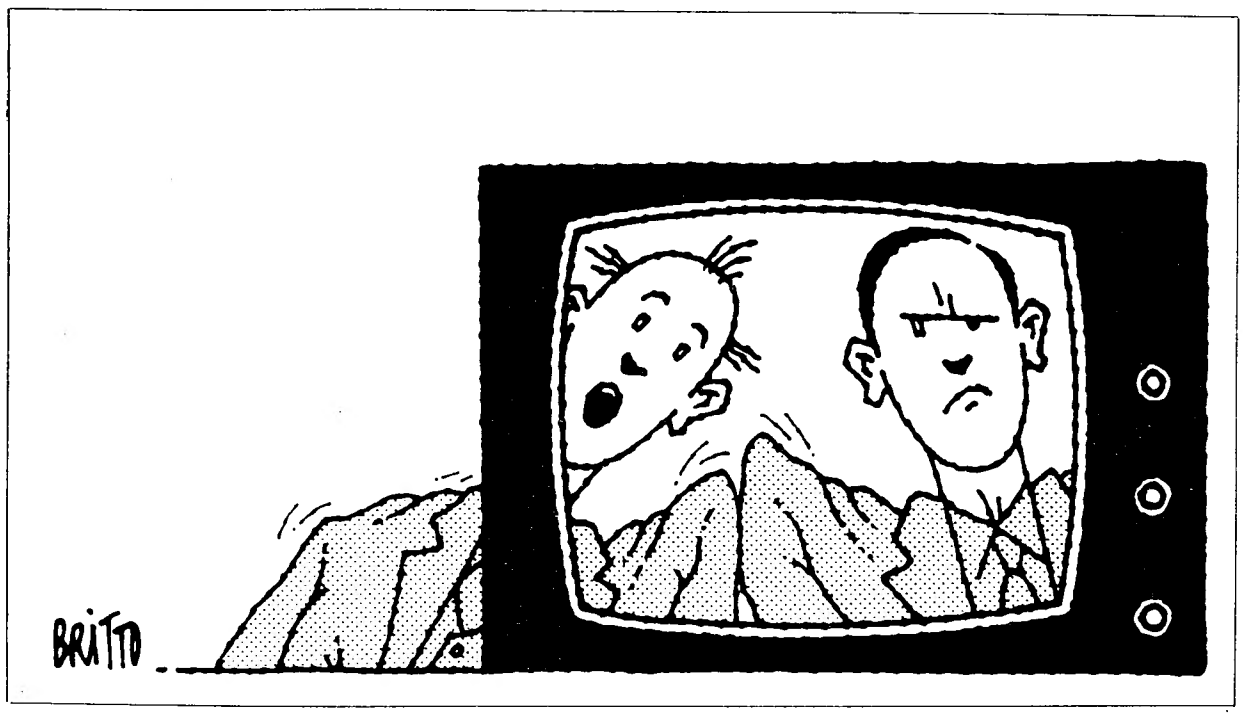
Neste irónico filosofar literário reconheço a lúdica comicidade do verbo (só dele?) que, e como se brincasse às escondidas, DESENCANTADAMENTE se verte em espirais de sombra e luz sobre nós. Passo a citar: «Procura-se um homem e uma mulher que se amem, pelos bares, pelas ruas, vestidos de sol e de lua. (...) Talvez numa noite de bebedeira, tenham ido ambos levar flores a uma namorada ingénua depois de terem dormido com as prostitutas da cidade.» Ou: «Sentir, conhecer, desejar, são coisas passageiras, pontos de referência na existência. Importa ser a pedra, o fragmento, o pó e o conhecimento de que o verdadeiro habita o imperceptível, o desconhecido ou o indecifrável.»

Um livro a não deixar de ler, este «Um Homem De Sonho».

Ana Paula Portugal

Cinema e papel pintado

■ 70 anos de Filmes Castello Lopes ed. Cinemateca Portuguesa, Lisboa, 1986



A política de edições da Cinemateca Portuguesa é talvez o aspecto mais contestável da actividade daquela instituição mas, até agora, não têm faltado argumentos aos que acorrem em defesa das opções de quem define essa política. Conto-me entre esses e é por isso que a publicação do catálogo referente ao ciclo «*70 anos de Filmes Castello Lopes*» me toca. Não gosto de dar o flanco nem que me desmintam.

O ponto de contenda para os que desaprovam a política de edições da Cinemateca está na elevada canalização de verbas para esse fim. Argumentam que há algo de sumptuário na superlativa qualidade gráfica dos catálogos e que melhor fora utilizar esse dinheiro a recuperar filmes portugueses, matéria que a Cinemateca deveria tomar como prioritária.

Os que, como eu, não desconhecem os elevados custos dos catálogos mas, apesar de tudo, os defendem, opõem que muitas das edições da Cinemateca são peças fundamentais da bibliografia portuguesa de cinema e, sem se baterem pelo luxo, apoiam que possuam uma qualidade técnica e estética condizente.

Temo, porém, que me comecem a faltar argumentos e que a Cinemateca esteja a juntar lenha para se queimar. O atraso inconcebível com que vai sair o catálogo sobre «O Musical» (muitos meses após o ciclo, o que não faz qualquer sentido e revela alguma displicência) é uma acha a juntar a atitudes semelhantes no próximo passado. O catálogo «*70 anos de Filmes Castello Lopes*» que ora nos ocupa também atiça um tanto a indesejável fogueira.

Ora vejamos: a homenagem a um distribuidor tem vários sentidos. Pode ser entendida, antes do mais, como acto de boa vizinhança, cerimónia protocolar em que um membro do poder cultural estende a mão a um agente económico do cinema. Compreende-se, aceita-se. Mas se um distribuidor não é apenas um negociante (ou, melhor, é um negociante cujo negócio tem relevantes ressonâncias culturais), a homenagem pode justificar-se se o historial da firma homenageada o fundamentar. Creio que a soberba lista de filmes que a Castello Lopes trouxe até Portugal, durante s últimos setenta anos, é mais que suficiente para que se afirme que a iniciativa é culturalmente justa.

Só que nem a política de bom relacionamento, nem a justeza da homenagem, podem explicar que, ao proceder a um ciclo desta natureza, a Cinemateca se exima daquilo que tem caracterizado a maioria das suas publicações: uma informação profunda e um espírito crítico sereno e activo. E neste catálogo se há informação não há análise, se há dados não há um olhar sobre eles.

Digamos, sem querer ser soberanamente exigente, que o único mérito desta publicação está na filmografia extensa, tendencialmente exaustiva, de Filmes Castello Lopes, desde 1916 até 1985. Estabelecida por Manuel Cintra Ferreira é um trabalho notável de compilação de dados. Mas é o único — e é pouco para justificar um catálogo.

Todos os restantes textos, uns em jeito de resenha histórica (mas sem dados novos) outros voando baixo na análise, quando não simples coleccionar de «histórias curiosas», são tocados pelo pânico de ferir sensibilidades, fogem do empenhamento (é revelador que o artigo de João Bérnard da Costa se quede nos anos 50, precisamente quando à frente de Filmes Castello Lopes passou a estar a actual administração). Por exemplo a entrevista feita por José Manuel Costa e João Bérnard da Costa a Gérard e José Manuel Castello Lopes é um prodígio de diplomacia e, lida e espremida, não traz nada de novo, o que não deixa de ser espantoso já que se estende por 16 páginas!

M)Graficamente também este catálogo está longe de satisfazer. Se a reprodução de formas gráficas de outrora é curiosa (anúncios, capas de catálogos da firma, logotipos, etc), nem aí se pode dizer que existam notabilidades — e percebe-se mal o fascinismo que sobre os organizadores exerceram os *press books* americanos, nenhum deles tocado por qualquer raridade. Quanto às fotografias, as coisas pioram. Parte delas são «picadas» de outras publicações (com deficiente reprodução, portanto) mas o que é mais bizarro é que esse acto não é um recurso de última instância, parece uma opção. Vejam-se as fotos de Bogart (pág. 105), de Orson Welles (págs. 108 a 111), de «*Citizen Kane*» (pág. 118), de John Wayne (pág. 120), de «*2001*» (pág.127) de Laurel (pág. 128) e Hardy (pág. 129), de Groucho Marx (pág. 138), de Marcello Mastroianni (pág. 140), de Robert Mitchum (pág. 143), isto para citar apenas exemplos que eu não acredito não pudessem ter sido vantajosamente substituídos. E para quê os largos «brancos» gráficos nas páginas das listagens de filmes? (o papel é caro e uma listagem é uma listagem — seca, longa, só para especialistas, não precisa de «respiração» gráfica...).

Temos portanto um catálogo muito pouco interessante (até mesmo para especialistas) com 164 páginas (formato aproximadamente A-4), tiragem de 1000 exemplares ao preço de 1000$00 cada. Não acreedito que vendam nem cem, o que quer dizer, talvez, que maços embalados de catálogos vão ficar a ornar os corredores da Cinemateca, fazendo companhia a outros seus antecessores. Centenas de livros invendáveis, só de uma penada!

Errar é humano, não quero usar de despropositada severidade. Convém, no entanto, ponderar a política de edições da Cinemateca e, se queremos preservar o essencial, não dar boas razões aos nossos detractores. Ora este catálogo é um brinde oferecido aos que apodam a Cinemateca de insensata na sua actividade editorial. Porque, de facto, editar um catálogo que não serve para (quase) nada, não lembra ao diabo!

Jorge Leitão Ramos

Com John Fante, bebendo o «vinho da juventude»

Os livros de John Fante obrigam a que se entre de pés-juntos no mistério do estilo, no enigma da escrita. É tanto mais turva, enevoada, quanto de traduções se trata. Por isso, e para começar, há que render homenagem a Brice Matthieussent, que traduziu para francês o «Vinho da Juventude», com o mesmo talento, o mesmo prazer, com que traduziu os seus três livros precedentes, publicados em França. (N.T.: Fante não está ainda traduzido em português).

Basta com que se leia uma página de Fante para que uma evidência se imponha: esta escrita é uma das mais fortes, das mais eficazes, das mais inovadoras também, que jamais foi dado a descobrir. E pouco importa que John Fante tenha morrido há três anos, depois de ter escrito os seus livros mais importantes entre 1940 e 1960: o seu estilo reside numa provocante novidade, compare-se numa maldosa vista de olhos as obras dos seus directos discípulos, trata-se de Charles Bukowski ou de Philippe Djian. Com ele, a frase escrita desembaraça-se do mais pequeno vestígio de goma, desfaz-se de falsos colarinhos e coletes demasiado apertados, deixa de se olhar ao espelho para constatar com inquietude se tem uma boa aparência, se é correcta, equilibrada, se está bem ataviada.

Não se pense com isso que ela se negligencia ou se descompõe, que ela se deixa cair em poses «canalhas», ou que sucumbe à demagogia da linguagem falada: Fante menospreza as incongruências, persegue violentamente a vulgaridade, e sobretudo, quando inventa os diálogos, mete na boca dos personagens, palavras, frases, que não soam tão maravilhosamente senão na justa medida em que são escritas.

Os cruéis e impiedosos invernos do Colorado

Desde que o cinema se tornou, nos tempos que correm, o grande promotor da literatura e que Pagnol voltou a estar na moda, pegue-se numa página do «Castelo de meu Pai», e compare-se com «O Vinho da Juventude». A aproximação não é arbitrária: John Fante, emigrante italiano de segunda geração, não escreveu outras coisas que as suas recordações de Rital: A casa de seu pai, pedreiro, sua mãe, doce e piedosa, apaixonada e submissa, aviltando a sua beleza nos afazeres domésticos e nas preocupações quotidianas da pobreza, os seus irmãos, as suas irmãs, os vizinhos, igualmente italianos, e católicos, como só se pode ser em Nápoles ou Turim, mas dificilmente no Nevada. Todo um mundo cheio de colorido e emoções vivas, pronto a inflamar-se, de lágrima fácil, palavra superlativa. Um colectvo humano bem próximo àquele que descreve Pagnol.

Quando John Fante conta os cruéis e impiedosos invernos do Colorado, pelos quais seu pai, impedido de pousar tijolo, andava às voltas pela casa como um urso numa jaula, não tem necessidade de jogar com o acento ou com o colorido de algo e especial, ele não fabrica expressões originais, ele não procura parcelas de emoções-farsa á volta das quais vai construir uma cena, e também não produz sinceridade a golpes de simpatia; isso não permite distinguir o pastis ou a lavanda e muito menos a qualidade dos diferentes spaguettis; isso distingue-se no quotidiano, na vida imediata, em recordações colhidas nas fontes da memória, e dissipa-se, esvai-ze como se Fante não escrevesse, ou, mais exactamente, como se, dum só golpe, existisse enfim uma escrita natural, ou simplesmente, fosse impossível escrever de outra forma, e que escrever não fosse mais uma arte, mas uma graça que permite agarrar e transmitir sem nada se perder, o imediato e o complicado de uma emoção, o dilacerar delicioso de um amor que nasce, a profundidade de um acto de ternura.

É, bem entendido, uma ilusão: não há nenhuma frase por simples que seja, nenhuma linha a um tempo hermética e transparente, um texto desses que lembrem um bloco granítico cheio de arestas vivas separadas da memória, que não seja do trabalho da escrita. Mas o trabalho aqui, consistiu em perseguir e eliminar sem a mínima falha, tudo o que possa levar a pensar na literatura. Todo o livro pode-se comparar a um fato, em que a função não será a de vestir (revestir), um corpo mas a de ser tecido tão finamente e de maneira tão ajustada, que revele a existência desse mesmo corpo, condenado sem ele, a não ser jamais que um fantasma, que uma nostalgia xaroposa, ou que o balbuciar de um homem ébrio empoleirado num balcão de bar e debitando confidências que a ninguém interessam.

A génese do rir e das lágrimas

Portanto John Fante não diz nada que não saibamos já; nem sobre a alma humana nem sobre a condição dos emigrantes italianos nos Estados Unidos nos anos 30. Os psicólogos e sociólogos não encontrarão nele um «chão que dê uvas». Mas todos os que gostem que os romances, mais que de conceitos e sistemas, transmitam a nata da emoção, a essência da vida, a origem do riso e da lágrima, esses, se ainda não o fizeram, lerão os três livros anteriores de Fante traduzidos em francês: «Bandini, Demande à la poussière» e «Rèves de Bunker Hill», verterão em copázios «O Vinho da Juventude», e suplicarão a Brice Matthieussent e Christian Bourgois que traduzam rapidamente e publiquem logo as duas obras de John Fante que prometeram: «The road to Los Angeles» e «1933 was a bad year».

Será tempo de acertar a hora nos relógios e de pôr Jonh Fante no lugar que lhe compete: na primeira linha dos escritores da «geração perdida».

Pierre Lepade

Ficções

Sessão nocturna

MEDO de ficar pelo caminho que parecia eterno, medo de ficar por chegar à terra onde o corpo repousaria eternamente? Contudo, chega-se sempre a uma terra com dimensões apropriadas ao corpo, aonde o repouso é garantido na dissolução por toda a vida.

Só existe um medo, o das coisas que duram tempo. O medo é o tempo a passar.

Estou atrasado para o espectáculo nocturno de correcção de uma prisioneira, escolhida arbitrariamente entre todas as que esta semana cometeram delitos sexuais. Mas nesta ilha um médico tem poder, avassaladores que são os «espíritos do pântano», sobretudo quando o director e a chefe dos carcereiros se livraram recentemente, por minha intercessão de umas malariazinhas.

Começo a estar melhor. O embrutecimento clínico sequente à tensão extrema a que a minha doença não escolhe altura para submeter-me tem esse aspecto curioso: deixa de doer. É antes a memória que me entra de atormentar, desporto-rei nestas paragens de quem conseguiu escapar ao cenário aterrador das suas faltas, capaz de planar fora do tempo.

Por causa de um colar de diamantes raptam uma rapariga, matando quem vem com ela. O grupo que a rapta é depois morto por um segundo grupo, que a guarda. O líder é a mãe. Os filhos são quatro, o mais louco é quem manda, a seguir o bonitão falso, efectivamente feio, que dois gordos completam. O mais louco apaixona-se pela rapariga.

Ela destesta-o e bebe como louca.

Um detective é posto na sua pista, e paga o resgate de um milhão. O mais louco tem ciúmes de todos. Ninguém pode subir para o andar em que a raptada vive. Vai depois viver com ela para uma casa, decorada no mais agressivo color-gosto luxuoso, de janelas muradas e portas de aço. A polícia com o detective descobre o esconderijo. Cerca a casa. Morrem um por um. A mãe abate o pai, que se queria entregar.

O louco consegue fugir com a rapariga, que é cativada pelo raptor, pelo seu amor desconjuntado e total. E dá-se-lhe. São cercados. Ele vai-se entregar à morte. O pai renega-a quando vê a rapariga ajoelhar-se ao corpo dele.

O senhor Chaves diz que é uma pessoa totalmente feliz. A sua profissão é óptima, o dinheiro não constitui uma preocupação, a sua família é também muito feliz, a sua casa é grande e tem tudo o que é preciso: uma lâmpida eléctrica, um termómetro de mercúrio, etc.

Cabral Martins

Rembrandt: «O filósofo em meditação» (Museu do Louvre)

O Vinho

NÃO é de admirar pois que o vinho venha, velho amigo, povoar dois dedos de ilusão: tasco nocturno e alguns recentes amigos participam do prazer antiquíssimo: beber a mágoa, ou não fossemos todos filhos do falhanço, da falta exposta maior no alto brilho do líquido. Comer cogumelos e pão, nova ceia onde o seio gera, e seduz a lã, essa imagem rota do delírio quando cova. Cava ctónico um riso mitridático, choros selvagens irrompem no fantástico prazer que é sentir a vida morrer, como outrora de sinal contrário era viver a morte má que atraía. Exílio, não quero lembrar, mar onde depus a essência como prémio vígil. Mais que solidão, a existência soube ver até onde podia partir o zelo e o desejo, na caça ao tesouro, fogo dorido: loucura. Nunca disse disso a sombra terrível que pairava adormecida e drástica e trágica. Dei algumas noções abreviadas da dor fé ferida pelos alçapões do desterro viril, sugeri apenas o prelúdio do suor vivido como terror, pasto da peste, essa maldade. Mas de hoje se trata. Do desafio deserto da idade, do avanço medíocre dos espaços, dos vinhos que se apropriam da membrana: consciência, esse esgar de medo, morte sã em qualquer noite, num copo o universo e a vagina quente solução: vida monstruosa. Não há necessariamente tempo para dizer quanto se sofre, se safa, se despreza elo a elo a origem e o fim: só do calor cada um se governa e escapa ao demónio único: estar é precisamente aqui, cerco e serra, revistos todos os instrumentos da idosa tortura. Tara. Um beijo fecundo, a família longe, cosmos incompleto: essa a história do sentimento, última mentira do sedutor século que traga cada vestígio do vinho.

Silva Carvalho

Acabados de chegar

■ Confissões de uma máscara, Yukio Mishima, ed. Assírio & Alvim, col. o imaginário, versão e apresentação de António Mega Ferreira

De Mishima estão actualmente traduzidos para português *O marinheiro que perdeu as graças do mar, Morte no Verão, O templo dourado, Neve de Primavera* e estas *Confissões*. A consagração, entre os leitores de livros não policiais em Portugal, veio-lhe porventura com o texto (também traduzido) que Marguerite Yourcenar lhe dedicou. Ao apresentar o livro, o seu tradutor descrevo-o como «a análise, perante si próprio, dos anos de juventude» do autor. Para este,diz Mega Ferreira, «o mundo social é *estranho, curioso;* o mundo interior é *profundo, exaltante*. Por isso, é de uma mentalidade perversa e avultada que Mishima se reclama, mesmo se este livro se mantém dentro dos limites de uma castidade sem mácula, numa contenção que satura algumas páginas de uma força erótica indomável».

Acerca da tradução propriamente dita, diz Mega Ferreira: «Na presente versão seguiu-se, tanto quanto possível, o texto inglês, até por razões de fidelidade á ausência de literalidade pretendida por Mishima. Perdoe-se a ousadia de, em algumas circunstâncias, se ter tentado ir um pouco mais além, por se tornar perceptível, aos olhos de o tradutor, uma maior *tensão literária do autor (...) Valha-nos como justificação — se esse for o caso — que o checimentos de boa parte da obra de Mishima e uma já longa convivência com a escrita do extraordinário escritor japonês o ditaram — e não o desejo de fazer obra própria. Porque é uma rara felicidade e uma honra invulgar poder associar o próprio nome à divulgação em Portugal da obra de Yukio Mishima.Tanto basta».*

De facto, a indicação versão e apresentação de António Mega Ferreira publica-se na capa, abaixo do nome do autor e do título da obra...

Marlene Dietrich e Edith Piaf

■ A crucificada, José Gil, Relógio d'Água ed., col. Ficção Portuguesa, trad. Luísa Neto Jorge.

José Gil é um nome que associamos antes de mais à Filosofia. Nela se doutorou, nela mergulha a sua actividade docente na Universidade Nova e de autor.

Mas *A crucificada*, escrito na primeira pessoa de um singular feminino, é um exercício de ficção concebido como um vasto poema quase épico, onde aflora o delírio evocativo da Ode Marítima de Álvaro de Campos, o intimismo de Ginsberg, algo do ritmo de Whitman. Floresta de nomes devolvidos por um itinerário errático, também. Para quem se habituou ao articulista da *Temps Modernes, A crucificada* torna espectacular uma espécie de outro eu. *A suivre*, naturalmente.

■ Pessoa na Editorial Comunicação

Em edições de bolso muito cuidadas, a *Mensagem*, outros *Poemas de Fernando Pessoa, Poesias de Álvaro de Campos, A poesia de Alberto Caeiro*. Apresentações críticas, selecção e linhas de leitura, ou sugestões para análise, respectivamente de Silvina Rodrigues Lopes, Isabel Pascoal, Cabral Martins e Manuel Gusmão. Trata-se de volumes da colecção *Textos Literários*, dirigida e coordenada por Maria Alzira Seixo. A edição dos textos de Caeiro inclui a nova versão conhecida de *O Guardador de Rebanhos*. A responsável pela colecção sintetiza a importância de cada livro em curtos textos de contracapa. Um trabalho de divulgação do maior interesse.-

■ À espera dos bárbaros, J.M. Coetze, ed. Dom Quixote, col. Ficção Universal, trad. José Agostinho Baptista

É o segundo livro de Coetze que se publica em Portugal (o primeiro foi *A vida e o tempo de Michael K)*. O autor, um sul-africano branco, leitor na Universidade do Cabo, pinta um fresco alegórico ao seu país, em torno de um magistrado que começa por dirigir um povoado e acaba por se tornar num opositor, em contacto com inquiridores enviados da capital. *À espera dos bárbaros* ganhou em 1980 o *James Tait Black Memorial Prize*, e ficará como um dos exemplos característicos da literatura autocensurada, e que por isso procede sobretudo por alegoria, dos últimos anos do *apartheid*.

■ Marlene D., Marlene Dietrich, ed. Dom Quixote, col. Figuras, trad. Filipa Rosa de Morais

Jorge Leitão Ramos fará, no próximo número do *LerEscrever*, a recensão desta autobiografia que Marlene decidiu escrever «para os que a amam e a recordarão», encerrando-se, para tanto, num apartamento parisiense. Não nos anteciparemos à sua leitura. Aqui deixamos, apenas, uma sugestão do que é a escrita da «diva» — e simultaneamente um traço forte da sua personalidade:

«Chamo-me Marlene Dietrich e lamento que os meus *biógrafos* pretendam que o meu nome é um pseudónimo (...) Os meus pais eram muito ricos e recebi a melhor das educações. À minha roda houve mestras e professores particulares que me ensinaram o alto alemão — Hoch Deutsch —, esse idioma puro e virgem, limpo de todo o dialecto regional. Fui-lhe sempre fiel mantive-me indiferente às alterações que está a sofrer actualmente pela superficialidade com que o tratam a maioria dos escritores alemães contemporâneos. Esta fidelidade é também uma maneira de recordar a minha infância».

■ Análise Picológica, n.os 3/4, Série 4, Instituto superior de Psicologia Aplicada

Número duplo da revista do ISPA, subordinado ao tema *Psicologia e Direito*. Conteúdos: *Projecto da Psicologia Transdisciplinar do comportamento desviante e auto-organizado*, Cândido Mendes Martins da Agra: *Piaget e a Teoria do Direito*, A. Carlos dos Santos; *Representações Sociais e Justiça*, Jacques-Philippe Leyens; *Representação da Justiça e Reacção Social*, Christian Debuyst; *A representação social da Justiça em Portugal*, Almiro Rodrigues, Elisabeth Sousa e José Marques; *Interesse do menor, contributo para uma definição*, Almiro Simões Rodrigues; *Sobre a Imputabilidade Atenuada*, Nuno Félix da Costa, Mário Simões; *Psiquiatria forense e novo Código Penal*, A. Laborinho Lúcio; e *Antologia/Psicologia e Direito*, Delfim Santos.

■ «Terra Solidária» — Revista de Questões Internacionais — n.º 3. Ed. do CIDAC. 150$00

Quando em 1983, o presidente norte-americano apresentou publicamente o programa oficialmente designado por Iniciativa de Defesa Estratégica, os órgãos de Comunicação Social socorreram-se da linguagem utilizada pela ficção científica para o divulgarem. Rebaptizado, passou a ser conhecido por guerra das estrelas e a questão-base em que assenta — a militarização do espaço — constitui-se em tema de «multidões». No entanto, são poucos os cidadãos comuns que sabem exactamente o que representa o programa da administração Reagan ou que têm conhecimento dos negócios a que este abre as portas. O texto de Viriato Soromenho Marques, que é tema da capa deste terceiro número da «Terra Solidária», é por isso um contributo útil para aqueles que preferem saber porque é que um dia o «céu lhes pode cair em cima da cabeça». Assunto em destaque neste número de «Terra Solidária» é também o das organizações internacionais, com um extenso dossier sobre a UNESCO assinado por Maria de Lurdes Pintasilgo e um comentário a propósito do «declínio da influência e da eficácia das numerosas instituições internacionais». Luís Moita e José Fialho são os autores dos dois outros dossiers contidos na revista editada pelo CIDAC. O primeiro completa neste número, com a abordagem dos aspectos económicos, o artigo dedicado às «Relações da URSS com o Terceiro Mundo». O segundo assina um texto sobre a «Fome em África» através do qual se pode inferir que não são só a seca e a herança colonial os responsáveis pela situação de «catástrofe» que se vive no continente africano.

O eu nos outros

Jovens professores de Filosofia

«EURICO deixou que Madalena lhe vertesse uma boa dose de «whisky» no copo, um tanto distraído com a discussão que, após as suas palavras, unia e dividia os outros pela sala. Lamentou, por momentos, o esquecimento a que fora votada a sobrinhita Sofia, que nesse dia (e já era noite lá fora) festejava o seu décimo aniversário. «Mas que tio não sou eu...» — pensou, aturdido com as vozes, enquanto observava a rapariguita (todas as outras crianças se tinham ido já embora) a brincar com a bengala do avô.

«Mas olhe que você, colega, não tem inteiramente razão no que diz...» — E Magalhães, também com um «wisky» na mão, veio postar-se diante de Eurico, os olhos sumidos no rosto já muito rubro.

Eurico encolheu os ombros:

«Mas quem é que tem razão, Magalhães...? Ou melhor: o que é que podemos definir como razão...? Está bem: definamos razão como expressão da realidade. Mas o que é a realidade...? A realidade é sempre algo de mutável. Subitamente, há um salto que nos desnorteia... Daí eu há pouco ter defendido que as cartas deveriam ser datadas de outra forma. Desde que o homem pôs o pé na Lua, desde que andou por lá a colher amostras, acho que nasceu um novo calendário. É uma outra era que começa, que já começou, e que exige uma nova maneira de datar as coisas... Se houve um AC, e ainda há um DC, porque não implantar um AM, isto é, um **After Moon...?** Eu explico...»

«Estás mesmo numa daquelas tuas ondas...» — interrompeu-o Alexandre, pai de Sofia, a mão no ombro do irmão.

«Eu explico... — continuou Eurico. — Há metas, por assim dizer, no tempo. Houve uma humanidade **Antes de Cristo,** houve outra humanidade **Depois de Cristo...** Ora porque não há-de haver uma humanidade **Depois da Lua,** ou melhor dizendo, **After Moon,** uma vez que quem lá foi falava inglês, embora anasalado, pois que é assim que os americanos falam...?»

Eurico tinha-se exaltado, levara o «whisky» aos lábios, quase batera com um pe´no chão. Houve risos — e Madalena, em torno do gira-discos, atirou-lhe com uma capa de Brel:

«Sempre te digo, Eurico, que és um despistado...»

Eurico levantou-se, deu uma volta pela sala, beijou Sofia na testa. E disse:

«Qual despistado, nem meio despistado... Apesar da Lua, e dos outros voos pelo espaço, ainda estamos com muita terra em nós! Esse é que é o nosso dilema... Estamos aqui em despedida, cada um vai leccionar em terras diferentes, e a verdade é que nos estamos a despedir na festa de anos da minha sobrinha. Significa isto, meus queridos, que os costumes da Terra, do globo que habitamos, ainda não nos abandonaram... Estamos ainda presos a muita coisa que vem da terra, floresce na terra, apodrece na terra... Todos os nossos gestos estão carregados de terra! Até um beijo, até uma festa na cabeça de um gato... Somos terra, amamo-nos como terra,aprendemos terra em cada livro que lemos... Este é que é o dilema: a expansão pelo espaço cósmico e o pé na terra amorável... Não se ofendam, mas quem não viver este dilema não passa de uma besta!»

Magalhães disse «Ah...», os olhos cada vez mais sumidos — e Madalena, baixando o som de «Ne me quitte pas...», foi entoando as terras para onde cada um iria leccionar Filosofia:

«Tu ficas em Setúbal, eu vou para Bragança, Magalhães 'salga-se' em Alcácer do Sal...»

Ana, a um canto da sala, ergueu um braço:

«E eu para Evora!»

Eurico olhou-a, assim tão pequena lá ao fundo, hesitou num passo em sua direcção. Mas logo continuou, circulando agora a mesa, qual um satélite em torno de um planeta:

«Mas há mais, meus queridos! E o que vou dizer é terrível... Já pensaram vocês que a luz das estrelas que os telescópios captam, ali na chapa fotográfica, tem por vezes uma existência de onze milhões de anos-luz...? Quer isto dizer que quando essa luz começou a ser irradiada, a partir de uma estrela que já não existe agora, não existiam ainda a Terra, o sistema solar, a Lua, talvez a própria Via Láctea! Onze milhões de anos-luz, já calcularam...? Ora que pensar disto tudo...? Que o sistema solar é uma 'short story', que a Terra e a Lua são 'short stories', que nós somos diminutas e transitórias 'short stories'... Que é um gesto, que é um beijo, que é um amor...? Nem sequer, meus queridos, chegam a ser 'short stories'... Que zeros não somos nós todos!»

«Se as coisas são assim — disse Ana, com as prendas de Sofia amontoadas atrás de si —, o tal dilema deixa de existir! O homem já não se divide entre o espaço cósmico e a terra amorável... Ou não será assim...?»

Eurico olhou-a, subitamente surpreso, e disse humildemente:

«É isso, é... Até um dilema não deixa de ser uma 'short story'...»

Houve um silêncio, Sofia adormecida no colo do avô, o gira-discos parado de todo. Magalhães respirou fund:

«Vai ensinar Filosofia assim lá em Bragança e verás o que te acontece...»

E Madalena:

«Sempre te digo, Eurico, que és um despistado...»

Ana, já em despedida, veio até Eurico com um brilho húmido nos olhos (e pouco depois a casa ficou vazia):

«Sempre te digo, Eurico, meu filósofo de pouca fama, que sou a 'short story' que te ama!»

Pedro Alvim